

KAROLINE CARULA

***As Conferências Populares da Glória e as discussões do
darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)***

Dissertação de mestrado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de Filosofia
e Ciências Humanas da Universidade Estadual de
Campinas sob a orientação da Prof^a Dr^a Iara Lis
Franco Schiavinatto

Este exemplar corresponde à redação final
da Dissertação defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em 27 / 02 / 2007

BANCA

Prof^a Dr^a Iara Lis Franco Schiavinatto (orientadora)

Prof^a Dr^a Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira

Prof. Dr. Jefferson Cano

FEVEREIRO – 2007

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH – UNICAMP

Carula, Karoline

C25c **As Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880) / Karoline Carula. -**
- Campinas, SP: [s.n.], 2007.

Orientador: Iara Lis Schiavinatto.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Darwin, Charles, 1809-1882 – Forum (Debates). 2. Conferências Populares da Glória. 3. Imprensa – Rio de Janeiro (RJ) – 1873-1880. 4. Azevedo, Aluisio, 1857-1913 – O mulato. I. Schiavinatto, Iara Lis. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Título em inglês: Popular Conferences of Gloria and the darwinism discussions in the carioca press (1873-1880).

Palavras-chave em inglês (Keywords): Darwin, Charles, 1809-1882 – Forums (Discussion and debate); Popular Conferences of Gloria; Press – Rio de Janeiro (RJ) – 1873-1880; Azevedo, Aluisio, 1857-1913 – O mulato.

Área de concentração: Política, memória e cidade

Titulação: Mestre em História

Banca examinadora: Iara Lis Schiavinatto (orientador)
Jefferson Cano
Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira

Data da defesa: 27/02/2007

Programa de Pós-Graduação: Pós-graduação em História

Resumo

Esta dissertação analisa as Conferências Populares da Glória, enfatizando o debate gerado na imprensa com as suas preleções que tiveram o darwinismo como tema, entre os anos de 1873 e 1880. As Conferências da Glória tiveram início em 1873, e tinham como meta divulgar um conhecimento científico entre a camada letrada da cidade do Rio de Janeiro. A temática abordada durante estes encontros estava centrada em assuntos culturais e científicos, destes enfoco o darwinismo, pois foi o que maior celeuma provocou na imprensa, com favoráveis e contrários à nova teoria. Além disso, procuro compreender como as discussões e polêmicas geradas como resultado destas conferências serviram para preparar um determinado público, em 1881, para ler o romance *O mulato*, de Aluísio Azevedo, e identificar as referências darwinistas existentes nele.

Abstract

This dissertation analyses the Popular Conferences of Gloria [Conferências Populares da Glória], emphasizing the debate produced in the press about their speeches that had the Darwinism as subject, between 1873 and 1880. The Conferences had begun in 1873, and had the purpose to publicize a scientific knowledge among the erudite groups of Rio de Janeiro. The approached theme during these meetings was centered on cultural and scientific matters, and among these I emphasize the Darwinism, because it was the subject that caused great controversy on the press between who was adept and who was adverse of this theory. Moreover, I intend to understand how the discussions and controversies produced as results of these conferences served to prepare a specific audience to read, in 1881, the novel called *O Mulato*, written by Aluisio Azevedo, and to identify his Darwinists references on it.

Agradecimentos

Se chegou o momento de agradecer é porque todo o resto já acabou... fico feliz pelo término, pois o cansaço é imenso e as expectativas futuras maiores. Não posso esquecer do processo, que foi repleto de alegrias e tristezas, e de todos aqueles que contribuíram com este trabalho.

À Prof. Dra. Iara Lis Franco Schiavinatto agradeço a orientação e a leitura criteriosa. Aos membros da banca de qualificação, Prof. Dr. Jefferson Cano e Profa. Dra. Silvana Rubino, pela leitura que fizeram do trabalho. Ao apoio financeiro da CAPES, com a bolsa de mestrado, e da FAEP, com o financiamento da viagem para o Rio de Janeiro.

Aos funcionários dos arquivos e bibliotecas onde pesquisei, em especial aos do Arquivo Edgard Leuenroth, que sempre foram muito atenciosos, prestativos e gentis – principalmente, Mário, Ema, Isabel, Emerson – muito obrigada pela ajuda e paciência.

Aos amigos agradeço pelo apoio contínuo. Às maravilhosas amizades construídas durante o mestrado: Marcelo Mac Cord, Carlos Eduardo Araújo, Aldo Luiz Leoni e Robério Santos Souza com quem compartilhei ótimos momentos, além de muitas crises acadêmicas. Marcela Miwa, que recentemente apareceu em minha vida e já ocupa um lugar muito especial. Adilton Martins e Glaydson José da Silva, que acompanharam de perto boa parte desta empreitada, brindaram as alegrias e me ajudaram nos momentos difíceis. Margarida Maria de Carvalho, pelo carinho e apoio. Roberta Alexandrina da Silva, que trouxe sua alegria e amizade. Jair Batista da Silva, pelo convívio regado com divertidas conversas.

Os velhos amigos... Guilherme Pinheiro Pozzer e Flávio Carnielli, presenças marcantes, que tornaram as coisas mais alegres e menos dolorosas. Mairon Escorsi Valério, pelas excelentes conversas de longa data. Paula Christina Bin Nomelini, mesmo que distante, sempre esteve presente. Ana Helena Cobra Fernandes e Joca, por terem me abrigado e dedicado um carinho constante. Paulo Miceli, pela amizade e confiança desde os tempos da graduação e que crescem cada vez mais. Renilson Rosa Ribeiro, fiel e leal, em todos os momentos presente e pronto para tudo. Karen Fernanda Rodrigues de Souza, a Kafer, alegre e prestativa, compartilhamos muitas coisas boas e, por ironia do destino, muitas ruins também... mas sempre juntas.

Aline Carula, Júnior Amaral e o pequeno Ivan Carula Amaral, agradeço pelas alegrias e apoio permanente. Aos meus pais, Alaíde Campolina Carula e Rogério Carula, muito obrigada por sempre me apoiarem incondicionalmente, com certeza sem este amparo nada seria possível. Vocês são demais!

Jonis Freire, nem sei o como posso agradecer, companheiro e historiador... muita coisa para elencar... muito difícil de verbalizar... Obrigada simplesmente por tudo – carinho, compreensão, paciência...

Sumário

Introdução.....	1
Capítulo 1	
As Conferências Populares da Glória e a divulgação da ciência	15
Conferências e ciência.....	16
Entre conferências e preleções?.....	20
O funcionamento das Conferências da Glória.....	25
Conferências Populares?.....	32
As Conferências Populares: espaço de sociabilidade.....	38
A formação de uma opinião pública.....	46
Outras conferências... ..	63
Capítulo 2	
O darwinismo nas Conferências Populares da Glória	67
O darwinismo segundo Miranda Azevedo.....	68
Darwinismo para o bem da pátria.....	70
Divulgar o darwinismo é crime.....	79
É o homem parente do macaco?.....	90
Outras conferências sobre o darwinismo.....	107
Capítulo 3	
<i>O mulato</i> e o darwinismo	113
Aluísio Azevedo – literato e jornalista.....	114
<i>O mulato</i>	123
Ciência em <i>O mulato</i>	130
Considerações finais.....	161
Fontes.....	167
Bibliografia.....	170
Anexo	
Conferencistas que ocuparam a tribuna da Glória entre os anos de 1873 e 1880.....	177

À Lúcia Salvatierra Campolina

(in memoriam)

INTRODUÇÃO

O século XIX foi marcado pelo aparecimento e difusão de teorias científicas de cunho determinista – positivismo, evolucionismos, naturalismo, darwinismo social, marxismo. Originárias da Europa, essas matrizes de pensamento foram propagadas, discutidas e redefinidas para além do velho mundo. Dentre elas centro meu estudo no darwinismo social. Pois, até a primeira metade do século XX esta corrente de pensamento foi utilizada para legitimar teorias racistas no Brasil, país representado como mestiço.¹

Em 1859 o naturalista inglês Charles Darwin publicou *A origem das espécies*, livro em que expôs sua teoria a respeito da determinação da seleção natural sobre a evolução biológica.² As idéias de Darwin foram interpretadas e ressignificadas em diversas áreas do conhecimento, sobretudo nos estudos comportamentais das sociedades, que passaram a incorporar em seu léxico termos e conceitos extraídos da obra do naturalista, tais como “seleção do mais forte”, “competição”, “evolução”, “hereditariedade”, “sobrevivência do mais apto”.³ O darwinismo já nasceu cosmopolita e universalizante, ao propor uma origem única a todos os homens. Seus pressupostos causaram enorme impacto e geraram grande polêmica, alcançando diversos países, regiões e camadas sociais, com grande repercussão entre letrados e religiosos no Ocidente.

¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

² O título original do livro é *On the origin of species by means of natural selection*.

³ Nesse sentido, Lilia Moritz Schwarcz destaca – “na psicologia, com H. Magnus e sua teoria sobre as cores, que supunha uma hierarquia natural na organização dos matizes de cor (1877); na lingüística, com Franz Bopp e sua procura por raízes comuns da linguagem (1867); na pedagogia, com os estudos do desenvolvimento infantil; na literatura naturalista, com a introdução de personagens e enredos condicionados pelas máximas deterministas da época, para não falar da sociologia evolutiva de Spencer e da história determinista de Buckle.” SCHWARCZ, Lilia M. op. cit., p. 56. Com relação à literatura, Roberto Ventura evidencia que Hippolyte Taine e Ferdinand Brunetière “Transferiram para a literatura os conceitos biológicos do darwinismo e do evolucionismo, como a lei da *sobrevivência do mais apto* e da *seleção natural*.” Grifos do autor. VENTURA, Roberto. História e crítica em Sílvio Romero. In: *História da literatura: ensaios*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994, p. 40. Arno Mayer ressalta que Karl Marx, “na introdução ao segundo volume de seu *O Capital*, propôs encarar ‘a evolução da formação econômica da sociedade como um processo de história natural’”. MAYER, Arno J. *A força da tradição: a persistência do Antigo Regime, 1848-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 274.

O darwinismo penetrou na sociedade brasileira em um momento que importantes discussões ocorriam – mudanças na organização do trabalho, fim do sistema escravista, modificação do regime político – com isso, ele foi utilizado de diferentes maneiras pela camada letrada que estava envolvida nestes debates. O discurso cientificista – e aí também acerca do darwinismo social – começou a ser produzido e difundido no Brasil como um argumento novo para a compreensão e solução dos problemas nacionais.⁴

A teoria de Darwin foi complementada no Brasil por Fritz Müller. Radicado no Brasil desde 1852, o naturalista alemão Fritz Müller escreveu, em 1864, o livro *Für Darwin*, publicação que demonstrava o pensamento darwinista por meio de estudos embriológicos em crustáceos.⁵ O texto repercutiu pouco no meio científico brasileiro, porém teve boa aceitação na Alemanha e na Inglaterra. Foi traduzido para o inglês por sugestão do próprio Darwin, que se tornou correspondente de Müller.⁶ Entre os anos de 1876 e 1891, o pesquisador alemão trabalhou como viajante naturalista do Museu Nacional, período em que publicou 17 artigos relacionados ao darwinismo na revista *Archivos do Museu Nacional*.⁷

A apropriação e ressignificação das idéias darwinistas também podem ser observadas nos museus brasileiros de história natural. A partir de 1870, estes espaços

⁴ Cf. CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. SCHWARCZ, Lilia M. op. cit.

⁵ Quando escreveu este livro Müller era professor de matemática no Liceu Provincial em Desterro, província de Santa Catarina. Nelson Papavero evidencia a originalidade do pensamento de Fritz Müller ao comprovar a teoria de Darwin. PAPAVERO, Nelson. Fritz Müller e a comprovação da teoria de Darwin. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol et alii. *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

⁶ Cf. DOMINGUES, Heloisa, SÁ, Magali. Controvérsias evolucionistas no Brasil do século XIX. In: DOMINGUES, Heloisa et alii. op. cit.

⁷ Ibidem.

tiveram papel essencial na institucionalização das ciências naturais no país.⁸ A organização das áreas de atuação, os temas das pesquisas realizadas bem como os seus resultados, e a exposição do material dos museus foram marcados pelas idéias evolucionistas posteriores à obra *Origem das espécies*.⁹ A produção científica do Museu Nacional indicava o interesse pelo evolucionismo. Aí, destacava-se a figura de Ladislau Netto, diretor do Museu entre 1875 e 1893. Durante sua administração a instituição esteve envolta em discussões arqueológicas e antropológicas a respeito da origem dos povos na América, baseadas nos paradigmas evolucionistas.¹⁰

Nas faculdades de medicina e de direito, por seu turno, as idéias darwinistas eram analisadas e discutidas.¹¹ Na década de 1870, na Faculdade de Direito do Recife era estruturada uma nova concepção do direito, fundamentada em uma dimensão científicista, marcada pela associação de conceitos da área com princípios da antropologia física determinista e do evolucionismo.¹² Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, mereceu destaque a tese defendida por Augusto Cezar Miranda Azevedo, em que expôs a proposição

⁸ Maria Margaret Lopes enfatiza esta institucionalização e destaca a marcante presença de trabalhos evolucionistas e positivistas nos museus brasileiros de fins dos oitocentos. LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997. Para estudar a presença do evolucionismo no Brasil, Regina Cândida Ellero Gualtieri analisa os museus de história natural por serem as instituições que mais se dedicaram ao estudo das ciências naturais no país do final do século XIX. Assinala, desta maneira, o papel significativo que estes espaços tiveram na apropriação e ressignificação das idéias darwinistas. GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. *Evolucionismo e ciência no Brasil: museus, pesquisadores e publicações, 1870-1915*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo.

⁹ GUALTIERI, Regina C. E. op. cit.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Therezinha Alves Pereira Collichio ressalta as seguintes teses produzidas: em 1874, a defesa da teoria de Darwin feita por Augusto Cezar Miranda de Azevedo e, em 1876, a de Joaquim de Souza Ribeiro Mendonça, na qual, baseado no positivismo, combateu a teoria darwinista, ambas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; em 1875, a tese de doutoramento, na Faculdade de Medicina da Bahia, de Domingos Guedes Cabral, que fundamentava seus estudos sobre o cérebro em princípios darwinistas; em 1875, a tese de Sylvio Romero, defendida na Faculdade de Direito do Recife, na qual estruturou seu argumento nas idéias do darwinista Rudolf Ihering. COLLICHIO, Therezinha Alves Pereira. *Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988, p. 46.

¹² Cf. SCHWARCZ, Lília M. op. cit., p. 149.

“Do darwinismo – É aceitável o aperfeiçoamento cada vez mais completo das espécies até o homem?”. O médico aí defendia as idéias da teoria de Darwin.

Em uma perspectiva iluminista e romântica, na qual a camada esclarecida estaria incumbida de levar o conhecimento ao resto da sociedade, os letrados do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro estruturaram seu projeto de escrever a história nacional, baseada na compreensão da origem da nação.¹³ Para tal, a apropriação e ressignificação do evolucionismo também serviu como suporte para se redigir uma história ligada aos interesses políticos oficiais e aos princípios católicos.¹⁴ Cabe também salientar que, os estudos do IHBG, na década de 1870, acerca da arqueologia e da etnografia brasileiras foram marcados pela presença do discurso evolucionista.¹⁵

As idéias darwinistas ultrapassaram o circuito das instituições letradas de saber e ensino – museus, faculdades de medicina e de direito, institutos históricos e geográficos – por meio das Conferências Populares da Glória, conferências públicas realizadas inicialmente na escola da Freguesia da Glória no Rio de Janeiro¹⁶. Em 1875, no bojo das Conferências, o médico Augusto Cezar de Miranda Azevedo iniciou um conjunto de

¹³ GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

¹⁴ Lília Schwarcz adverte que não só no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, mas também em outras instituições de pesquisa que congregavam os letrados brasileiros, foram adotados preferencialmente os modelos evolucionista e social-darwinista de pensamento. Cf. SCHWARCZ, Lília M. op. cit.

¹⁵ Neste sentido, Lúcio Menezes Ferreira ressalta que: “[...] o sítio arqueológico, agora, arquiva uma sucessão temporal, uma seqüência de estágios e transformações, uma linha evolutiva onde se pode trilhar os momentos vividos pelo ancestral arcaico do homem civilizado, a raça primitiva, que eventualmente degenerou, fossilizou-se na primitividade ou alcançou, em lenta aceleração, formas simples de civilização.” FERREIRA, Lúcio Menezes. *Vestígios de civilização: a arqueologia no Brasil Imperial (1838-1877)*. Campinas, SP, 2002. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas, p. 109.

¹⁶ COLLICHIO, Therezinha A. P. op. cit. FONSECA, Maria Rachel Fróes da. As “Conferências Populares da Glória”: a divulgação do saber científico. *História, ciências, saúde – Manguinhos*. v. 2, n. 3, p. 135-166, nov. 1995/fev. 1996.

preleções que tinha por objetivo apresentar e difundir o darwinismo na capital do Império.¹⁷ Entre 1875 e 1880, foram realizadas outras conferências que abordavam esse tema, e suscitaram um debate na imprensa carioca, com manifestações de apoio e repúdio, indicando que a aceitação e a recepção desta teoria não se deram de forma pacífica.

O objetivo deste trabalho é analisar a dinâmica de funcionamento das Conferências Populares da Glória e a sua constituição como espaço de sociabilidade e de formação de opinião pública, entre os anos de 1873 e 1880. Neste sentido, enfoco a celeuma gerada na imprensa carioca em consequência das preleções que abordaram o tema do darwinismo. Focalizo este assunto, pois foi o que obteve maior repercussão seguida de polêmica nos periódicos do Rio de Janeiro; nomeadamente, no *Jornal do Commercio*, n' *O Globo*, na *Gazeta de Noticias*, n' *O Apostolo*, no *Diario do Rio de Janeiro* e na *A Reforma*. Por fim, pretendo compreender como estas discussões possibilitaram que a camada letrada da Corte ao ler o romance *O mulato*, de Aluísio Azevedo, em 1881, percebesse os argumentos de caráter darwinista utilizados pelo autor.

Tenho como recorte cronológico o período de 1873, ano de inauguração das Conferências Populares, e 1880, quando o tema do darwinismo aparecia no campo literário como em *O Mulato*, de Aluísio Azevedo. Esta obra foi, segundo o próprio autor, escrita em 1880, e publicada em 1881.¹⁸

Desta forma, essa pesquisa analisa de que modo, na cidade do Rio de Janeiro no período, o darwinismo tornou-se objeto de debate na grande imprensa, tendo nas Conferências Populares da Glória uma mediação entre a fala organizada, que foi tantas

¹⁷ COLLICHIO, Therezinha A. P. op. cit.

¹⁸ MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo, vida e obra (1857-1913): o verdadeiro Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo Banco Sudameris; Brasília: INL, 1988.

vezes publicada nos jornais de maior circulação, com uma recepção mais acessível junto ao público.

Como fontes principais para o estudo da recepção e repercussão do darwinismo exposto nas Conferências, mapeei artigos publicados sobre o tema grande imprensa da Corte e as próprias Conferências publicadas de forma dispersa. Essas fontes foram confrontadas e, então, analisei os modos como as idéias darwinistas repercutiram e o quão conflituosa foi a concepção desse saber entremeadado ao ideário político no Rio de Janeiro no período estudado.

Jornal do Commercio, Diario do Rio de Janeiro, Gazeta de Noticias, O Globo, O Apostolo e A Reforma noticiavam as conferências que iriam acontecer e publicavam os discursos na íntegra ou seu resumo. Eles também traziam artigos, em suas diversas seções, que debatiam as Conferências e as idéias aí expostas.

O *Jornal do Commercio* sempre teve um forte interesse pela agenda política e esteve inserido em mais de um debate letrado. Fundado por Pierre Plancher em 1827, foi o segundo jornal brasileiro de tiragem regular, no decorrer do século XIX se tornou uma das maiores folhas brasileiras, sendo ainda hoje editado;¹⁹ no recorte analisado pertencia a Julio Constancio de Villeneuve.²⁰ Em 1871, sua tiragem era de 15 mil exemplares.²¹ A partir de

¹⁹ Na década de 1870, o escritório e a tipografia localizavam-se à rua do Ouvidor, 65. A assinatura para a Corte e para Niterói custava 30\$000, um ano; 22\$000, nove meses; 15\$000, seis meses; e 8\$000, três meses. Para as outras províncias os valores eram 34\$000, anual; 27\$000, nove meses; 18\$000, três meses; e 10\$000, três meses.

²⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

²¹ FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999, p. 83.

1850 passou a publicar integralmente os discursos parlamentares, que eram taquigrafados previamente, levando “a linguagem mais apurada” da Corte a outras regiões.²²

O Apostolo, jornal católico publicado entre 1866 e 1901, afirmava ser sua missão ensinar a “boa doutrina”.²³ No período estudado, representava a política de romanização e o pensamento ultramontano – que desejava moralizar o clero, reforçar a estrutura hierárquica da Igreja, diminuir o poder dos leigos organizados em irmandades, além de se posicionar contra o pensamento liberal moderno. Pretendia estabelecer uma concepção de progresso, civilização e ordem coerentes com os princípios do catolicismo de Roma e, assim, se inseria no debate político.

Em 1874 foi criada a *Gazeta de Noticias* por Manuel Carneiro, Elysio Mendes e Ferreira de Araujo, sendo este também o redator-chefe. Entre 1877 e 1881, contou com a colaboração de José do Patrocínio, tornando-se lugar de campanha abolicionista engajada.²⁴ Inserida no rol das grandes folhas da Corte, possuía linguagem mais simplificada, era barata e de grande tiragem. Inovou ao circular também por meio da venda de exemplares avulsos pela cidade.²⁵ Tais características conferiram à *Gazeta* um aspecto mais ágil, mais

²² ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: ____ (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 2.

²³ Martha Abreu salienta que era significativa a difusão de *O Apostolo* nas diversas regiões do país. D. Lacerda, reitor do Seminário de S. José, foi o fundador do periódico, sendo responsável pela edição até sua morte em 1883. Entre 1869 e 1890, D. Lacerda, então bispo do Rio de Janeiro, transformou a publicação em uma espécie de órgão oficial da diocese. ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro – 1830 e 1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999. Inicialmente publicado duas vezes por semana, chegou a ser publicado três vezes entre os anos de 1875 e 1878. Na década de 1870 a assinatura de *O Apostolo* para a Corte e Niterói custava 6\$000, anual; e 3\$000, semestral; para as outras províncias a assinatura era anual, e custava 7\$000. A tipografia e o escritório ficavam na rua Nova do Ouvidor, números 16 e 18, respectivamente.

²⁴ SODRÉ, Nelson W. op. cit.

²⁵ No recorte em questão, a *Gazeta de Noticias* custava 40 réis, a assinatura mensal para a cidade do Rio de Janeiro e Niterói saía por 1\$000, para as outras províncias a assinatura era trimestral e valia 4\$000. O escritório ficava na rua do Ouvidor, 70, com tipografia própria, que ficava neste mesmo endereço.

abrangente na sua recepção, diferente das outras publicações existentes e empenhada na luta abolicionista.²⁶

Originada do Clube da Reforma em 1869, sob a direção de Francisco Otaviano, *A Reforma* foi tida como o jornal oficial do partido liberal até janeiro de 1879, quando foi extinto.²⁷ Marcou por ser uma publicação inclinada aos interesses liberais: reformas eleitoral e judiciária, término do recrutamento militar e da Guarda Nacional. Em 1872, Affonso Celso de Assis Figueiredo tornou-se o diretor de *A Reforma*, que contou com a colaboração de Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes, José Cesário de Faria Alvim e Joaquim Serra, que assumiu sua direção em 1873, ficando com esta tarefa até sua morte, e conduziu a publicação na lista das mais lidas na Corte.²⁸

Fundado em 1821 por Zeferino Victor Meirelles, o *Diario do Rio de Janeiro* circulou até 1878.²⁹ Considerado o primeiro jornal informativo a circular no Brasil, proporcionou ao leitor uma grande quantidade de anúncios e informações, firmando-se como empresa comercial. Segundo Nelson Werneck Sodré, o *Diario do Rio de Janeiro* “Do ponto de vista político, entretanto, em nada alterou o quadro. Se não fez o aulicismo da fase anterior, em vias de ser rompido, não realizou também nada em contrário”.³⁰

²⁶ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

²⁷ Tinha como subtítulo “Órgão democrático”, e para reforçar esta proposta, em seu cabeçalho vinha escrito “Não se admite testas de ferro”. A assinatura para a capital e Niterói custava por ano 18\$000; por seis meses 12\$000; por três seis meses 8\$000; e por três meses 4\$000. Para as demais províncias o valor era 20\$000, anual; 15\$000, nove meses; 10\$000, seis meses; e 6\$000, três meses. O exemplar avulso do dia custava 100 rs. Para se anunciar no jornal deveria se pagar 60 rs pela linha. O escritório e a tipografia se situavam à rua Sete de Setembro 181.

²⁸ SODRÉ, Nelson W. op. cit.

²⁹ Foi propriedade de Antonio Maria Navarro de Andrade e Luiz Antonio Navarro de Andrade, a partir de julho 1852. Em 1875 era propriedade de F. C. Neves Gonzaga & C. A tipografia e o escritório ficavam na rua do Ouvidor, número 59 e 89, respectivamente. A assinatura para a Corte custava 24\$000, um ano, 18\$000, nove meses, 12\$000, seis meses, e 6\$000, três meses. Para as outras províncias os valores eram 28\$000, anual, 21\$000, nove meses, 14\$000, três meses, e 8\$000, três meses.

³⁰ SODRÉ, Nelson W. op. cit. p. 51.

O Globo foi inaugurado em 1874 por Salvador de Mendonça, teve sua publicação suspensa em 1878, ressurgiu em 1881 e perdurou até 1883.³¹ Tinha como subtítulo: “Órgão dedicado aos interesses do comércio, lavoura e indústria”. Em seu cabeçalho expunha algumas das linhas que pretendia seguir, logo ao centro estava a sua pretensão de imparcialidade “Completa neutralidade na luta dos partidos políticos”, justificado à direita vinha “Oferta gratuita de suas colunas a todas as inteligências que quiserem colaborar em assuntos de utilidade pública”, indicando que os temas ali noticiados seriam, por ele considerado, de “utilidade pública”.

Nestes jornais, as Conferências Populares da Glória eram noticiadas em seções diversificadas. Em geral, apareciam com assuntos relativos à associações, sociedades e instituições (Museu Nacional, Faculdade de Medicina, Escola Politécnica, Jardim Botânico, Instituto Farmacêutico); e também em anúncios e comentários de espetáculos musicais e teatrais; lançamento de publicações, o que indica que as Conferências eram compreendidas como uma atividade letrada, artística e de uma sociabilidade culta.³² Os nomes das seções nos periódicos pesquisados eram: “Noticiário”, em 1874, a partir de 1875 “Seção noticiosa” – *O Apostolo*; “Noticiário” – *Diario do Rio de Janeiro*; “Registro diário”, em 1874, “Crônica local”, em 1875, “Crônica diária”, em 1876, “Notícias diárias”, em 1877 e 1878 – *O Globo*; “Gazetilha” – *Jornal do Commercio*; “Fatos diversos” – *A Reforma*; na *Gazeta de*

³¹ A assinatura de *O Globo* para a cidade do Rio de Janeiro e Niterói custava 20\$000, anual, 18\$000, nove meses, 12\$000, seis meses, e 7\$000, três meses. Para as demais províncias a assinatura anual era de 24\$000 e a semestral de 14\$000.

³² Acerca do *Jornal do Commercio* Tânia M. T. B. da C. Ferreira destaca que: “O *Jornal do Commercio* fazia publicações freqüentes sobre associações que tinham atas divulgadas publicamente. Através delas podiam-se obter detalhes do funcionamento de suas bibliotecas – doações, ofertas, principalmente daquelas mais significativas nos meios intelectuais e acadêmicos: Instituto Politécnico Brasileiro, Associação Promotora de Instrução, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Grêmio Fluminense e Sociedade Propagadora das Belas Artes. Todos esses itens, tão freqüentes nas páginas do *Jornal do Commercio*, desvendavam uma ativa vida cultural que, por interessar a um grupo pouco numeroso de letrados, permitia encontro freqüente àqueles que se envolviam em uma atividade não habitual a muitas camadas da população carioca.” FERREIRA, Tânia M. T. B. da C. op. cit., p. 110

Noticias essa seção não tinha nome. Exceto no caso de *O Apostolo*, essas seções também noticiavam falecimentos, casamentos, prisões, crimes, audiências jurídicas, meteorologia, dentre outros.

As Conferências eram anunciadas em seções destinadas apenas a informes rápidos, pequenas notas divulgando o tema da preleção que iria acontecer e o nome do orador. Essas seções, nos jornais analisados, possuíam os seguintes nomes: “Avisos” – *O Globo*, *Jornal do Commercio* e *Gazeta de Noticias*; “Várias notícias” – *Gazeta de Noticias* e *Diario do Rio de Janeiro*; “Avisos importantes” – *O Globo*; *O Apostolo* e *A Reforma* não possuíam esse tipo de seção. Em ambas seções, a de notícias diversas e a de avisos, as Conferências Populares da Glória, além de virem enunciadas com este título, também eram representadas como: conferências populares, conferências da Glória, conferências públicas, conferências literárias, conferências científicas. Isto indica a percepção que se tinha de tais preleções, das quais se destacava o fato de serem públicas e de apresentarem temas considerados como literários e científicos.

Os leitores das folhas, por seu lado, poderiam expor suas apreciações das Conferências da Glória. Os periódicos analisados possuíam seções específicas destinadas à expressão da opinião do público leitor. A seção se chamava “Publicações a pedido” no *Jornal do Commercio*, na *Gazeta de Noticias*, no *Diario do Rio de Janeiro*; “Parte não editorial” em *A Reforma*; e “Ineditoriais” em *O Globo*. Excepcionalmente, algumas conferências eram debatidas em outras seções como, por exemplo, no “Editorial”. *O Globo* possuía um espaço chamado “Seção literária”, no qual às vezes publicava na íntegra as preleções. *O Apostolo* também tinha uma “Seção literária”, mas nesta elas eram apenas

discutidas, algumas eram parcialmente apresentadas no espaço “Transcrição” – vale ressaltar que não se tratava, porém, de uma transcrição literal da preleção.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, analiso as Conferências Populares da Glória entre os anos de 1873 e 1880. Busco compreender as razões de sua criação e, então, relaciono isso com a necessidade de se difundir a ciência no país, com vistas a alcançar a civilização, destaco aqui os temas relacionados às ciências naturais. Em seguida, diferencio os termos conferência e preleção, empregados pela imprensa para se referir às Conferências da Glória. Tento explicar o seu funcionamento e rotina ao longo do período em questão. A fim de mapear o público presente, trabalho a concepção de popular para a imprensa e para o idealizador dos encontros. Neste sentido, constatei diferenças entre ambos, indicando o público que se pretendia atingir. Os encontros da tribuna da Glória reverberavam na imprensa, sendo o inverso também válido. As Conferências se firmaram como mais um espaço de sociabilidade letrada na sociedade carioca. Com isso, reflito sobre o papel destes dois espaços de formação de opinião pública na inserção das ciências naturais na sociedade do Rio de Janeiro da década de 1870. Por fim, apresento conferências criadas em outras cidades e províncias, mostrando a atuação das Conferências da Glória nisso.

O darwinismo foi apresentado nas Conferências Populares da Glória por vários oradores, alguns versaram sobre o tema mais diretamente, outros atravessaram o assunto. No segundo capítulo trato dessas conferências – suas recepção e repercussão na imprensa carioca. Para tal, faço uma breve análise da trajetória do médico Augusto Cezar de Miranda Azevedo e a reverberação de suas palavras nos jornais da Corte, uma vez que ele foi o

primeiro, mas não o único, a proferir a teoria de Darwin na tribuna da Glória. Em seguida, abordo as preleções de outros conferencistas que tiveram como temática o darwinismo.

As idéias científicas também estiveram presentes na literatura produzida no final dos oitocentos. Os letrados da geração de 1870 foram precursores na propagação dessas idéias novas; sua produção literária esteve permeada, principalmente nas obras naturalistas, por vocabulário e conceitos extraídos da teoria de Darwin.³³ Isto posto, no último capítulo dedico minha análise à presença do darwinismo na obra *O mulato*, de Aluísio Azevedo. Publicado em 1881, o romance possui, nas construções do enredo e das personagens, conceitos e termos das ciências naturais, em especial o darwinismo. Inicialmente me dedico a analisar a atuação profissional de Aluísio Azevedo, como jornalista e romancista, sublinho seu papel de literato cosmopolita, conhecedor da literatura e das idéias em voga na época. Em seguida, apresento *O mulato*, assinalando suas influências literárias e sua recepção. Por fim, analiso como os princípios darwinistas aparecem na obra, destaco de que maneira estes pressupostos estão relacionados com os que foram expostos nas Conferências Populares da Glória e polemizados na imprensa na década de 1870. Indico como as preleções darwinistas preparam o público leitor para a recepção e compreensão destes preceitos no romance.

³³ Roberto Ventura destaca que “Debatiam-se a origem das espécies, as leis da evolução e suas possíveis aplicações à literatura, à cultura e à sociedade. Nas polêmicas os letrados lutavam por suas idéias e grupos, pela ‘sobrevivência’ ou morte na cena da literatura e do jornalismo”. VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 13. Conferir também: SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Silvio Romero*. São Paulo: Edusp, 1988. CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. LIMA, Luiz Costa. *A crítica literária na cultura brasileira do século XIX*. In: *Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

**AS CONFERÊNCIAS POPULARES DA GLÓRIA E
A DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA**

Conferências e ciência

Pertencer ao mundo civilizado era o que desejava larga parcela da elite para o Brasil na segunda metade do século XIX. O país precisava alcançar o desenvolvimento das sociedades civilizadas, no caso as européias. Para chegar a esse patamar, o conhecimento das ciências e, especialmente, das ciências naturais se fazia necessário. A ciência era vista, sobretudo pelas camadas letradas, como o veículo que levaria o país a percorrer o caminho rumo à civilização.¹

Já que para se atingir a civilização era necessário o conhecimento científico, difundir esse conhecimento na sociedade era essencial. Partindo dessa premissa, foram criadas as Conferências Populares da Glória. As Conferências tiveram seu início em 1873 e continuaram até a primeira década do século XX.² Este trabalho privilegia as realizadas entre os anos de 1873 e 1880.

¹ Glayds Sabina Ribeiro destaca que “[...] o Brasil deveria perseguir ideais nobres de uma nação moderna e aberta ao mundo e à ciência (ideal europeu). O mundo certamente seria sinônimo, nesta época, de Europa, e a ciência seria entendida como o seguimento dos ditames do ser civilizado e portador do progresso.” RIBEIRO, Glayds Sabina. *“Cabras” e “pés-de-chumbo”*: os rolos do tempo. O antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1930). Niterói, RJ, 1987. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, p. 226. De acordo com Nicolau Sevcenko “[...] acompanhar o progresso significa somente uma coisa: alinhar-se com os padrões e ritmo de desdobramento da economia européia [...] A imagem do progresso – versão prática do conceito homólogo de civilização – se transforma na obsessão coletiva da nova burguesia.” SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 41. Para Sidney Chalhoub, em fins do século XIX no imaginário das autoridades e dos políticos era manifesta a convicção de que haveria um “caminho da civilização”, um percurso pré-estabelecido que deveria ser seguido por qualquer “povo”; e a asserção de que o fim dos problemas de higiene pública elevaria o país ao mesmo patamar grandioso dos “países mais cultos”. CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril*: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Lilia Moritz Schwarcz afirma que os “homens de ciência” viam nas instituições às quais estavam agregados um veículo para traçarem os destinos da nação; assim, a autora salienta, por exemplo, que o ideário evolutivo-positivista foi acolhido entre a elite letrada brasileira como um veículo para alcançar a modernidade, sendo esta, considerada como um fruto direto da ciência. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Conferir também: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

² Não me foi possível ainda estabelecer uma data exata.

Nascido em 1831, em Paranaguá, província do Paraná; possuía prestígio social por ser filho do comendador Manoel Francisco Corrêa e de Francisca Corrêa. Bacharel em letras pelo Colégio Pedro II; estudou direito na Faculdade de São Paulo, formando-se em 1854. No campo da política, recebeu o título de conselheiro extraordinário, e exerceu os cargos de senador do Império (1877), deputado geral pelo Paraná (1869) e presidente provincial do Pernambuco (1862). Atuou no campo da instrução pública, sendo que, além das Conferências Populares da Glória, fundou a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, foi um dos criadores da Associação Promotora da Instrução e instaurou a primeira escola normal na Corte, ambos em 1874. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil e da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.³

O conselheiro Manoel Francisco Corrêa idealizou as Conferências Populares tendo como inspiração as ocorridas na Inglaterra e na França. De acordo com Manoel Corrêa, em uma dessas conferências francesas, o conferencista destacara que esta prática despertaria nas pessoas a vontade de estudar os assuntos apresentados e de comprar livros sobre os mesmos. Segundo o conselheiro, o orador francês argumentara ainda que nos países onde ocorriam mais conferências públicas a venda de livros era maior. Para Manoel Corrêa, se um país vendia muitos livros era porque lia muito e, partindo desse princípio, a prática das conferências traria benefícios ao Brasil, visto que se leria mais e, por conseguinte, aumentar-se-ia a riqueza intelectual do país, considerada uma medida do “grau

³ AZEVEDO, D. M. Moreira de. *Biografia do Conselheiro Manoel Francisco Correia*. Rio de Janeiro: Tipografia Guimarães, 1900. BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. 7 v.

desenvolvimento do povo”.⁴ Na sua perspectiva, aplicar no Brasil semelhante prática seria uma maneira de evoluir o país, levando-o à civilização.

Na preleção inaugural, o conselheiro Corrêa ressaltou que o objetivo principal das Conferências era instruir o povo nos mais diversos assuntos. Todavia, não seriam contemplados temas que pudessem gerar polêmicas, por despertarem opiniões plurais, como, por exemplo, política e religião.⁵ Partindo dessa premissa, parece-me que os temas expostos eram encarados por Manoel Francisco Corrêa como assuntos que seriam bem recebidos pelo público, talvez por serem concebidos como verdades inquestionáveis, podendo, dessa maneira, serem apresentados sem uma discussão mais acalorada ou aprofundada a seu respeito.

O folhetim⁶ da *Gazeta de Noticias* de 1875 ressaltou a finalidade das conferências públicas:

Quando se iniciaram as conferências não houve outra idéia, nem podia havê-la, senão por o povo a caminho de resolver os problemas sociais, que são obstáculo à sua felicidade, instruindo-o, e ensinando-lhe como o homem, pelo trabalho, pela aplicação e pela economia pode chegar a ocupar importantes lugares na sociedade.⁷

⁴ CORRÊA, Manoel Francisco. Inauguração das conferências populares em Niterói. *Conferencias populares*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. De J. Villeneuve & C., n. 2, p. 15-26, fev. 1876.

⁵ CORRÊA, Manoel Francisco. Ensino obrigatório. *Conferencias populares*, Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. De J. Villeneuve & C., n. 4, p. 59-76, abr. 1876.

⁶ Este folhetim pode ser caracterizado como uma crônica. De acordo Marlyse Meyer, a crônica surgiu no espaço do folhetim, possuindo a característica de um texto “vale-tudo”, porém estando relacionada aos acontecimentos cotidianos, dialogando, desta forma, com as outras seções do jornal. MEYER, Marlyse. De variedades e folhetins se fez a crônica. In: CANDIDO, Antonio et alli. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

⁷ *Gazeta de Noticias*, 29/08/1875.

Aqui, a instrução popular era compreendida como o meio que iria fomentar a melhoria das condições de vida da população, ou seja, só com uma população instruída os variados problemas do país poderiam ser resolvidos.

Em abril de 1874, o *Jornal do Commercio* publicou uma série de artigos, questionando a paternidade da instalação das conferências no Brasil. Para o articulista, as primeiras preleções públicas existentes no país teriam sido iniciadas em Sergipe, em 1871, por Antônio Candido da Cunha Leitão,⁸ à época presidente desta província. Desse modo, as organizadas por Manoel Francisco Corrêa seriam cópias das sergipanas. As Conferências da Glória também foram criticadas por não apresentarem resultados práticos, diferentes do que teria ocorrido com as de Cunha Leitão.⁹ Com relação a essas acusações, o conselheiro Corrêa não se manifestou em defesa própria, provavelmente porque contasse com o respaldo de uma parcela da camada letrada da Corte e do governo.

Acerca do apoio governamental, vale destacar que, no relatório ministerial de 1873, o ministro João Alfredo Corrêa de Oliveira¹⁰ mencionou a importância das conferências públicas na Corte como forma de propagar a instrução pública, destacando que outras províncias também estabeleciam preleções abertas a todos, seguindo o exemplo iniciado pelo conselheiro Corrêa.¹¹ Isto marcava o reconhecimento das Conferências por parte de um órgão do Estado, proporcionando-lhes maior legitimidade.

⁸ Além de presidente da província do Sergipe, foi também senador, sendo que nesse cargo se posicionou, na Câmara dos Deputados, a favor do ensino livre em 1873. BLAKE, Augusto V. A. S. op. cit.

⁹ *Jornal do Commercio*, 24/04/1874. O autor do artigo, infelizmente, não cita quais seriam os tais resultados práticos.

¹⁰ Nascido em 1835, em Pernambuco, na cidade de Goiana, João Alfredo Corrêa de Oliveira cursou direito na Faculdade do Recife, foi juiz, promotor, deputado provincial e geral, presidente da província do Pará e ministro do Império. Neste cargo, assumido em 1870, direcionou suas atenções ao sistema educacional, em especial às reformas do curso primário, à fundação de escolas profissionalizantes e de bibliotecas populares, reorganizou as faculdades de medicina e de direito existentes no Império e a Escola Central do Rio de Janeiro. BLAKE, Augusto V. A. S. op. cit.

¹¹ *Relatório do Ministério dos Negócios do Império*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1874, p. 8.

A celeuma em torno da autoria intelectual das conferências públicas indica a notoriedade que a prática tinha como um modo de angariar prestígio social para seu idealizador. As discussões sobre as Conferências Populares da Glória na imprensa mostram que o espaço havia adquirido uma importância significativa, uma vez que, as pessoas que lá se apresentavam possuíam prestígio social.

Entre conferências e preleções

Em meados do século XIX, o *Diccionario da lingua portugueza* de Antonio Moraes da Silveira definia conferência como sendo a “prática de várias pessoas para algum ajustamento, concerto, acordo comum. Sendo de atos públicos *conferência acadêmica*; disputa literária.”¹² Em 1873, segundo o Dr. Fr. Domingos Vieira, em seu *Grande diccionario portuguez*, conferência seria a “prática, conversação entre duas ou mais pessoas, sobre algum negócio ou assunto importante. Discurso, preleção feita em público, mas não constituído parte de um curso.”¹³ O *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*, de Caldas Aulete, em 1881, estabeleceu que conferência seria a “conversação

¹² SILVEIRA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. 5ª ed. [S.l.:s.n], [18--]. v. 1. Grifos do original. Consegui encontrar apenas duas edições datadas, a 2ª de 1813 e a 6ª de 1858. Isto posto, provavelmente, a 5ª edição deva ser do final da primeira metade do século XIX.

¹³ VIEIRA, Dr. Fr. Domingos. *Grande diccionario portuguez* ou Tesouro da língua portugueza. Porto: Typ. de Antonio Jose da Silva Teixeira, 1873.

prática entre duas ou mais pessoas sobre assunto de interesse comum. Discurso, preleção em público ou perante um certo número de pessoas, sobre assunto literário ou científico.”¹⁴

Um ponto comum entre os três verbetes é que para ser considerada uma conferência, o conferencista teria que discorrer na presença de uma platéia com interesse pelo assunto. Com relação aos temas abordados, os dicionários destacavam os literários e os científicos. Desta forma, para ser caracterizada como conferência a conversação deveria possuir os seguintes elementos: um orador, uma platéia e um assunto que interessasse a ambos, em especial os literários e científicos.

Porém, merece destaque o fato de conferência também ser uma preleção realizada na presença de um público. Voltando aos dicionários, encontrei no de Silveira, de 1858, preleção definida como a “explicação de aquilo que se ensina; ou da matéria que se trata. Lição que se explica.”¹⁵ O mesmo significado foi apresentado por Vieira.¹⁶ Já o *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza* estabeleceu como um “discurso didático; expositivo de uma matéria perante um auditório; lição; conferência.”¹⁷

Para os três dicionários, preleção era a explicação de uma lição, o que conferia um caráter pedagógico ao termo, relacionado-o com uma aula de determinada matéria. Esse aspecto está mais explícito em Aulete, que definiu a palavra prelecionar como sendo lecionar.¹⁸ Todavia, Vieira em seu verbete sobre conferência salientou que ela era preleção que não se inseria como parte de um curso, ou seja, seria uma lição independente. Portanto,

¹⁴ AULETE, Caldas. *Diccionario contemporaneo da lingua portuguesa*: feito sobre um novo plano inteiramente novo. Imprensa Nacional: Lisboa, 1881.

¹⁵ SILVEIRA, Antonio de M. op. cit.

¹⁶ VIEIRA, Dr. Fr. Domingos. op. cit.

¹⁷ AULETE, Caldas op. cit.

¹⁸ *Ibidem*.

se uma conferência tivesse a característica de aula, ela poderia ser considerada uma preleção.

Na inauguração das Conferências Populares da Glória, Manoel Francisco Corrêa começou seu discurso desta maneira:

Concebendo a idéia de fazer estas conferências para entreter-vos com assuntos que vos possam interessar [...] Não menos dignos de encômios os distintos cidadãos que aceitaram o meu convite, encarregando-se das próximas conferências.¹⁹

As Conferências tiveram seu início contemplando todos os elementos designados nos dicionários – orador, platéia e assunto que despertavam os interesses de ambos, pelo menos segundo a perspectiva de seu idealizador. Contudo, ao noticiar as Conferências da Glória, além do vocábulo “conferência”, a imprensa, aqui pesquisada, fazia uso do termo “preleção”. Isto indica que a percepção que se tinha era de lições para serem expostas por um orador capaz, já reconhecido em certos círculos letrados e institucionais. Reforçando, desta maneira, o sentido pedagógico dos discursos proferidos na tribuna da Glória.

Divergindo da significação encontrada no dicionário de Vieira, muitas preleções realizadas fizeram parte de cursos. Um curso era constituído de mais de uma conferência, cada uma abordando um assunto específico do tema maior proposto. Algumas conferências, embora não fossem designadas como cursos, possuíam o mesmo tipo de estrutura. A tabela I mostra as que tiveram esse tipo de organização.

¹⁹ CORRÊA, Manoel Francisco. Ensino obrigatório. *Conferencias populares*, Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. De J. Villeneuve & C., n. 4, p. 59-76, abr. 1876, p. 59 e 60.

Tabela I
Temas dos cursos e conferencistas que discursaram

Ano	Temas dos cursos	Conferencista	N. conferências
1873	História e a literatura pátria	João Manoel Pereira da Silva	3 (a última ocorreu em fev. de 1874)
1874	Exame dos escritos e documentos históricos sobre as colônias americanas publicados na Europa durante os séculos XI, XII e XIII	João Manoel Pereira da Silva	2
	História da economia política e relações desta ciência com os princípios da moral e da justiça	José Hermann de Tautphoeus	2
	Instrução pública	Manoel Jesuíno Ferreira	2
	Prometheu, de Eschyó	Luiz Joaquim Duque-Estrada Teixeira	2
	Puericultura	Soeiro Guarany	2
	Socorros aos feridos de guerra	Joaquim Monteiro Caminhoá	2
	Veneza e a arte veneziana	Joaquim Nabuco Barreto de Araujo	3
	Plantas	José de Saldanha da Gama	3
	Poesia épica	João Manoel Pereira da Silva	4
	Higiene	Antenor Augusto Ribeiro Guimarães	7
	Geografia	Theophilo das Neves Leão	7
Pedagogia	Antonio Ferreira Vianna	16	
1875	Métodos de ensino das matemáticas elementares, especialmente da geometria	Carlos Victor Boisson	2
	Estudo comparativo, histórico, gramático, fonético e gráfico das línguas latinas com o português	Gustavo José Alberto	2
	A Farmácia no Brasil, sua utilidade e meios de desenvolvê-la	Manoel Hilário Pires Ferrão	2
	A educação em geral, e com especialidade à mulher	José Liberato Barroso	3
	Meios de tornar efetiva a instrução dos filhos do proletário, do jovem criminoso, do enjeitado e do vagabundo	Carlos Athur Bush Varella	3
	Influência da medicina sobre a educação	Antenor Augusto Ribeiro Guimarães	3
	Lavoura	João Baptista da Silva Gomes Barata	6
	Instrução	Manoel Francisco Corrêa	6
1876	Darwinismo	Augusto Cezar de Miranda Azevedo	7
	O Gado na província do Rio Grande do Sul	Clément Jobert	2
	Sistemas penitenciários	José da Cunha Ferreira	2
	Imigração	Nuno Ferreira de Andrade	2
	Águas minerais	Augusto Cezar de Miranda Azevedo	3
	Higiene das escolas	João Pizarro Gabizo	3
	História de Portugal	José Martins da Cruz Jobim	4
	O estudo da história pátria	Tristão de Alencar Araripe	2
	Instrução	Manoel Francisco Corrêa	7
	Botânica popular	Francisco Ribeiro Mendonça Joaquim Monteiro Caminhoá	8 9
Poesia dramática	João Manoel Pereira da Silva	9	
1878	O Amazonas	John Landsman	2
	Educação física	Manoel Francisco Corrêa	2

	Higiene	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	3
	Origem da terra, sua idade e seus fins	Francisco Marques de Araujo Góes	3
	Instrução	Manoel Francisco Corrêa	3
	Estudos da língua portuguesa; comparação com outras línguas	João Braz da Silveira Caldeira	5
	Formação da língua e literatura portuguesas	José Maria Velho da Silva	9 (a última ocorreu em jan. de 1879)
1879	Exercício físico	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	2
	Desenvolvimento paralelo das línguas e das religiões	João Braz da Silveira Caldeira	4
	Regime alimentar	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	4
	Eletricidade médica	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	4
	História da nacionalidade, língua e literatura de Portugal	João Manoel Pereira da Silva	7 (a última ocorreu em maio de 1880)
	Sentimento religioso, religião e Estado	Manoel Francisco Corrêa	7 (a última ocorreu em jan. de 1880)
1880	Tontinas e associações de seguros sobre a vida	Carlos Victor Boisson	2
	O mundo, o trabalho e a vida subterrânea	Ennes de Souza	2
	O alienado perante a ciência médica, a sociedade, a família, a autoridade e a lei	Manoel Joaquim Fernandes Eiras	2
	Ensino religioso	Manoel Francisco Corrêa	3
	Uso e abuso do tabaco	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	3 (a primeira ocorreu em dez. 1879)
	Ensino superior (médico)	Francisco Praxedes de Andrade Pertence	3
	Sobre o grande vulto do padre Antonio Vieira	João Manoel Pereira da Silva	3
	Condições da reforma e desenvolvimento do ensino superior	Luiz Joaquim Duque-Estrada Teixeira	4

Fonte: Esta tabela é resultado de um levantamento feito por mim utilizando as seguintes fontes: *Conferencias Populares, Jornal do Commercio, Gazeta de Noticias e Diario do Rio de Janeiro* entre 1873 e 1880.

O modo como estavam dispostas estas conferências era semelhante a de um sistema escolar, no qual as disciplinas eram ensinadas sob a forma de cursos; ministrados por pessoas que se julgavam e também assim era, em certa medida, consideradas autoridades sobre o assunto; mesmo as preleções que não estavam estruturadas sob essa forma possuíam um caráter pedagógico. Contudo, as Conferências não pretendiam se constituir como um espaço público alternativo ao sistema escolar. A importância pedagógica é

reforçada pelo curso de pedagogia ministrado por Antonio Ferreira Vianna,²⁰ em 1874, que teve os encontros sempre muito concorridos, contando, na maioria das vezes, com a presença do Imperador. Portanto, as Conferências Populares da Glória podem ser compreendidas como um projeto educativo. Assim, a partir de agora utilizarei ambos os termos – conferência e preleção – e ao me referir ao evento criado pelo conselheiro Corrêa farei uso da palavra Conferência.

O funcionamento das Conferências da Glória

Para a realização das Conferências, o governo imperial colocou à disposição do conselheiro Corrêa o salão do edifício que estava sendo construído para sediar a escola pública primária da Freguesia da Glória, situada à Praça Duque de Caxias no Rio de Janeiro.²¹

As Conferências foram alocadas na escola da Glória até 03 de dezembro de 1874, sendo então transferidas para o salão da escola municipal da freguesia de São José,²² em virtude da finalização das obras do pavimento superior, onde seria instalada a escola

²⁰ Antonio Ferreira Vianna nasceu em 1833, em Pelotas, na província do Rio Grande do Sul. Coursou direito na Faculdade de Direito de São Paulo. Na Corte foi diretor geral das aulas municipais e advogado; foi conselheiro do Imperador e ministro da Justiça; além de sócio do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros. Colaborou no *Correio Mercantil*, em 1868 e 1869, foi redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro*. SENNA, Ernesto. *Conselheiro Antonio Ferreira Vianna e sua obra* (notas de um repórter). Rio de Janeiro: Typ.do *Jornal do Commercio* de Rodrigues & C., 1902. BLAKE, Augusto V. A. S. op. cit.

²¹ O nome atual da localidade é Largo do Machado, situada no bairro do Catete. Em fevereiro de 1963, pelo decreto 1522, a escola passou a ser chamada de Colégio Estadual Amaro Cavalcanti. Cf. http://www.rio.rj.gov.br/sme/crep/escolas/escolas_imperador/escolas_imperador.htm (capturado em 20/03/2006).

²² Localizada no Largo da Mãe do Bispo, atual praça Floriano Peixoto, no centro da cidade. Em 1896 neste local passou a funcionar o Conselho Municipal, e em 1920 o prédio foi demolido. Cf. http://www.rio.rj.gov.br/sme/crep/escolas/escolas_imperador/escolas_imperador.htm (capturado em 20/03/2006).

primária para meninas no edifício. A autorização para a realização da reunião em outro prédio público foi concedida pelo ministro dos negócios do Império, João Alfredo Corrêa de Oliveira. Em 16 de maio de 1875, após o término das reformas, as preleções retornaram para a escola da Glória, porém, não mais no mesmo salão em que ocorriam antes. Foram abertas três grandes salas no pavimento superior do edifício, sendo que na conferência de reinauguração uma delas ficou repleta só de mulheres.²³ Neste local, foram reunidas as escolas de meninos e meninas, uma biblioteca popular, uma sala de conferências e um posto vacínico. Isto significa que as Conferências ganharam importância e reconhecimento dentro da máquina do Estado. Efetuaram-se aí as preleções até 1889, quando foram suspensas. Posteriormente retomou-se o projeto, em 1891, sob a direção de João Manuel Pereira da Silva²⁴, por ocasião das comemorações do 4º Centenário do Descobrimento da América.²⁵ De 1891 até março de 1898 elas foram acomodadas na Escola Senador Correia²⁶ e, depois de 1898, transferidas para a Escola Barão do Rio Doce.

As Conferências Populares da Glória iniciavam às 11 horas aos domingos e às 18 horas às quintas-feiras, possuindo o mesmo perfil de público em ambos os dias. As folhas de grande circulação e envolvidas no debate político da época – *Jornal do Commercio*, *Diario do Rio de Janeiro*, *Gazeta de Noticias*, *O Globo*, *A Reforma* e *O Apostolo* – noticiavam as conferências que iriam acontecer e, após a realização, reproduziam-nas.

²³ *O Globo*, 01/06/1875.

²⁴ João Manoel Pereira da Silva nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1817; cursou direito na Faculdade de Direito de Paris. Dedicou-se à advocacia; filiado ao partido conservador, foi deputado provincial e conselheiro; além de sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Real das Ciências de Geografia de Lisboa. BLAKE, Augusto V. A. S. op. cit.

²⁵ A conferência realizada em razão das celebrações do 4º Centenário do Descobrimento do Brasil ocorreu no edifício das escolas públicas da Glória (onde se iniciaram). CORREIA, Eduardo. *Trabalhos do conselheiro Manoel Francisco Correia*. Tomo II. Rio de Janeiro: Typographia da Papelaria Leandro, 1909.

²⁶ Edifício que era sede da Associação Promotora da Instrução, localizado na atual rua Senador Corrêa, no bairro de Laranjeiras.

Esses periódicos traziam artigos, nas diversas seções da publicação, que debatiam as Conferências da Glória e as idéias que nelas eram expostas.

Havia uma refiltragem do conteúdo da preleção nos periódicos. Os jornais recortados apresentavam um resumo das conferências, nos quais os editores narravam o que o orador havia dito, bem como a reação do público (se aplaudiu ou não) e a composição do mesmo, dando destaque, muitas vezes, a algumas figuras presentes no auditório, como, por exemplo, o imperador e sua família. Foram poucas as conferências transcritas na íntegra, neste caso, o discurso era publicado sem nenhum comentário, provavelmente fornecido pelo próprio orador.

Para assistir às Conferências era necessária a aquisição de um cartão de entrada; os bilhetes de entrada, para aqueles que não os haviam recebido previamente, eram distribuídos no dia da conferência, antes de seu início. Um ingresso permitia o acesso a todas as pessoas de uma mesma família.²⁷ Depois de iniciada a preleção, não era permitida a entrada de mais ninguém.

No espaço público das Conferências havia uma espécie de seleção do público que iria compor tal local.²⁸ A distribuição dos cartões também era antecipadamente feita pelos oradores. *O Globo* relatou que o professor público Gustavo José Alberto distribuiu os bilhetes de entrada e o programa da sua conferência, que foi reproduzido no *Jornal do Commercio*. O artigo criticou o conferencista, pois ele fizera tanta propaganda de sua conferência e, no entanto, esta havia sido um desastre, inclusive com erros de gramática da

²⁷ *Jornal do Commercio*, 02/12/1873.

²⁸ Segundo Habermas “Chamamos ‘públicos’ certos eventos quando eles, em contraposição às sociedades fechadas, são acessíveis à qualquer um – assim como falamos de locais públicos ou de casas públicas.” HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p. 14. Tomando como base a definição de Habermas, o espaço das Conferências, na prática, não estava tão acessível a todos.

língua portuguesa.²⁹ Portanto, a entrega dos bilhetes de entrada e a propaganda das preleções não eram feitas apenas pelo próprio conselheiro Corrêa, mas também pelos conferencistas, indicando que a seleção prévia do público era feita por ambos:

Teve lugar no domingo último, em uma das salas da Escola da Glória, a conferência do ilustre professor Gustavo José Alberto. Teve ele o cuidado de fazer-se pomposamente anunciado, distribuindo cartões, programa e reproduzindo-os no *Jornal do Commercio* de 30 passado. [...] Acreditávamos que idéias adiantadas e progressistas fossem por ele trazidas a campo; mas... que decepção. A partir da expressão incorreta e má do ilustre professor; a começar pelas faltas sérias e gravíssimos erros cometidos contra a gramática elementaríssima da língua vernácula [...] não é com tanta ousadia que se zomba do bom senso público [...] resolveu produzir em público uma triste prova dos seus pequenos, senão nulos conhecimentos.³⁰

Manoel Corrêa, além de propor as Conferências, as coordenava e convidava os oradores. Ele escolhia quem poderia falar, ou seja, quem teria cabedal para tanto, sendo isto um modo de fazer aparecer mais o seu trabalho. Inclusive, muitas vezes quando os conferencistas faltavam, era ele quem os substituía, provavelmente a fim de não interromper o evento. Por ocasião da última conferência na escola de S. José, ele subiu à tribuna, após o orador do dia, e reclamou a falta de ajuda de outros letrados na organização das Conferências, com o propósito de torná-las mais metódicas.³¹ Na preleção seguinte, o conferencista, conselheiro João Manoel Pereira da Silva, também destacou a necessidade de se sistematizar as Conferências de maneira semelhante às que ocorriam na Europa.³²

Do início das Conferências, em 1873, até dezembro de 1880 contabilizei 355 conferências, o total de preleções por ano e os conferencistas que as apresentaram

²⁹ *O Globo*, 06/11/1875.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ *Jornal do Commercio*, 18/05/1875.

³² *Jornal do Commercio*, 01/06/1875.

encontram-se no Anexo 1. Há uma conferência ocorrida em 1874 que não encontrei relato na imprensa; sua existência, no entanto, está registrada na preleção do dia 22 de janeiro de 1875, na qual Manoel Corrêa avaliou um total de 101 conferências. Posso afirmar que esta foi proferida por algum dos conferencistas que já haviam discursado até então, já que a lista de oradores exposta pelo conselheiro nesse dia condiz com a por mim levantada. Entre 1873 e 1880 passaram pela tribuna da Glória 86 oradores; expondo os mais variados temas, evidenciando-se os culturais (literatura, teatro, história das civilizações, educação, geografia, gramática) e os relativos à ciência (matemática, biologia, medicina, botânica, ciências físicas). A seguir, estão elencados os oradores que mais freqüentaram a tribuna da Glória no período estudado:

Tabela II
Conferencistas que mais discursaram entre os anos de 1873 e 1880

Ano	Conferências no ano	Conferencista	Nº de conferências	Porcentagem
1873	9	Luiz Joaquim Duque-Estrada Teixeira ³³	3	33,3%
1874	96	Antonio Ferreira Vianna	19	19,8%
1875	50	Augusto Cezar Miranda de Azevedo	7	14,0%
1876	70	João Manoel Pereira da Silva	9	12,9%
		Joaquim Monteiro Caminhoá	9	12,9%
1877	1	Francisco Antonio de Carvalho ³⁴	1	100,0%
1878	44	José Manoel Velho da Silva ³⁵	8	18,2%

³³ Filho de Joaquim José Teixeira e de Rita Manoela Duque-Estrada Teixeira, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1836, Luiz Joaquim Duque-Estrada. Após cursar direito na Faculdade de São Paulo atuou como advogado na Corte. Filiado ao partido conservador, foi deputado provincial e geral. BLAKE, Augusto V. A. S. op. cit.

³⁴ Nasceu em 6 de maio de 1855, na Corte, filho de Antonio de Carvalho e de Rosa Figueiras de Carvalho. Em 1877, formou-se em direito na Faculdade de São Paulo, sendo que cursou o terceiro e o quarto anos na do Recife. Escreveu em *A República*, jornal da província paulista. Faleceu em 1879. Ibidem.

³⁵ Natural da cidade do Rio de Janeiro, José Maria Velho da Silva nasceu em 1811. Cursou medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, clinicou na Vila do Rio Bonito e em Macaé. Foi professor de retórica, poética e literatura do Ginásio Nacional, membro do IHGB, afiliado da Sociedade de Geografia e da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Ibidem.

1879	38	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	15	39,5%
1880	46	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	5	10,9%
		Manoel Francisco Corrêa	5	10,9%

Fonte: Esta tabela é resultado de um levantamento feito por mim utilizando as seguintes fontes: *Conferencias Populares, Jornal do Commercio, Gazeta de Noticias e Diario do Rio de Janeiro* no período de 1873 a 1880.

Muitos desses oradores apresentados na tabela acima abordaram assuntos relacionados às ciências naturais e à medicina, temáticas recorrentes na tribuna da Glória, conforme será posteriormente melhor discutido. Em 1875, o darwinismo foi o principal tema tratado pelo médico Augusto Cezar de Miranda Azevedo.³⁶ As conferências sobre o darwinismo merecem destaque porque essa temática, embora não tenha aparecido em grande quantidade, teve ampla repercussão na imprensa, diferente do ocorrido com os outros temas apresentados. Joaquim Monteiro Caminhoá,³⁷ em 1876, efetuou parte do extenso curso de botânica – que além de suas preleções contou com mais 8 proferidas por Francisco Ribeiro Mendonça.³⁸ Feliciano Pinheiro de Bittencourt,³⁹ em 1879, discorreu sobre temas diversificados, dentre eles bebidas, higiene, eletricidade médica, exercícios físicos, mas que possuíam um eixo comum relacionado com a área da medicina. Em 1880, Bittencourt continuou a apresentar conferências com o mesmo temário.

³⁶ Augusto Cezar de Miranda Azevedo nasceu na província de São Paulo, na cidade de Sorocaba, filho do magistrado Antonio Augusto Cezar de Azevedo e de Ana Eufrosina de Miranda Azevedo. Formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde clinicou por vários anos. Foi professor da cadeira de higiene pública da Faculdade de Direito de São Paulo, sócio-fundador do IHGB. Com relação à política, foi deputado e, definia-se como republicano e abolicionista. COLLICHIO, Therezinha Alves Ferreira. *Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

³⁷ Joaquim Monteiro Caminhoá, nasceu na província da Bahia, filho de Manuel José Caminhoá e de Luiza Monteiro Caminhoá. Formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na qual foi professor de botânica e zoologia médica. Recebeu o título de conselheiro do Imperador. Foi membro da Sociedade de Botânica da França, da Imperial Academia de Medicina do Rio de Janeiro e da Sociedade Abolicionista da Escravidão no Brasil. BLAKE, Augusto V. A. S. op. cit.

³⁸ Natural do Rio de Janeiro, filho de Francisco Ribeiro Mendonça e de Francisca Maria Ribeiro, Francisco Ribeiro Mendonça cursou medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ibidem.

³⁹ Em Santa Maria da Bocca do Monte, província do Rio Grande do Sul, nasceu em 1854 Feliciano Pinheiro de Bittencourt, filho de Eugenio Francisco de Bittencourt e de Alexandrina Pinheiro de Bittencourt. Formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi membro benemérito da Associação Promotora da Instrução Pública, integrou o IHGB, lecionou em colégios da Corte. Ibidem.

Em 1877, Manoel Corrêa deixou o cargo de diretor das Conferências e, neste ano ocorreu apenas uma preleção, organizada por ele. Provavelmente o conselheiro se afastou da coordenação porque assumiu o cargo de senador pela província do Paraná.⁴⁰ A partir de então a direção ficou a cargo do deputado Franklin Doria;⁴¹ entretanto, este não deu prosseguimento às mesmas. Com o retorno de Manoel Francisco Corrêa à direção, em maio de 1878, a periodicidade voltou. Na preleção após a interrupção de 1877, ele salientou que não fora seu propósito o fim da instituição, desejava que as reuniões continuassem a ocorrer independente de uma determinada pessoa estar na coordenação. O conselheiro Corrêa permaneceu na direção até dezembro de 1883, quando as Conferências passaram a cargo da Associação Promotora da Instrução,⁴² que tinha como integrantes alguns conferencistas, dentre eles, Manoel Francisco Corrêa, Luiz Joaquim Duque-Estrada Teixeira, Feliciano Pinheiro de Bittencourt e Tristão de Alencar Araripe.⁴³

Talvez essa mudança de direção tenha acontecido para evitar o acúmulo de trabalho nas mãos de uma única pessoa. Outra hipótese que surge é a de que, tentando evitar nova paralisação das preleções, Manoel Francisco Corrêa tivesse buscado passar a direção das Conferências a uma instituição que contasse com mais de um indivíduo empenhado em dar prosseguimento efetivo aos encontros realizados nas escolas da Glória, diferente do

⁴⁰ *Diário do Rio de Janeiro*, 17/04/1877.

⁴¹ Franklin Américo de Menezes Doria nasceu na Bahia, em 1836. Cursou direito na Faculdade de Direito do Recife. Trabalhou como advogado, foi presidente das províncias de Piauí e de Maranhão, no período em questão era deputado, como tal encabeçou discussões a respeito da instrução pública. BLAKE, Augusto V. A. S. op. cit.

⁴² CARDOSO, José Antonio dos Santos. *Conferencias e outros trabalhos de Manoel Francisco Corrêa*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1885.

⁴³ Tristão de Alencar Araripe nasceu em Içó, província do Ceará, filho do coronel Tristão Gonçalves de Alencar Araripe (presidente do Grande Conselho Provincial na República do Equador) e de Anna Tristão Araripe. Bacharelou-se em ciências sociais e jurídicas pela Faculdade de São Paulo, fez parte do curso em Olinda. Foi conselheiro Imperial, ministro do Supremo Tribunal de Justiça e do Supremo Tribunal; presidiu as províncias do Pará e do Rio Grande do Sul; foi sócio do IHGB. *Galeria nacional*. Vultos proeminentes da história brasileira. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do “Jornal do Brasil”, 1933.

ocorrido nos meses de 1877. É provável que esse tenha sido o motivo que levou o conselheiro a escolher justamente para a direção das Conferências a Associação, que abrigava alguns de seus colegas de tribuna e cujo propósito também era a instrução.

Conferências Populares?

O que significava o vocábulo popular no século XIX? Segundo Aulete, popular era algo “Que é do agrado do povo; que tem o afeto, as simpatias do povo”, sendo povo o “nome coletivo de todos indivíduos do mesmo país e que vivem sujeitos às mesmas leis [...] O público considerado no seu conjunto. A parte numerosa, mas a menos rica, privilegiada e ilustrada, da população de um Estado.”⁴⁴ O mesmo dicionário ressaltou que tornar uma coisa popular era o mesmo que vulgarizá-la. Assim, as Conferências Populares seriam preleções do agrado do público, ou com o intuito de vulgarizar algo, ou destinadas ao público presente, ou ainda à parte menos rica da sociedade.

Para o *Grande diccionario portuguez*, de 1873, popular era o “Que é do povo, que diz respeito a ele, que pertence ao povo”, e este significava “uma divisão das classes em que se divide a nação; é a parte mais numerosa que a nação é o todo.”⁴⁵ A fim de exemplificar o uso do termo popular, este mesmo dicionário destacou que “*Tornar uma ciência* popular; [seria] espalhá-la por todos os lugares, torná-la acessível a todos os espíritos.”⁴⁶ Com isso, sendo a ciência uma das temáticas principais expostas na tribuna da

⁴⁴ AULETE, Caldas. op. cit.

⁴⁵ VIEIRA, Dr. Fr. Domingos. op. cit.

⁴⁶ Ibidem. Grifos do original.

Glória, tais encontros deveriam, portanto, levar o conhecimento científico a todas as pessoas da sociedade.

Estas seriam as definições, segundo verbetes de dicionários da época, do que seria popular no século XIX. Estaria Manoel Francisco Corrêa almejando atingir todas as pessoas da sociedade? Era sua intenção levar o conhecimento científico às camadas sociais mais baixas? O que seria popular para o idealizador das Conferências da Glória?

Com relação ao público presente e ao sucesso das Conferências, Maria Rachel Fróes da Fonseca afirma: “[...] através de relatos da época, constatamos que sua platéia era constituída por um seletto público, sendo notada a presença da família imperial, da aristocracia da Corte, de profissionais liberais e estudantes”.⁴⁷ Com isso ressaltando que elas não atingiam as camadas mais populares da sociedade.⁴⁸

Tal afirmação pode ser corroborada quando o *Diario do Rio de Janeiro*, comentando a quinta conferência, de 07 de novembro de 1873, proferida por Luiz Joaquim Duque-Estrada, intitulada “Influência da educação sobre a moralidade e o bem-estar das classes laboriosas”, salientou que:

Assistiram à preleção Suas Majestades o Imperador e a Imperatriz, o presidente do conselho, membros das duas casas do parlamento e mais 200 pessoas da melhor sociedade, contando umas 50 senhoras. [...] Não tendo a quem interrogar, perguntávamos a nós mesmos são estas as *conferências populares*? Esta admiração tinha um justo fundamento: é que não víamos ali o povo! O problema que ia, senão resolver-se, ao menos demonstrar-se, era *o bem estar das classes laboriosas*. Mas onde estavam ali representadas essas classes? Não as víamos! Cremos mesmo não errar dizendo que eram as únicas que estavam dali ausentes! E como havia de ser de outro modo, se a entrada se fazia por bilhetes, distribuídos previamente entre as pessoas de elevada posição social? O exclusivo foi ainda mais longe. Apenas entraram Suas Majestades, cerrou-se a porta, como se ali se fosse tratar de um alto segredo de Estado! [...] tem

⁴⁷ FONSECA, Maria Rachel Fróes da. As “Conferências Populares da Glória”: a divulgação do saber científico. *História, ciências, saúde – Manguinhos*. v. 2, n. 3, p. 135-166, nov. 1995/fev. 1996, p. 136.

⁴⁸ Para uma discussão maior a respeito das camadas populares conferir: CHALHOUB, Sidney. op. cit.

forçosamente errado o título: serão científicas, literárias, administrativas, aristocráticas, o que quiser, menos *conferências populares!*⁴⁹

A crítica feita pelo *Diario do Rio de Janeiro* sugeria que as Conferências Populares da Glória não tinham como finalidade atingir as classes mais pobres. A citação é muito elucidativa, pois mostra não só a ausência desta camada social, mas também a apreciação desfavorável desta gazeta ao atestar tal falta.

O trecho do jornal forneceu a proporção do público presente, que contava com um número expressivo de mulheres. Isto indica que este espaço de sociabilidade também era compartilhado por esta parcela da população, diferente do ocorrido em outros locais,⁵⁰ e que os assuntos ali apresentados também poderiam ser de interesse da mesma. Segundo Maria Margaret Lopes, a participação feminina em tais encontros apoiava “a mentalidade científicista então moderna que incentivava a participação das mulheres nesse tipo de reuniões científicas, mas ainda não lhes permitia ingresso nos cursos regulares das faculdades do país.”⁵¹

Para o *Diario do Rio de Janeiro*, afora o caráter instrutivo das Conferências, as mesmas poderiam ser encaradas como um encontro social, um passeio de domingo; ou seja, algumas pessoas presentes não estavam interessadas, necessariamente, nos assuntos expostos. Compactuando com essa opinião, a *Gazeta de Notícias* censurou o público que comparecia aos encontros, insinuando que muitas dessas pessoas só iriam às Conferências

⁴⁹ *Diario do Rio de Janeiro*, 08/12/1873. Grifos do original.

⁵⁰ Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira assevera que: “Sociabilidades e lazeres masculinos e femininos aconteciam em locais diferentes. Livrarias, sedes de jornais, bibliotecas públicas caracterizavam-se pela frequência predominantemente masculina.” FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999, p. 113.

⁵¹ LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 146.

porque o edifício onde se sucediam ficava no caminho após a missa.⁵² Nesta perspectiva, o comparecimento a essas reuniões seria uma maneira de se mostrar à sociedade, ver e ser visto, já que ali se tornara um importante local de sociabilidade da camada letrada⁵³ do período.

A *Gazeta de Noticias* também criticou as Conferências da Glória com relação à ausência das camadas populares no auditório. Salientou que as Conferências não eram populares como se pretendia quando foram criadas. Para o jornal, no Brasil elas foram infrutíferas, diferente do ocorrido na França, onde tiveram bons resultados. Ainda, segundo a *Gazeta*, literatura, artes e ciências eram assuntos que não despertavam os interesses dos trabalhadores, por isso eles não compareciam às preleções. As Conferências Populares da Glória deveriam tratar “do aperfeiçoamento moral do povo e da sua felicidade”.⁵⁴ Neste sentido, na Europa as sociedades cooperativas e de socorros mútuos tinham feito um trabalho melhor e maior para eles. A *Gazeta* evidenciou que o auditório que comparecia às Conferências não gostaria de ver entre si tal camada da sociedade – “eu calculo que horror não sentiria o auditório destas conferências se fosse sentar um homem de grossos sapatões e com as mãos enormemente calejadas pelo trabalho da véspera!”⁵⁵

Ainda sobre o público presente, *O Apostolo* expôs críticas às Conferências da Glória e ao seu fundador, pois, de acordo com a publicação católica, as camadas mais pobres só acompanhavam as conferências das portas e janelas da escola. Para a folha, as preleções não levavam em consideração a formação do auditório, uma vez que apenas se preocupavam com as glórias do orador; com isso, até aquele momento o povo continuava

⁵² *Gazeta de Noticias*, 29/08/1875.

⁵³ Nesta categoria estão enquadrados políticos, literatos, profissionais liberais, magistrados, estudantes, enfim, o que se poderia chamar de uma elite intelectual brasileira.

⁵⁴ *Gazeta de Noticias*, 29/08/1875.

⁵⁵ *Ibidem*.

no mesmo estado, nenhuma das transformações almejadas inicialmente haviam sido alcançadas.⁵⁶ Cabe dizer que essas censuras de *O Apostolo* eram conseqüências de três preleções feitas⁵⁷ por José Liberato Barroso⁵⁸ que, segundo o periódico, depreciou o casamento religioso e teceu elogios a Lutero.

Muitas das críticas feitas pelo *O Apostolo* às Conferências estavam relacionadas às manifestações contrárias aos princípios católicos expostos nas conferências. O problema central para este jornal estava no fato de as Conferências não pretenderem abordar a religião como temática, já que as mesmas tinham o papel de instruir, não poderiam negligenciar o assunto, principalmente por se tratar de um país cuja religião oficial era o catolicismo, em um momento em que a laicização do Estado e a cisão entre o Estado e a Igreja estavam em voga.

Desde o início das Conferências, o conselheiro Corrêa havia reforçado que a tribuna da Glória não seria palanque de discussões religiosas. Esta afirmativa não foi vista com bons olhos pelo *O Apostolo*:

O fundador das – Conferências Populares – da escola Nossa Senhora da Glória, deve estar satisfeito com o resultado que vão apresentando tais conferências. [...] por isso o ilustre fundador das *conferências populares* [...] empreendeu remediar este mal, ilustrando o povo, que efetivamente nestes três ou quatro meses passou por uma transformação tal que já parece outro. Não há duvidar, enquanto o povo assiste das janelas e das portas da *Escola Nossa Senhora da Glória* às preleções históricas e científicas. ‘Primeiro a minha glória, diz o orador, depois qualquer coisa para ti, ó povo, que com bem pouco te deves contentar.’ Firmes neste princípio marcham os *mestres* da escola Nossa Senhora da Glória sem atenção à instrução do auditório, nem às habilitações que devem possuir

⁵⁶ *O Apostolo*, 29/03/1874.

⁵⁷ O título das conferências era “A educação em geral, e com especialidade em relação à mulher”, proferidas em 18/01, 15/02 e 22/03/1874.

⁵⁸ Natural do Ceará, José Liberato Barroso nasceu na cidade de Aracati, filho de Joaquim Barroso e Francisca Luduvina Barroso. Formou-se em direito pela Faculdade de Medicina do Recife, tornou-se professor desta mesma instituição. Foi deputado provincial e geral, ocupou o cargo de ministro do Império. BLAKE, Augusto V. A. S. op. cit.

para apreciar uma dissertação difusa e confusa, mas altissonante e barulhenta ao ouvido; ainda que fique em jejum a parte menos habilitada do auditório, porém mais amável e curiosa, e continue no mesmo estado o povo para quem, disse o ilustre fundador das *conferências*, eram elas estabelecidas, julgam ter cumprido um alto dever. [...] Como não observa satisfeito, da praça do Marquês de Caxias, o povo que assiste as conferências, esses estrepitosos aplausos ao orador que se classifica *galgo tímido* a este quando em nome da poesia altera a topografia da França, [...] ao ouvirem da boca de um orador católico a condenação do casamento religioso, a apoteose de Lutero e muitas outras coisas mais?⁵⁹

Os discursos pronunciados nas Conferências Populares da Glória eram vistos como exposições de temas acadêmicos e não de assuntos que poderiam despertar o interesse do povo. Destacava-se que esta camada da sociedade necessitava de algo mais prático do que teórico. Já que as conferências eram encaradas como dicionários que “ensinam muito, com proporções modestas”, se aplicassem mais as teorias abordadas o resultado na sociedade seria muito maior.⁶⁰

A imprensa indicava a ausência, no auditório, das classes populares da sociedade. Porém, Manoel Francisco Corrêa nunca respondeu às críticas sobre o não-comparecimento deste público. Isso me leva a acreditar que o popular por ele concebido não se compunha dessa camada social. Para o conselheiro Corrêa, o “popular” das Conferências era, de fato, publicizar o conhecimento entre a camada letrada, ou seja, divulgar as idéias tencionando que elas pudessem ser levadas aos iletrados da sociedade, já que estes não seriam capazes de compreender e absorver os assuntos apresentados nas conferências. Diferente do que era vislumbrado pela imprensa, que identificava o popular com as camadas menos abastadas.

⁵⁹ *O Apostolo*, 29/03/1874. Grifos do original.

⁶⁰ *Gazeta de Noticias*, 04/05/1877.

Conferências Populares: espaço de sociabilidade

No intuito de divulgar a ciência, as artes e a literatura, as Conferências Populares da Glória constituíram-se como um importante espaço público⁶¹ de sociabilidade no Rio de Janeiro da década de 1870.⁶² Nas Conferências Populares da Glória, observo que de um lado estava o público, assistindo em silêncio a preleção, e de outro o orador, expondo suas idéias, abrindo uma distância entre eles. Portanto, utilizando o conceito de Richard Sennett, as Conferências podem ser consideradas um espaço sociabilidade muito forte, já que o distanciamento existente era grande.⁶³

Marco Morel segue o conceito de sociabilidades formais e informais, analisa as sociabilidades no Rio de Janeiro entre 1820 e 1840.⁶⁴ Ele destaca que as sociabilidades informais são aquelas “expressas nos espaços públicos da rua, ou em espaços híbridos, como o teatro”; as formais são as que ocorrem em associações como, por exemplo, em maçônicas. O autor salienta o caráter multifuncional, isto é, mais de uma função social, das associações: “As dimensões econômica, filantrópica, pedagógica, corporativa, política e

⁶¹ Marco Morel destaca três definições para espaço público: “cena ou esfera pública, onde interagem diferentes atores, que não se confunde com o Estado; a esfera literária e cultural, que não é isolada do restante da sociedade e resulta da expressão letrada ou oral dos agentes históricos diversificados; e os espaços físicos ou locais onde se configuram estas cenas e esferas.” MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820-1840*. São Paulo: Hucitec, 2005, p. 18. Sigo esta mesma concepção para considerar as Conferências Populares da Glória como um espaço público.

⁶² O conceito de sociabilidade no século XIX foi trabalhado, dentre outros autores, por Norbert Elias e por Richard Sennett. ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2. SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

⁶³ SENNETT, Richard. op. cit..

⁶⁴ O autor utiliza este conceito tendo como base os estudos sobre sociabilidade de Maurice Agulhon. De acordo com Morel, “O que Agulhon propunha então não era mais um tratamento intuitivo ou impressionista, mas sim o conhecimento das sociabilidades pela densidade da existência de associações constituídas e suas mutações num quadro geográfico e cronológico delimitado. Ou seja, uma história da vontade associativa com dados quantitativos e comparativos, com suas mudanças no tempo e espaço.” MOREL, Marco. op. cit., p. 220.

cultural podem encontrar-se imbricadas numa mesma instituição”.⁶⁵ Considero que a perspectiva que enfoca as sociabilidades formais possa ser de grande valia para a compreensão das Conferências Populares, uma vez que elas podem ser consideradas como um tipo de associação e, também apresentavam alguns dos traços multifuncionais, neste caso o pedagógico, o político e o cultural.

O aumento do espaço físico destinado à realização das Conferências é relevante, por assinalar a sua crescente notoriedade como espaço de sociabilidade. Isto suscitou aversão em determinadas instituições que sentiram seus lugares de autoridade ameaçados como, por exemplo, a Igreja. A concessão de uma sala em um edifício público para as conferências provocou a censura de *O Apostolo*. Em outubro de 1874, a Associação Católica Fluminense solicitou ao governo o salão da escola de S. José para a execução de uma conferência; seu pedido foi negado. Já, quando da permissão dessa mesma sala para a realização das Conferências Populares, o jornal católico teceu críticas à atitude do ministro, salientando que ele não poderia dispor de um edifício público daquela maneira, mencionando que sua construção fora custeada com o dinheiro dos contribuintes.

A publicação católica depreciou as Conferências Populares e repreendeu o conselheiro Corrêa, que não poderia ter recebido o direito de utilizar o local para tratar dessas “bugigangas literárias”, desqualificando o evento, e que as suas conferências não precisavam necessariamente ser realizadas na escola pública da Glória. Tal crítica marca a relevância que possuía tal espaço público. As Conferências Populares da Glória se consolidaram como um lugar de debate público. Elas adentravam na imprensa que, por sua vez, publicizava as discussões, ampliando-as e até gerando polêmica.

⁶⁵ Ibidem, p. 221.

A primeira conferência, realizada em 23 de novembro de 1873, proferida por Manoel Francisco Corrêa, recebeu de *A Reforma* críticas desfavoráveis com relação à linguagem adotada pelo orador. Segundo o jornal, ela não foi adequada ao auditório presente, que era composto de “homens de letras e notabilidades políticas” e, por isso, o orador não precisava utilizar uma linguagem tão simplificada. *A Reforma* também censurou o conselheiro por ter colocado bilhetes de entrada, caso não o tivesse feito o público seria mais diverso e, deste modo, estariam presentes pessoas que necessitariam de uma apresentação oral menos complexa; ou seja, se as camadas populares estivessem presentes seria preciso a utilização de um linguajar de compreensão mais fácil.⁶⁶ Em contrapartida, discordando de uma parte da imprensa, o *Jornal do Commercio* elogiou a linguagem utilizada pelo conselheiro, destacando que ela foi “apropriada”.⁶⁷ A respeito desta mesma preleção, *O Apostolo* condenou o modo como o *Jornal do Commercio* e o *Diario do Rio de Janeiro* noticiaram o evento. Para a folha católica, os outros periódicos se limitaram em comentar a retórica do conferencista, ao invés de se aterem ao conteúdo exposto.⁶⁸

Esse debate é emblemático porque mostra a recepção e a aceitação imediata das Conferências pela imprensa. Essa repercussão na imprensa não foi importante apenas por dar legitimidade ao espaço das Conferências, mas também por reverberar as discussões ocorridas e de, certa forma, por ajudar a disseminar e cristalizar as idéias apresentadas. Vale ressaltar, conforme discutirei mais adiante, que a relação entre a imprensa e as Conferências era uma via de mão dupla, pois a própria imprensa se definia enquanto uma tribuna pública.

⁶⁶ *A Reforma*, 26/11/1873.

⁶⁷ *Jornal do Commercio*, 24/11/1873.

⁶⁸ *O Apostolo*, 27/11/1873.

Dois dias após a primeira conferência, em publicação enviada à redação de *A Reforma*, Buarque de Macedo destacou a boa aceitação da preleção de Manoel Francisco Corrêa, e sugeriu ao conselheiro a criação de uma sociedade propagadora da instrução pública na Corte, semelhante à existente na província de Pernambuco.⁶⁹ Tal sociedade de fato seria criada por Manoel Corrêa em janeiro de 1874 – a Associação Promotora da Instrução Pública.⁷⁰ Diferente das Conferências da Glória, essa instituição esteve mais interessada na instrução das classes menos abastadas da sociedade como, por exemplo, na criação de escola para meninos e meninas desvalidos.⁷¹ Além do conselheiro Corrêa, esse novo espaço de sociabilidade contou com a participação de outros conferencistas. Isto assinala algumas das redes de sociabilidade existentes entre esses letrados.

Muitos dos oradores eram figuras que atuavam em outros espaços letrados ao lado de Manoel Corrêa como, por exemplo, no parlamento, na Associação Promotora da Instrução Pública, na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; ou que, de alguma maneira, estavam engajados com a questão da instrução pública. Outros eram pessoas que estavam de passagem pelo Rio de Janeiro, fossem de outras províncias ou países, como foi o caso dos viajantes franceses Felix Belly e Gustave Aimard,⁷² que conferenciaram em agosto de 1874 e em novembro de 1879, respectivamente.

⁶⁹ *A Reforma*, 25/11/1873.

⁷⁰ CARDOSO, José A. dos S. op. cit.

⁷¹ Retomo, neste ponto, a multifuncionalidade da sociabilidade formal, exposta por Morel. Neste caso associando as dimensões pedagógica e beneficente – “A pedagogia tinha um terreno comum com a beneficência: levar as *Luzes* do saber aos que não possuísem, retomando, pela instrução, a incorporação de setores da população aos costumes, idéias e ao progresso civilizatório, bem como formação de mão-de-obra.” MOREL, Marco. op. cit., p. 222. Grifo do autor.

⁷² Felix Belly era economista, e em sua conferência abordou a história dos projetos de abertura do istmo americano e dos grandes traçados interoceânicos, vale ressaltar que, em 1858, o viajante fora o representante da companhia francesa responsável pela abertura do istmo que ligaria os oceanos Atlântico e Pacífico. http://www.geocities.com/Athens/Oracle/9853/History_SAmer.html (Acesso: 30/04/2006). Gustave Aimard

Dos assuntos expostos pelos oradores, muitos eram temas também discutidos em outros espaços de sociabilidade – nas faculdades de medicina e direito, nos institutos históricos e geográficos, nos museus, no parlamento, nas livrarias.⁷³ Frisem-se os relacionados às ciências e à medicina como, por exemplo, a questão da higiene, que foi tratada em diversas preleções.⁷⁴ Um dos oradores a versar sobre o assunto foi Antenor Augusto Ribeiro Guimarães,⁷⁵ que em 1874 ofereceu um curso de higiene, como ficou conhecida a série de sete preleções que discutiam os meios preventivos contra a invasão de moléstias perniciosas. Em uma das conferências deste curso, o médico abordou as estratégias para se livrar dos pântanos da cidade, um problema que afligia a população carioca. Após essa preleção, o *Diario do Rio de Janeiro* sugeriu ao ministro do Império que fosse às conferências do médico a fim de que observasse as soluções que eram expostas.⁷⁶ Isso remete ao modo como as Conferências da Glória eram encaradas, ou seja, uma exposição de conhecimentos que visavam um uso prático na sociedade.

era o pseudônimo do romancista Olivier Groux, nascido em 1818, em Paris. Em sua conferência apresentou seus relatos sobre suas viagens a Nova Zelândia e a Buenos Aires. Esteve no Brasil em 1879 e em 1887, após esta segunda estadia escreveu uma obra relatando suas impressões da viagem. Cf. SCHWARCZ, Lilia M. op. cit. http://gl.wikipedia.org/wiki/Gustave_Aimard (Acesso em 30/03/2006).

⁷³ Tânia Ferreira argumenta que ir às livrarias se tornou hábito cotidiano dos letrados cariocas, que lá discutiam assuntos de ordem política ou não, constituindo, assim, novos “núcleos de sociabilidade”. Outro espaço de sociabilidade, salientado pela autora, era a rua do Ouvidor: “Esses freqüentadores [da referida rua] não eram meros visitantes ocasionais, e acabavam formando um grupo de convívio que se identificava em vários aspectos, como profissão, interesses literários, tendências políticas, parentesco, compadrio ou amizades.” FERREIRA, Tânia M. T. B. da C. op. cit., p. 85 e 86.

⁷⁴ Acerca das sociabilidades de médicos e advogados, Tânia Ferreira destaca que: “[...] compunham um grupo socioprofissional que desenvolvia laços de sociabilidade em torno de suas próprias atividades de trabalho e outras mais ligadas a interesses culturais com alguma tradição no Rio de Janeiro. Com os encontros realizados de maneira relativamente informal em livrarias, bibliotecas, cafés e jornais, integravam-se com outros apreciadores de livros e discutiam, conversavam, trocavam correspondência, desenvolvendo sempre temas compatíveis com suas preferências.” Ibidem, p. 19.

⁷⁵ Antenor Augusto Ribeiro Guimarães nasceu em São João Del Rei, província de Minas Gerais, filho de João Ribeiro Guimarães; formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1874.

⁷⁶ *Diario do Rio de Janeiro*, 20/01/1874.

Em março de 1875, o médico Antenor Augusto Ribeiro Guimarães apresentou duas conferências sobre a influência da medicina na educação, nas quais destacou que o conselheiro Corrêa já havia trazido, para tratar dos meios de acabarem com a “ignorância”, o político, o filósofo, o literato e o pedagogo; faltando, portanto, apenas o médico, e era para suprir essa lacuna que ele ali estava.⁷⁷ Nota-se a vocação para direcionar o país ao progresso que o orador atribuiu à sua categoria, condizente com o discurso médico vigente no período, visto que o estado em que se encontrava a higiene pública servia como indicador do nível de civilização em que se encontrava o país.

Antes da implantação das Conferências da Glória, já ocorriam preleções públicas em outros espaços, como as realizadas pela loja maçônica⁷⁸ do Grande Oriente do Brasil, nas quais não eram necessários cartões de entrada.⁷⁹ Entretanto, nos anúncios destas conferências destacavam-se que somente era permitida a entrada de pessoas “decentemente vestidas”. Não encontrei nas fontes nada que indicasse como era feita a seleção daqueles indivíduos. Embora não houvesse uma seleção prévia, por meio de bilhetes, esta ocorria na hora, desde que estivessem “decentemente vestidas”. Alguns oradores que discorriam no salão do Grande Oriente também se apresentaram na tribuna da Glória, evidenciando, mais uma vez, as redes de sociabilidade dos conferencistas; assinalo como por exemplo, Tristão de Alencar Araripe, Luiz Corrêa de Azevedo, José Liberato Barroso, Jose Antonio Fernandes Lima, João Pizzaro Gabizo e Augusto Cezar Miranda de Azevedo, Rodrigo Octavio. Isso sugere a possível ligação desses conferencistas com a maçonaria.

⁷⁷ *Jornal do Commercio*, 09/03/1875.

⁷⁸ Para uma discussão a respeito da sociabilidade na maçonaria ver: MOREL, Marco. op. cit. e BARATA, Alexandre Mansur. *Luzes e sombras: a ação da maçonaria brasileira (1870-1910)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória – Unicamp, 1999.

⁷⁹ A fim de reforçar a aprovação de suas idéias de regalismo pelos membros do conselho de Estado e do Imperador, o visconde do Rio Branco, grão-mestre da Ordem Maçônica – Vale do Lavradio, ressaltava o “caráter apolítico e beneficente” da mesma. Provavelmente, dentro desse princípio a Ordem realizou suas conferências. BARATA, Alexandre M. op. cit.

A maçonaria, desde a “questão religiosa”,⁸⁰ posicionou-se contrária à ligação entre a Igreja e o Estado.⁸¹ Com isso, ao se anunciar que as Conferências da Glória não abordariam assuntos relacionados à religião, *O Apostolo* estabeleceu relação entre as Conferências e a maçonaria, afirmando que as preleções eram feitas por ordem dessa organização. A exclusão da religião católica como assunto de discussão das preleções, segundo *O Apostolo*, teria sido determinação do grão-mestre do Lavradio, estando, desta maneira, os temas em sintonia com os interesses maçônicos, sabendo-se que alguns conferencistas eram membros da maçonaria. De acordo com o periódico católico,

Todos sabem que estas conferências, celebradas no edifício público da Glória, são feitas por ordem da *maçonaria*, e nesse caso oradores e assuntos andam sempre adstritos aos planos e as doutrinas *maçônicas*. A religião foi um dos pontos excluídos, por ordem do Sr. Grão-mestre do Lavradio, da discussão. É evidente que S. Ex. quer apagar na consciência do povo a idéia de Deus, e para tal *desideratum* trata de propinar-lhe em conferências, em boletins do seu Oriente, e em livros aprovados pela instrução pública⁸²

Outro problema apresentado pelo *O Apostolo* era que, além da exclusão da religião como temática, algumas conferências rechaçavam o catolicismo; fato que acontecia com o consentimento do governo e o apoio da maçonaria.⁸³

O Apostolo atestou mais de uma vez que, embora as Conferências Populares não se propusessem a discutir assuntos religiosos, estes sempre estavam presentes. Ao noticiar a

⁸⁰ A respeito da “questão religiosa” Marcelo Balaban destaca que: “A relação entre política e religião na constituição e na prática política brasileira se tornou um debate organizado por uma pauta de mudanças radicais, como a instituição do casamento civil, do registro civil, a secularização dos cemitérios, ou a manutenção e até tornar mais extrema a relação orgânica entre o poder temporal e o espiritual. Tratou-se de um delicado debate político que tomou forma por meio das questões jurídicas. Seus desdobramentos organizaram a chamada questão religiosa, cujo sentido profundo estava associado às propostas de reformas do Estado brasileiro.” BALABAN, Marcelo *Poeta do lápis: a trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888*. Campinas, SP, 2005. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas, p. 178.

⁸¹ BARATA, Alexandre M. op. cit

⁸² *O Apostolo*, 10/04/1874. Grifos do original.

⁸³ *O Apostolo*, 23/06/1875.

preleção do conselheiro Pereira da Silva, sobre a conquista do México, destacou que o assunto apresentado tinha relação com a religião:

Temos visto que desde a inauguração das tais conferências *chamadas populares* o diretor delas, o Sr. Conselheiro Corrêa, de acordo necessariamente com o governo, tem procurado afastar da tribuna questões que entendam de religião. Assim é que ainda orador nenhum se apresentou desenvolvendo uma tese religiosa. [...] E como não tem quem os chame à ordem, ei-los discutindo crenças religiosas, procurando amesquinhá-las, e lançar ridículo sobre elas. É este um abuso que se tem dado, e que se há de ir repetindo, com aplauso do governo e da seita a quem ele obedece.⁸⁴

A despreocupação do governo acerca da não exposição de assuntos religiosos foi muito criticada pelo *O Apostolo*, desde quando se iniciaram as Conferências Populares da Glória, pois isto era encarado como mais um reflexo da presente crise entre a política e a religião, ou seja, entre o Estado e a Igreja, e assim foi inserida no problema da questão religiosa. A perda de influência da Igreja era relacionada com a interferência da maçonaria sobre o governo, considerada como a arquiteta intelectual das decisões oficiais, visto que o chefe do gabinete, o visconde do Rio Branco, era o grão-mestre da Ordem do Lavradio.⁸⁵

De acordo com Alexandre Mansur Barata, a recusa da maçonaria aos preceitos conservadores ultramontanos, advogados pela Igreja Católica, provocou debates radicais que foram essenciais para a produção de uma “identidade entre Maçonaria e Ilustração”. Mesmo não analisando a ordem maçônica brasileira como uma organização homogênea, o

⁸⁴ *O Apostolo*, 23/06/1875. Grifos do original.

⁸⁵ Esse paralelo, por parte dos partidários do discurso católico, entre os interesses maçônicos e as ações políticas do gabinete Rio Branco era recorrente; a lei de 1871 e as pendengas parlamentares ocorridas com a questão religiosa indicavam a decadência da força moral da Igreja Católica no Brasil. BALABAN, Marcelo. op. cit.

autor considera que foi recorrente a presença da maçonaria nas discussões que almejavam criar uma nova consciência nacional na segunda metade do século XIX.⁸⁶

A Igreja, que já era atacada desde a “questão religiosa”, viu nas Conferências da Glória mais uma afronta dos maçons contra a Instituição, relacionando imediatamente a prática destas com os interesses maçônicos. Barata argumenta que a “questão religiosa” colaborou enormemente para a atuação política dos maçons, representados no período desse debate no Brasil por duas obediências diretoras: o Grande Oriente do Brasil – Vale do Lavradio, que tinha como líder o visconde do Rio Branco; e o Grande Oriente do Brasil – Vale dos Beneditinos, comandado por Saldanha Marinho.⁸⁷

A formação de uma opinião pública

Desde seu início, as Conferências Populares da Glória tiveram ampla repercussão na imprensa. Sua inauguração, seu funcionamento e os discursos ali proferidos eram noticiados nos jornais. Isto posto, vale ressaltar o papel da imprensa como constituidora de opinião pública. Como as Conferências visavam divulgar a ciência, as artes e a literatura, a aceitação ou não pelo público das idéias ali expostas dependeria muito de como elas repercutiram na imprensa.

⁸⁶ BARATA, Alexandre M. op.cit.

⁸⁷ “(...) a eclosão da “Questão Religiosa”, em 1872, contribuiu sobremaneira para mobilizar toda a organização maçônica que, através do Parlamento e da imprensa, desencadeou uma verdadeira luta contra os adversários da liberdade de pensamento, do racionalismo, da liberdade religiosa, enfim, do liberalismo.” Ibidem, p. 93.

Para trabalhar a opinião pública utilizo a concepção de Jürgen Habermas.⁸⁸ Por meio das transformações trazidas pelo capitalismo, há uma mudança nos espaços públicos, que se tornam por excelência lugares de formação de opinião. O surgimento da imprensa faz com que a transmissão de opiniões se torne pública. Habermas afirma que imprensa está sujeita às mesmas leis que regem o mercado. Segundo o autor, ela só adquiriu seu caráter comercial em meados do século XIX “[...] com o estabelecimento do Estado burguês de Direito e com a legalização de uma esfera pública politicamente ativa”.⁸⁹

Com isso, algo só se torna notícia se puder gerar lucro, que advém da compra do jornal pelo público leitor, que só o comprará se o fato anunciado lhe despertar interesse. Porém, um acontecimento pode deixar de ser notícia, caso haja conflito de interesses com os anunciantes ou com os parceiros políticos do jornal. A mercadoria vendida pelos jornais, de fato, são os anúncios, já que os anunciantes compram espaços do jornal.⁹⁰ Entretanto, o leitor compra a publicação pelas reportagens que estão presentes, levando, por consequência, os anúncios. Daí provém a força dos anunciantes no material que será noticiado.

Apesar dessa influência dos anunciantes, a imprensa é o espaço da opinião pública. Ainda de acordo com Habermas, a opinião pública é apoiada pelo bom senso, que permite o público julgar de forma positiva ou negativa as pessoas, os acontecimentos e as instituições.

⁸⁸ HABERMAS, Jürgen. op. cit.

⁸⁹ Ibidem, p. 216. No Brasil, Leonardo Affonso Pereira argumenta que a partir da década de 1870 os pequenos periódicos começaram a ceder espaço à grande imprensa: “Montados como empresas comerciais, esses novos jornais começavam a constituir a grande imprensa no Brasil, dinamizando o processo de massificação cultural da sociedade carioca da segunda metade do século XIX. O marco dessa virada se deu com o surgimento da *Gazeta de Notícias*, em 1874.” PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O carnaval das letras: literatura e fôlica no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004, p. 39.

⁹⁰ Cabe ressaltar que, exceto em *O Apostolo*, nos periódicos estudados, a parte reservada aos anúncios abarcava, no mínimo, 25% do espaço físico. Neste sentido, a pesquisa de Tânia Ferreira demonstra o significativo espaço ocupado pelos anúncios no *Jornal do Commercio* quando se atém às médias mensais dos mesmos entre os anos de 1873 e 1879. FERREIRA, Tânia M. T. B. da C. op. cit., p. 88.

Em outras palavras, o público se comporta como um tribunal incorruptível, partindo do pressuposto que ele não trairá a si mesmo. Isto fornece ao público uma força capaz de pressionar as esferas públicas e privadas. Para Habermas, a imprensa, além de publicar a informação, também constrói opiniões. A publicidade pretende formar a opinião pública, por meio de um consenso junto ao povo, a fim de que este aceite ou negue uma idéia ou uma pessoa.

Nesta perspectiva, não bastava divulgar a ciência em conferências públicas, era necessário que as idéias ali expostas fossem aceitas pela opinião pública. Com isso, o papel da imprensa periódica do Rio de Janeiro foi fundamental, considerando todos os ditames reguladores dessa empresa comercial, conforme adverte Habermas.

Em 1876, pela primeira vez, Manoel Francisco Corrêa censurou um orador, interrompendo sua preleção. O motivo da intervenção foi a apresentação por Augusto Carvalho de assuntos que eram vetados na tribuna da Glória⁹¹ – política e religião. Todavia, a conferência continuou, pois, de acordo com *O Apostolo*,⁹² o público foi condescendente com a continuação da preleção; fato que despertou a indignação deste jornal. A repreensão da folha católica se devia à complacência do auditório, pois o conferencista abordava o positivismo e o materialismo de modo favorável – assuntos mal quistos pela Igreja:

Escrevem-nos a propósito: ‘O Sr. Augusto Carvalho, um dos mais ousados fanáticos que conhecemos, teve domingo passado ocasião de exhibir magistralmente a extravagância de suas idéias positivistas ou materialistas no salão das Conferências da Glória. Devia falar sobre a imigração. [...] O Exmo. Sr. conselheiro Corrêa ponderou então ao orador que, tratando de política e de religião, estava ele transgredindo as regras das Conferências; mas o auditório sempre indulgente, mesmo para com

⁹¹ Augusto Carvalho nasceu na cidade de Campos, na província do Rio de Janeiro; cursou direito na Universidade de Coimbra; dedicou-se ao jornalismo, atuando como redator dos jornais *Diario do Rio de Janeiro* e do *Jornal do Povo* e da revista *Esperança*. BLAKE, Augusto V. A. S. op. cit.

⁹² *O Apostolo*, 05/11/1876.

aqueles que se põem em antagonismo com o bom senso e o bom tom, consentiu na continuação do discurso.’⁹³

É de se imaginar que em outras conferências temas que não eram permitidos já haviam sido abordados, no entanto, esse foi um fato “isolado”, em nenhum outro caso encontrei a intervenção do conselheiro Corrêa. O que teria motivado essa intervenção? As idéias expostas por Augusto Carvalho talvez fossem opostas às de Manoel Corrêa; o conselheiro pode ter tido algum atrito com o preletor; alguém poderia ter aconselhado o coordenador das Conferências a fazer tal interrupção; ou teria havido algum tipo de pressão sobre o conselheiro que resultou em tal prática. Talvez uma dessas suposições seja a responsável por este caso “isolado”, ou quem sabe até mesmo todas elas.

Cabe sublinhar que, a fim de tentar convencer o público de sua verdade, *O Apostolo* destacou que a nota publicada fora enviada por um leitor. Mostrar que aquele era um espaço aberto ao público fazia com que a notícia exposta apresentasse uma credibilidade maior, visto que, a opinião pública pode ser considerada como justa e que acolhia uma idéia sem necessariamente comprometer-se, valendo-se dessa estratégia de escrita jornalística.

O acolhimento, por parte do público, das Conferências Populares era tão grande que, em 1874, em um artigo enviado ao *O Globo*, um leitor sugeriu a aquisição de um taquígrafo, para que se pudesse conservar e publicar as Conferências.⁹⁴ *O Globo*, por sua vez, sugeriu a criação de uma publicação:

O contexto dessas conferências, de variadíssimo assunto, com a crítica e a discussão que sugerem, concorreriam com vasto cabedal para organizar-se uma interessante *Revista* no gênero das que se publicam na Europa e nos Estados Unidos, onde muito contribuem para o

⁹³ Ibidem. Grifos meus.

⁹⁴ *O Globo*, 07/09/1874.

adiantamento intelectual do povo. É vergonhoso não termos tido até hoje uma publicação dessa ordem, digna do nome.⁹⁵

Posteriormente, com o sucesso das preleções, foram contratados dois taquígrafos, os mesmos que trabalhavam na Câmara dos Deputados, para efetuarem seu registro. Novamente a participação do público se fez presente no jornal. A aceitação da proposta da folha mostra a repercussão que as Conferências da Glória provocavam na imprensa e também o inverso. O uso da taquígrafia significa que o saber seria retido a partir de então, registrado de forma impressa e escrita, haveria a cristalização do saber proferido nas preleções.

Com a transcrição das Conferências, em 1876, elas passaram a ser impressas em uma revista mensal, intitulada *Conferencias Populares*, que além de publicar as preleções realizadas naquele ano, editou algumas realizadas anteriormente. Ela teve dez volumes e contou com o apoio financeiro de Manoel Francisco Corrêa. Mais uma vez, nota-se que a figura do conselheiro estava vinculada com a execução do evento, pois a revista *Conferências Populares* era financiada com seu dinheiro.⁹⁶

O periódico era vendido aos assinantes e distribuído à imprensa local.⁹⁷ As pessoas que residissem fora da Corte, caso quisessem comprar um volume avulso ou assinar a revista necessitavam enviar um envelope com o dinheiro ao escritório da empresa. As correspondências deveriam ser dirigidas a J. M. de Almeida, que juntamente com H. Chaves, era responsável por estenografar os discursos.

⁹⁵ *O Globo*, 18/04/1875.

⁹⁶ *Gazeta de Noticias*, 20/02/1876.

⁹⁷ *A Reforma*, 28/04/1876; *O Globo*, 25/08/1876; *O Apostolo*, 25/08/1876.

A publicação era confeccionada em brochura, possuindo em média 110 páginas. Na parte superior da capa constava o título; logo abaixo o mês, o número e o ano a que se referiam as conferências impressas; no centro, um sumário contendo o título da conferência e o nome do respectivo orador; por fim, no rodapé estava registrado o local (Rio de Janeiro) e o ano da edição. Na folha de rosto apareciam as mesmas informações anteriores, algumas vezes sem a presença do sumário, mas com a adição, no rodapé, do nome e do endereço da tipografia onde foi impressa. A cada três meses nas últimas páginas vinha registrado um índice com as preleções publicadas no trimestre.

Nos dois primeiros volumes da revista, após o término do último artigo, havia uma seção denominada “Avisos”. No primeiro volume foi impressa uma nota explicando que o artigo de Augusto Cezar de Miranda Azevedo, sobre águas minerais, não havia sido publicado, pois o autor não tivera tempo de revisar o texto, mas que o referido seria impresso no próximo número. Embora o texto apresentado na revista desse destaque às reações da platéia – aos “aplausos” aos “muito bem!” – elas não apresentavam as menções de desagrado, já que antes de ser publicado o artigo era passado pelo crivo do conferencista. Nestes mesmos volume e seção foi editada uma nota informando que no próximo número seriam arrolados os nomes dos assinantes do periódico. No número seguinte, na referida seção, outro informe justificou que a relação nominal não saiu porque eles ainda não haviam recebido a listagem, porém esta sairia no próximo mês. Infelizmente, esta lista nunca foi publicada, pois traria importantes informações a respeito do público leitor. Inclusive, esta seção não fez parte de outro volume da revista.



CONFERENCIAS POPULARES

JANEIRO — N. 1. — ANNO 1876

Summario. — I. Introducção. — II. Instrucção pública, pelo Sr. Conselheiro MANOEL FRANCISCO CORREIA. — III. Darwinismo, seu passado, seu presente e seu futuro, pelo Sr. Dr. A. C. DE MIRANDA AZEVEDO. — IV. Exposições industriaes, pelo Sr. AFFONSO CELSO JUNIOR. — V. Aguas mineraes em geral, pelo Sr. Dr. A. C. DE MIRANDA AZEVEDO. — VI. Aguas mineraes do Brazil, pelo mesmo senhor.

— ✕ —
RIO DE JANEIRO

—
1876



Capa do primeiro número da revista *Conferencias Populares*.

Até o número 9, correspondente ao mês de setembro de 1876, a revista foi impressa na tipografia do *Jornal do Commercio*,⁹⁸ indicando haver uma relação subliminar com a imprensa. O volume seguinte, e último publicado, foi editado na Tipografia Fluminense.⁹⁹ Não encontrei nada que pudesse sinalizar uma relação entre a mudança de tipografia e o término do periódico.

O mês que constava na capa não era o de publicação, mas sim aquele em que foram realizadas as conferências que faziam parte do volume, excetuando as que foram proferidas nos anos anteriores a 1876. Com relação à data da publicação dos volumes, consegui identificar apenas algumas. Em 1876 foram lançados os seguintes: 31 de março (2º.), final de abril (3º.), fins de agosto (6º.), em 30 de setembro (7º.), 31 de outubro (8º.), o 9º. e o 10º. números foram enviados juntamente à imprensa no início de julho de 1877.

Antes das *Conferencias Populares* serem publicadas, em janeiro de 1876, a *Gazeta de Noticias*¹⁰⁰ informou ao público que havia recebido o prospecto do periódico. É provável que tal anúncio tenha sido enviado a fim de angariar assinantes. Cabe ressaltar que, enquanto houve tiragem da revista, a *Gazeta* foi o jornal que mais fez propaganda. Dentre as preleções que seriam editadas no primeiro volume, ela destacou a de Augusto Cezar Miranda Azevedo, sobre o darwinismo.

A *Gazeta de Noticias* expôs ao público, visando formar uma opinião pública, sua apreciação do primeiro número: “É uma leitura útil, que sobretudo nós recomendamos àqueles que por suas ocupações ou outras causas não podem freqüentar a escola da Glória.”¹⁰¹ Opinião que não foi diferente acerca do segundo volume: “Julgamos inútil

⁹⁸ Typographia Imp. e Const. de J. Villeneuve, situada à rua do Ouvidor, 65.

⁹⁹ Situada à rua Evaristo da Veiga, 5.

¹⁰⁰ *Gazeta de Noticias*, 03/01/1876.

¹⁰¹ *Gazeta de Noticias*, 20/02/1876.

tornar a recomendar tão proveitosa publicação, indispensável a todos que amam o desenvolvimento intelectual da nossa pátria.”¹⁰²

A fim de dar legitimidade à revista¹⁰³ e explicitando o papel da imprensa como formadora de opinião, a *Gazeta de Noticias* salientou algumas conferências publicadas nas *Conferencias Populares*. No terceiro número a folha evidenciou a preleção de Antonio Felicio dos Santos: “Mais de uma vez nós temos referido a essa preleção, que recomendamos aos nossos leitores.”¹⁰⁴ O título da conferência era “Da moda com relação à higiene”, na qual era afirmada a importância do darwinismo para tal.

A indicação de leitura também foi praticada por outros jornais. Por exemplo, sobre o terceiro volume, *A Reforma* publicou:

Recebemos o 2º. número da importante revista que tem por fim vulgarizar os discursos proferidos nas Conferências da Glória [...] Entre outros recomendamos a leitura do discurso que o distinto Dr. Miranda de Azevedo proferiu sobre águas minerais.¹⁰⁵

As Conferências Populares da Glória se constituíram como um importante espaço formador de opinião pública, que reverberava em outro, que era a imprensa. Por possuir esse caráter, muitos temas que estavam no calor da hora eram expostos nas Conferências. Vale lembrar que os conferencistas tinham o papel de difundir o conhecimento científico que possuíam.¹⁰⁶ Dos oradores mapeados, a maioria tinha como formação medicina e

¹⁰² *Gazeta de Noticias*, 01/04/1876.

¹⁰³ Neste sentido, retomo Morel, que destacou a utilização da “opinião pública como recurso para legitimação de práticas políticas, como operação simbólica de transformar opiniões individuais em opinião geral.” Morel, Marco. op. cit., p. 200.

¹⁰⁴ *Gazeta de Noticias*, 09/05/1876.

¹⁰⁵ *A Reforma*, 28/04/1876.

¹⁰⁶ Recupero aqui a asserção de Morel: “Quando se fala em educação e imprensa como canais dirigidos aos “Povos” (tomados aqui como objetivos carentes de conhecimentos ou entretenimento), não é difícil verificar quem são os educadores e redatores. Os construtores dessa opinião pública são, em outras palavras, os membros da chamada República das Letras, os *esclarecidos*. Ou seja, a opinião vista como fruto da reflexão dos indivíduos *ilustrados* e tornada pública uma vez que visava propagar as *Luzes* do progresso e da civilização – e, por isso, defensora da ordem e da moderação.” MOREL, Marco. op. cit., p. 208. Grifos do autor.

direito. Segundo Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira, ter finalizado um curso superior afiançava uma “série de privilégios”, por exemplo, muitos cargos políticos e burocráticos eram preenchidos por bacharéis.¹⁰⁷ Destaco esse ponto, pois assinala o reconhecimento público que muitos oradores possuíam na sociedade letrada do Rio de Janeiro. Abaixo segue uma tabela mostrando a formação superior dos conferencistas:

Tabela III

Formação superior dos conferencistas presentes na tribuna da Glória entre 1873 e 1880

Formação superior	Frequência	%
Medicina	34	39,5
Direito	26	30,2
Engenharia	6	7,0
Ciências físicas e matemáticas	2	2,3
Economia	1	1,2
Farmácia	1	1,2
Filosofia	1	1,2
Geologia	1	1,2
Lingüística	1	1,2
Matemática	1	1,2
Não identificados	12	14,0
Total	86	100,0

Fonte: BLAKE, Augusto V. A. S. op. cit. TUBINO, Nina. *Sinopse biográfica de Benjamin Franklin Ramiz Galvão (Barão de Ramiz)* 1846-1938. Brasília, DF, 1994. *Almanak administrativo, mercantil e industrial*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1874. *Galeria nacional*. Vultos proeminentes da história brasileira. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do “Jornal do Brasil”, 1932. <http://www2.prossiga.br/Ocruz/trajetoria/inferform/11origens/bento.htm> (Acesso: 22/09/2004). http://gl.wikipedia.org/wiki/Gustave_Aimard (Acesso: 12/05/2005). <http://pessoal.onda.com.br/bosseti/orvilledbysite.htm> (Acesso: 02/05/2005). <http://www.eb1-maria-mendes.rcts.pt/zeferinocandido.htm> (Acesso: 02/06/2005).

Dos conferencistas que se apresentaram neste período, 30,2% eram formados em direito. No tocante ao papel dos bacharéis durante o período imperial, Eduardo Spiller Pena afirma que na construção do Estado e no seu funcionamento foi expressiva a atuação dos

¹⁰⁷ FERREIRA, Tânia M. T. B. da C. op. cit., p. 29.

advogados, porém essa relação foi recíproca, uma vez que eles conseguiram utilizar os meandros governamentais para solidificar a categoria.¹⁰⁸ Sendo que, no decorrer do século XIX, essa camada adquiriu cada vez mais prestígio e força na sociedade. Neste sentido, para Edmundo Coelho, a posição de destaque dos membros dessa categoria se dava mais em razão da atividade política do que do êxito na prática da advocacia.¹⁰⁹

Um desses bacharéis que ocupou a tribuna da Glória foi João Baptista da Silva Gomes Barata,¹¹⁰ que apresentou seis preleções entre janeiro e fevereiro de 1876, todas discorrendo sobre a situação da lavoura brasileira. Ao analisar a questão da lavoura no país, discutiu a problemática da paulatina extinção da escravidão para a produção agrícola; tema que era amplamente debatido no período, pois com a Lei de 1871 era ponto passivo que em breve a abolição dos escravos chegaria e, por isso, era necessário pensar qual seria a mão-de-obra assalariada mais adequada ao país. Suas conferências atraíram a presença de fazendeiros da província do Rio de Janeiro,¹¹¹ mostrando que havia uma composição do público em função do assunto. Isso reforça a suposição de que no imaginário do público as Conferências teriam utilidade e aplicabilidade práticas.

Contudo, o mais expressivo é a quantidade de médicos que se apresentou nas Conferências Populares da Glória. Dentre os assuntos que eram expostos por esses oradores os principais tratavam da medicina e das ciências naturais, destacando-se àqueles relacionados às idéias darwinistas – mesmo não sendo em número expressivo, quando comparada com outras temáticas, foram as que tiveram maior repercussão seguida de

¹⁰⁸ PENA, Eduardo Spiller. *Pajens da casa imperial: juristas, escravidão e a Lei de 1871*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2001.

¹⁰⁹ COELHO, Edmundo. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

¹¹⁰ Bacharel em direito, foi deputado de 1854 a 1857. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1874.

¹¹¹ *Diário do Rio de Janeiro*, 02/03/1875.

polêmica na imprensa carioca. Publicizar esses conhecimentos científicos e torná-los favoráveis à opinião pública seria mais uma tarefa. A tabela seguinte mostra as conferências que abordavam essas temáticas:

Tabela IV
Conferências sobre temas relacionados às ciências naturais e à medicina

Ano	Dia e Mês	Conferencista	Tema
1874	08/01	Antenor Augusto Ribeiro Guimarães	Meios preventivos contra a invasão de moléstias pestilenciais. 1ª. Conf. do curso de higiene.
	11/01	Antenor Augusto Ribeiro Guimarães	Meios preventivos contra a invasão de moléstias perniciosas (cont.). 2ª. Conf. do curso de higiene.
	22/01	Antenor Augusto Ribeiro Guimarães	Meios preventivos contra a invasão de moléstias perniciosas (cont.). 3ª. Conf. do curso de higiene.
	29/09	Antenor Augusto Ribeiro Guimarães	Meios preventivos contra a invasão de moléstias perniciosas (cont.). 4ª. Conf. do curso de higiene.
	05/02	Soeiro Guarany	Da utilidade e necessidade para as mães de família do estudo da puericultura. 1ª. Conf. do curso de puericultura.
	19/02	Antenor Augusto Ribeiro Guimarães	Medidas sanitárias e cautelas que devem tomar, na invasão de epidemias, a administração pública e os particulares. 5ª. Conf. do curso de higiene.
	26/02	Soeiro Guarany	Considerações preliminares sobre o casamento debaixo do ponto de vista moral, fisiológico e higiênico. Cuidados que devem ser prodigalizados à mulher do sétimo mês da gestação em diante, e os que devem dispensar aos recém nascidos na amamentação materna. 2ª. Conf. do curso de puericultura.
	30/04	Antenor Augusto Ribeiro Guimarães	Lazaretos e quarentenas. 6ª. Conf. do curso de higiene.
	28/05	Antenor Augusto Ribeiro Guimarães	Lazaretos e quarentenas. 7ª. Conf. do curso de higiene.
	11/06	Augusto Cezar Miranda de Azevedo	Necessidade e vantagens do estudo das ciências naturais.
	26/07	Joaquim Monteiro Caminhoá	Sociedade de socorros aos feridos e doentes militares.
	02/08	Joaquim José de Menezes Vieira	O surdo-mudo, considerado sob o ponto de vista moral e intelectual.
	16/08	José de Saldanha da Gama	Legendas das plantas.
	25/10	José Martins da Cruz Jobim	Sobre a Natureza e contagiosidade da febre amarela e meios de a reprimir.
	01/11	José Saldanha da Gama	O modo de viver das plantas.
Total	15 Conferências		15,63% (das 96 ocorridas neste ano)
1875	07/03	Antenor Augusto Ribeiro Guimarães	Influência da medicina sobre a educação.
	21/03	Antenor Augusto Ribeiro Guimarães	Influência da medicina sobre a educação (cont.).
	04/04	Antenor Augusto Ribeiro Guimarães	Aparelho locomotor, educação dos sentidos, voz e palavra.
	11/04	Augusto César de Miranda Azevedo	O darwinismo, seu passado, seu presente, seu futuro.
	18/04	Augusto César de Miranda Azevedo	Idem.
	25/04	Augusto César de Miranda Azevedo	Estudo e demonstração das leis fundamentais do darwinismo.
	16/05	Augusto César de Miranda Azevedo	Os diversos meios de reprodução dos organismos.
	20/06	Augusto César de Miranda Azevedo	Os embriões.
	04/07	José Martins da Cruz Jobim	Da intervenção da medicina legal como uma necessidade indispensável para a boa administração da justiça.
	01/08	José Martins da Cruz Jobim	As diversas espécies de asfixia.
	08/08	Augusto César de Miranda Azevedo	Sistema de Darwin (cont.).
13/08	Antonio José Pereira da Silva Araújo	Importância do microscópio em medicina e conseqüências filosóficas que dela se deduzem.	

	19/08	Nuno Ferreira de Andrade	O filosofismo médico.
	26/09	Augusto César de Miranda Azevedo	Aplicação da doutrina evolutiva ao homem.
	10/10	Galdino Emiliano das Neves	Geração espontânea.
	17/10	Manoel Hilário Pires Ferrão	A Farmácia no Brasil sua utilidade e meios de desenvolvê-la.
	24/10	Manoel Hilário Pires Ferrão	Idem.
	19/12	Nuno Ferreira de Andrade	Acomodação dos organismos aos meios ambientes, doutrina etnográfica da colonização.
Total		18 Conferências	36,00% (das 50 ocorridas neste ano)
1876	09/01	Augusto Cezar de Miranda Azevedo	Águas minerais especialmente as do Brasil.
	23/01	Augusto Cezar de Miranda Azevedo	Águas minerais do Brasil.
	13/02	Augusto Cezar de Miranda Azevedo	Águas minerais de Baependy, Campanha, Contendas e Caldas.
	27/02	João Pizarro Gabizo	A higiene das escolas.
	05/03	João Pizarro Gabizo	Idem.
	19/03	João Pizarro Gabizo	Higiene das escolas.
	16/04	Antonio Felício dos Santos	Da moda em relação com a higiene.
	30/04	Nuno Ferreira de Andrade	Os banhos.
	07/05	Augusto Cezar de Miranda Azevedo	A responsabilidade médica.
	25/06	Antonio Limoeiro	Socorros à invalidez e à velhice.
	10/08	Joaquim Monteiro Caminhoá	Curso de Botânica Popular 1ª Conf. do mesmo.
	31/08	Bento Gonçalves Cruz	Prolegômenos de biologia 2ª Conf. do curso de botânica popular.
	02/09	Joaquim Monteiro Caminhoá	Curso de Botânica Popular III.
	08/09	Joaquim Monteiro Caminhoá	Curso de Botânica Popular IV. Do microscópio e seu emprego no estudo da anatomia das plantas, células, sua composição e modificações.
	21/09	Joaquim Monteiro Caminhoá	Curso de Botânica V. Das células, formando tecidos e órgãos.
	28/09	Joaquim Monteiro Caminhoá	Curso de Botânica Popular VI. Da raiz e do caule.
	05/10	Joaquim Monteiro Caminhoá	Curso de Botânica Popular VII. Dos órgãos que são a transição entre a raiz e o caule.
	14/10	Joaquim Monteiro Caminhoá (substituído por Francisco Ribeiro de Mendonça)	Curso de Botânica Popular VIII. A folha.
	19/10	Joaquim Monteiro Caminhoá	Curso de Botânica Popular IX. A folha.
	27/10	Joaquim Monteiro Caminhoá	Curso de Botânica Popular X. A flor.
	31/10	Francisco Ribeiro de Mendonça	Curso de Botânica Popular XI. Da flor em particular.
	05/11	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Darwinismo.
	09/11	Francisco Ribeiro de Mendonça	Curso de Botânica Popular XII. A flor (cont.).
	16/11	Francisco Ribeiro de Mendonça	Curso de Botânica Popular XIII.
	23/11	Francisco Ribeiro de Mendonça	Curso de Botânica Popular XIV. Os órgãos sexuais das flores.
	29/11	Francisco Ribeiro de Mendonça	Curso de Botânica Popular XV. A flor (cont.).
	14/12	Francisco Ribeiro de Mendonça	Curso de Botânica Popular XVI. O fruto.
21/12	Francisco Ribeiro de Mendonça	Curso de Botânica Popular XVII. Fecundação.	
Total		28 Conferências	40,00% (das 70 ocorridas neste ano)
1878	17/03	Manoel Francisco Corrêa	A escola de humanidades do Instituto Farmacêutico do Rio de Janeiro.
	24/03	Manoel Francisco Corrêa Junior	Nutrição dos vegetais.
	28/04	Francisco Ribeiro de Mendonça	Influência dos meios sobre os seres orgânicos em geral e particularmente sobre o reino vegetal.
	28/05	Francisco Marques de Araújo Góes	Origem da terra, sua idade e seus fins.
	14/07	Nuno Ferreira de Andrade	Base física da vida.
	04/08	Francisco Marques de Araújo Góes	A circulação do sangue no reino animal.
	01/09	Manoel Francisco Corrêa	Educação física.
	08/09	João dos Reis de Souza Dantas Sobrinho	Lutas pela existência: seu papel na evolução das espécies.
	20/09	Manoel Francisco Corrêa	A Educação Física.
	24/11	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Influência higiênica dos climas.

	08/12	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Higiene das habitações.
	29/12	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Idem.
Total	12 Conferências		27,27% (das 44 ocorridas neste ano)
1879	05/01	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Regime alimentar.
	27/04	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Regime alimentar: bebidas.
	11/05	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Falsificação de vinhos.
	08/06	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Bebidas aromáticas e ácidas, ação do álcool sobre o organismo.
	29/06	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	O exercício e o movimento.
	06/07	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Ginástica, natação e equitação.
	20/07	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Das paixões, suas influências sobre os principais atos orgânicos.
	27/07	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Do sono fisiológico, seus efeitos sobre o organismo.
	31/08	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Magnetismo animal.
	07/09	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Dos excitantes sistema muscular, e especialmente do imã e da eletricidade.
	21/09	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Eletricidade médica ou aplicações terapêuticas desse agente.
	12/10	Francisco Ribeiro de Mendonça	Estudo tanto teórico como experimental do radiômetro.
	19/10	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Eletricidade médica.
	26/10	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Valor da teoria da assistologia de Beau, higiene das moléstias do coração.
		07/12	Feliciano Pinheiro de Bittencourt
Total	15 Conferências		39,47% (das 38 ocorridas neste ano)
1880	18/04	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Será a hemoptise causa ou efeito da tuberculose pulmonar?
	02/05	Carlos Victor Boisson	Tontinas e associações de seguros sobre a vida.
	16/05	Carlos Victor Boisson	Idem.
	06/06	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Higiene dos tuberculosos: vida agreste, climas, altitudes e latitudes, viagens do oceano, exercício, alimentação, hidroterapia
	13/06	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Influência dos climas, do exercício, da alimentação e da hidroterapia sobre as tuberculoses.
	11/07	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Uso e abuso do tabaco.
	18/07	Feliciano Pinheiro de Bittencourt	Idem.
	01/08	Joseph Auguste Aristide Fort	Sobre febre amarela.
	08/08	Francisco Praxedes de Andrade Pertence	Ensino superior.
	12/08	Nuno Ferreira de Andrade	Ensino superior. Faculdades de medicina.
	15/08	João Paulo de Carvalho	Ensino superior. Ciência prática e experimental. Laboratórios.
	19/08	Hilário Soares de Gouvea	Ensino superior. Organização do ensino médico na Alemanha.
	22/08	João Baptista Kossuth Vinelli	Ensino superior. Vícios de organização da faculdade de medicina.
	26/08	Cypriano de Sousa Freitas	Ensino superior. Fisiologia e patologia experimentais.
	29/08	João Martins Teixeira	Faculdades de medicina. Discípulos e mestres.
	02/09	Benjamin Franklin Ramiz Galvão	As ciências físicas e naturais nas faculdades de medicina.
	05/09	Joaquim Monteiro Caminhoá	Meios práticos e econômicos para a reforma do ensino médico.
	09/09	Antonio José Pereira da Silva Araújo	Ensino superior, microscopia prática.
	12/09	Francisco Praxedes de Andrade Pertence	O ensino superior.
	16/09	Manoel Joaquim Fernandes Eiras	O alienado perante a ciência médica, a sociedade, a família, a autoridade e a lei.
19/09	José de Saldanha da Gama	Ensino superior.	
03/10	Francisco Praxedes de Andrade Pertence	Universidade e a liberdade universitária	
10/10	João Barbosa Rodrigues	O curare, seu uso, armas em que é usado e seu manejo	
17/10	Manoel Joaquim Fernandes Eiras	O alienado perante a ciência médica, a sociedade, a	

		família, a autoridade e a lei
25/12	José Cardoso de Moura Brasil	Abuso do tabaco, cegueira dos fumantes
Total	25 Conferências	54,35% (das 46 ocorridas neste ano)

Fonte: Esta tabela é resultado de um levantamento feito por mim utilizando as seguintes fontes: *Conferências Populares, Jornal do Commercio, Gazeta de Noticias e Diario do Rio de Janeiro* no período de 1873 a 1880.

Para Milton Meira do Nascimento, a opinião pública deveria ser formada, segundo a perspectiva iluminista, por intelectuais que obteriam sucesso, ou não, dependendo de seu poder de persuasão.¹¹² Portanto, temas relacionados às ciências naturais e à medicina foram amplamente discutidos na tribuna da Glória, onde os detentores do saber médico oficial tentaram, por meio de seu poder de convencimento, fazer o público aceitar os preceitos por eles expostos. A “opinião esclarecida”¹¹³ vinha nos discursos dos oradores da tribuna da Glória, já que eles, em sua maioria, faziam parte de uma camada da sociedade especializada em alguma área do conhecimento.

Em 1875, quando 36% das conferências expuseram assuntos relacionados às ciências naturais e à medicina, a temática que mais se destacou foi o darwinismo, com grande repercussão e polêmica na imprensa. Expostas por Augusto Cezar Miranda de Azevedo e por Galdino Emiliano das Neves, as preleções sobre o sistema de Darwin ganharam ampla repercussão e acalorado debate nos jornais, conforme será visto no próximo capítulo.

Das preleções realizadas em 1876, 40% abordavam assuntos relacionados às ciências naturais e à medicina. Neste ano, o tema mais exposto foi a botânica. Foram

¹¹² Para Milton Meira do Nascimento: “Trata-se de um processo em marcha, que consiste fundamentalmente ou na produção ou no desenvolvimento da verdade e na sua difusão, para a criação de uma nova mentalidade, de uma opinião esclarecida, até que o próprio povo apareça como detentor da verdade.” NASCIMENTO, Milton Meira do. *Opinião pública e revolução: aspectos do discurso político na França revolucionária*. São Paulo: Nova Stella: Edusp, 1989, p. 64.

¹¹³ *Ibidem*.

realizadas 16 conferências do chamado “Curso de Botânica”, proferidas por Joaquim Monteiro Caminhoá e Francisco Ribeiro de Mendonça.

Todas as conferências que tratavam de medicina (39,47%), apresentadas em 1879, foram feitas por Feliciano Pinheiro de Bittencourt, recordista desse ano. Vale ressaltar esse monopólio por parte deste orador. Sendo a medicina um tema muito freqüente, e tomando como base a quantidade de médicos que discursavam na tribuna da Glória, seria de se esperar a presença de outros esculápios. Nas fontes pesquisadas, não encontrei explicação para essa marcante presença de Bittencourt.

Mais da metade das conferências ocorridas em 1880 (54,35%) trataram sobre ciências naturais e medicina. Das que abordaram assuntos relacionados à medicina, merecem destaque às que estavam envolvidas na discussão da reforma do ensino médico. Neste ano, por meio da preleção de professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, liderados pelo médico e professor Francisco Praxedes de Andrade Pertence,¹¹⁴ as reivindicações por uma reforma do ensino médico obtiveram a necessária repercussão para que fossem efetivadas. Em suas preleções, os professores denunciavam os problemas da falta de infra-estrutura das instituições de ensino médico e da inadequação do sistema de ensino. Foi após essas conferências que se iniciou o debate a respeito da necessidade de se realizar uma reforma, que ficou conhecida como Reforma Sabóia.¹¹⁵

Flávio Coelho Edler destaca que, juntamente com a moção enviada ao Imperador, ao Senado e à Câmara, levar as discussões da reforma do ensino médico para o espaço das

¹¹⁴ Francisco de Andrade Praxedes Pertence nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1823. Coursou medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tornando-se professor da mesma, com as cadeiras de anatomia geral e patologia e, depois, de anatomia topográfica. BLAKE, Augusto V. A. S. op. cit.

¹¹⁵ EDLER, Flávio Coelho. *Reformas do ensino médico e profissionalização da medicina na corte do Rio de Janeiro, 1854-1884*. São Paulo, 1992. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Conferências da Glória foi a última cartada dos médicos reformistas, que já estavam desacreditados da efetivação da possível mudança educacional.¹¹⁶ Cientes da importância desse local como formador de opinião, e da repercussão das Conferências na imprensa, esses médicos o escolheram para discussão e denúncia dos problemas que envolviam o ensino médico.

Além dos debates em torno das mudanças educacionais da medicina, os médicos conferencistas solicitaram e conseguiram do público, em especial dos comerciantes presentes nas Conferências Populares, ajuda financeira, visto que os recursos do Ministério do Império destinados ao ensino superior não eram suficientes.¹¹⁷ Com isso, lembro o caráter multifuncional deste espaço de sociabilidade, retomando neste ponto a afirmação Morel a respeito das múltiplas dimensões (política, econômica, pedagógica, cultural, corporativa e filantrópica) que podem ser encontradas em uma única instituição.¹¹⁸

Enfim, o espaço das Conferências Populares da Glória consagrou-se, entre 1873 e 1880, como privilegiado para importantes discussões, em especial às relacionadas à ciência. Neste lugar, conseguia-se a repercussão necessária para a legitimação política de idéias que constituíam parte de um projeto de educação científica.

¹¹⁶ Ibidem, p. 251.

¹¹⁷ Edler informa que os donativos angariados atingiram o valor de 16:000\$000. Ibidem, p. 256.

¹¹⁸ Morel, Marco. op. cit., p. 221.

Outras Conferências...

Em 1877 ocorreu apenas uma conferência na tribuna da Glória, contudo, a camada letrada da Corte não ficou sem conferências públicas. Neste mesmo ano apareceram outras conferências públicas na cidade do Rio de Janeiro. Em um domingo chegou-se a anunciar cinco preleções em horários próximos.¹¹⁹ O sucesso dessa prática era tamanho que foram organizadas conferências pretendendo angariar fundos para causas beneficentes – para as vítimas das inundações de Portugal e de Campos, das secas do Rio Grande do Norte e do Ceará. Com relação às várias preleções públicas que ocorreram principalmente a partir desse ano, *O Apostolo*, mais uma vez, desaprovou a “mania das conferências”, porque nelas eram expostos assuntos contrários à religião oficial do Estado.¹²⁰

Neste mesmo ano, foram inauguradas outras conferências na escola pública da Glória. De início estas foram confundidas com as organizadas por Manoel Francisco Corrêa. Entretanto, elas tinham como fundador o conselheiro Pereira da Silva. Seu propósito não era dar conferências únicas, mas sim cursos; posteriormente, elas foram chamadas de cursos livres de instrução superior. Muitos dos oradores que subiram à tribuna das Conferências Populares da Glória também discursaram nessa nova modalidade de preleção: Antonio Ferreira Vianna, Affonso Celso de Assis Figueiredo, Francisco Ignácio de Carvalho Rezende.¹²¹

¹¹⁹ *Diario do Rio de Janeiro*, 15/07/1877. As conferências efetuadas nesse dia foram realizadas nos seguintes locais e horários – na escola da Glória, às 11 horas; no teatro S. Pedro, às 11:30 horas; na escola de S. José, às 11 horas; no Clube da Reforma, às 12 horas; e no teatro do Ginásio, às 12 horas.

¹²⁰ *O Apostolo*, 25/07/1877.

¹²¹ *Diario do Rio de Janeiro*, 29/06/1877.

Esse sistema de cursos já ocorria no Museu Nacional, onde aconteciam aulas com temas ligados à física, química e biologia. Segundo Maria Margaret Lopes, os cursos do Museu Nacional foram idealizados por Ladislau Netto, que teria assistido a cursos livres no Museu de Paris e pretendia modificar o Museu brasileiro, tornando-o semelhante ao francês. Desde a década de 1860 ele tinha em mente a criação de cursos, que faziam parte de um projeto maior de reforma do Museu. Apenas em 1875 conseguiu efetivar seu plano, quando se tornou diretor dessa instituição.¹²² O público presente nesse outro tipo de instrução pública era semelhante ao que assistia às preleções da Glória. De acordo com a autora, “Dessas conferências participaram o imperador, a elite da Corte e as senhoras.”¹²³

A repercussão das Conferências Populares da Glória foi além dos limites da Corte. Em junho de 1874 foram iniciadas conferências em Niterói, no edifício das escolas públicas. Para efetuar a preleção inaugural foi convidado o conselheiro Corrêa, que discorreu sobre a importância da instrução.¹²⁴ A prática das conferências adquiriu tanta popularidade que, em 1877, criou-se nessa cidade uma sociedade com o objetivo de oferecer conferências públicas.¹²⁵

Na província de Minas Gerais tal instituição foi instaurada em quatro municípios – Lavras,¹²⁶ São José de El-Rei,¹²⁷ Bomfim¹²⁸ e Gão Mogol¹²⁹ – e na ocasião do início de todas, foi enviada uma carta, publicada na imprensa carioca, destinada a Manoel Francisco Corrêa, informando a criação de tais conferências. Indicando que o do conselheiro era

¹²² LOPES, Maria Margaret. op. cit., p. 146

¹²³ Ibidem, p. 146.

¹²⁴ *Diário do Rio de Janeiro*, 05/06/1874.

¹²⁵ *O Globo*, 04/01/1877. A diretoria dessa sociedade era composta pelo bacharel F. M. da Costa Lima, presidente, S. Pinto, secretário, e Oliveira Antunes, tesoureiro.

¹²⁶ *Jornal do Commercio*, 09/08/1874.

¹²⁷ *Diário do Rio de Janeiro*, 09/12/1875.

¹²⁸ *Diário do Rio de Janeiro*, 27 e 28/03/1876.

¹²⁹ *Diário do Rio de Janeiro*, 03 e 04/11/1876.

concebido como o “pai” das conferências e, se outras fossem implementadas, era necessário, pelo menos polidamente, informá-lo. O fato de estas cartas terem sido publicadas na imprensa encerrou a celeuma da paternidade das Conferências Populares da Glória, já que deu legitimidade a Manoel Francisco Corrêa como criador desta prática no Brasil.

As conferências de Lavras, São José de El-Rei, Bomfim foram de iniciativa de Agostinho Maximo Nogueira Penido e a de Grão Mogol de Joaquim Ignácio Nogueira Penido. É bem provável que os organizadores destas preleções tenham passado pelo Rio de Janeiro e assistido às Conferências da Glória. Também é plausível se pensar que eles tenham tomado conhecimento das mesmas por meio da imprensa ou por suas redes de sociabilidade.

As Conferências Populares da Glória tiveram grande força política no período estudado, o que pode ser percebido nos debates acompanhados pela imprensa. Sua repercussão, bem como, a variada gama de assuntos apresentados demonstram sua boa aceitação entre a camada letrada da Corte, inclusive estendendo-se a outras localidades.

As Conferências que tinham como objetivo a instrução do povo, vista como veículo para alcançar o desenvolvimento e o progresso do país levando-o à civilização, passaram a ser palanque de reivindicações sociais e políticas, bem como local para a inserção de novas idéias. Dentre estas, destaco o darwinismo, tema abordado a partir de agora.

**O DARWINISMO NAS CONFERÊNCIAS
POPULARES DA GLÓRIA**

O darwinismo segundo Miranda Azevedo

A disseminação, fora das instituições de saber e ensino, das idéias darwinistas na Corte iniciou-se em 1875, por meio de preleções realizadas nas Conferências Populares da Glória. A primeira conferência a tratar da teoria de Charles Darwin foi a do médico Augusto Cezar Miranda de Azevedo em abril de 1875.

Miranda Azevedo nasceu na cidade de Sorocaba, província de São Paulo, filho do magistrado Antonio Augusto Cezar de Azevedo e de Ana Eufrosina de Miranda Azevedo. Formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde clinicou na década de 1870. Foi professor da cadeira de Higiene Pública da Faculdade de Direito de São Paulo, e sócio do IHGB. Em 1873, juntamente com um grupo de estudantes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, fundou a *Revista Médica*.¹

Não foi, todavia, na tribuna da Glória a primeira vez que o médico expôs o tema do darwinismo. Em novembro de 1874, ele abordou o mesmo assunto em sua tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A tese era composta de uma dissertação sobre o beribéri, e de proposições em outras três seções: “seção acessória – cadeira de botânica e zoologia”, “seção cirúrgica – cadeira de medicina operatória” e “seção médica – cadeira de higiene”.² Segundo Maria Rosa Cid, essa estrutura era uma exigência da Faculdade de

¹ COLLICHIO, Therezinha Alves Ferreira. *Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

² AZEVEDO, Augusto Cezar de Miranda. *Beribéri*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 3 de novembro de 1874. Rio de Janeiro: Typographia Academica, 1875.

Medicina, além de sua dissertação o candidato deveria apresentar uma proposição em cada uma das três seções que compunham o curso de medicina.³

Para a Seção Acessória – Cadeira de botânica e zoologia, a proposição de Miranda Azevedo foi intitulada : “Do darwinismo – É aceitável o aperfeiçoamento cada vez mais completo das espécies até o homem?”⁴ Definiu o darwinismo como a teoria na qual todos os seres vivos, animais e vegetais, seriam originários de organismos mais simples, que se transformaram por meio de evolução; desconsiderando, desta maneira, as cosmogonias teológicas e de criação simultânea. Miranda Azevedo fez uma breve síntese das pesquisas dos evolucionistas anteriores a Darwin, creditando a este o mérito de “sistematizar as idéias esparsas de seus antecessores”. Em seguida, elencou as quatro leis que, segundo ele, seriam os pontos essenciais da “teoria da seleção morfológica”:

1º. A luta pela existência. 2º. A variação ou modificação e adaptação das variedades das espécies. 3º. A transformação hereditária dessas alterações e a hereditariedade. 4º. Seleção natural através dos imensos períodos geológicos, a qual se mantém a favor do combate pela existência.⁵

Ao concluir sua arguição, como consequência da doutrina darwinista, Miranda Azevedo assegurou ser o homem o fruto mais completo do aperfeiçoamento das espécies. Ele também salientou a importância do darwinismo ao romper com as explicações teológicas, que impediriam o avanço da inteligência humana. Esse trabalho acadêmico serviu de base para as conferências públicas do médico, nas quais sistematizou seus argumentos para a divulgação da teoria de Darwin.

³ CID, Maria Rosa Lopes. *O aperfeiçoamento do homem por meio da seleção: Miranda Azevedo e a divulgação do darwinismo, no Brasil, na década de 1870*. Rio de Janeiro, 2004. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

⁴ Compunham a banca examinadora Torres Homem, João Silva, Joaquim Monteiro Caminhoá e L. Pientznauer. COLLICHIO, Therezinha A. P. op. cit., p. 24.

⁵ AZEVEDO, Augusto César de Miranda. op. cit., p. 3.

Darwinismo para o bem da pátria

A primeira conferência de Miranda Azevedo sobre o darwinismo ocorreu em 11 de abril de 1875, um domingo, e o título foi “Darwinismo: seu passado, seu presente, seu futuro”. *O Globo* assim anunciou essa conferência:

[...] propoe-se o Sr. Dr. Miranda Azevedo a expor a teoria moderna da história natural, que de presente, preocupa os sábios dos países mais adiantados. A doutrina que a tese contém ainda não foi debatida entre nós e poucos a têm estudado.⁶

Como um dos propósitos das Conferências Populares da Glória era difundir um conhecimento dito científico, discorrer sobre o darwinismo neste local era fundamental, pois as Conferências repercutiram na imprensa carioca, e assim como esta, constituíram-se como um espaço formador de opinião pública. *O Globo* sublinhou o fato de a teoria de Darwin já ser difundida nos “países mais adiantados”, ou seja, se ela fosse discutida aqui ajudaria a colocar o Brasil no rol dos países civilizados. Essa colocação do jornal dava à conferência uma conotação positiva mesmo antes de ser realizada, sugerindo a sua boa aceitação.

O Jornal do Commercio anunciou a conferência como a exposição de uma “teoria moderna de história natural, que atualmente preocupa a atenção dos mais eminentes naturalistas e sábios da Europa e dos Estados Unidos” – o darwinismo – salientou ainda que pela primeira vez ela seria abordada cientificamente, seja na academia, seja na imprensa.⁷ A ênfase estava no caráter científico da teoria e por ser abordada pela primeira vez, levando a crer que ou o redator soubesse das discussões a respeito das idéias de Darwin em outros

⁶ *O Globo*, 10/04/1875.

⁷ *Jornal do Commercio*, 10/04/1875.

locais, ou talvez tivesse recebido um prospecto de Miranda Azevedo com o resumo de sua preleção. Levanto esta hipótese pois o *Jornal do Commercio* mencionou que a teoria de Darwin já circulava entre os norte-americanos e os europeus e era desconhecida no Brasil. Estas foram observações que Miranda Azevedo fez em seu discurso, publicado na revista *Conferencias Populares* em 1876,⁸ no qual enfatizou:

Tratarei do darwinismo e da doutrina, evolutiva dessa teoria que ocupa atualmente a atenção de todos os sábios da velha Europa, e dos Estados-Unidos e que infelizmente é quase desconhecida entre nós. Anima-me vir ocupar a vossa atenção, a convicção profunda que tenho de assim contribuir para o aperfeiçoamento dos estudos e da instrução popular no Brasil. [...] Se, pois, na classe médica, se naqueles que de alguma maneira devem estar a par das ciências naturais, existe tão grande ignorância, que muito é que na classe dos bacharéis em direito, dos graduados em teologia e outras ciências, haja completa ignorância sobre a teoria?⁹

Destacar que a teoria já era conhecida na Europa e no Estados Unidos indicava que ela também deveria ser não só conhecida, mas também aceita no Brasil, uma vez que esses eram os locais civilizados nos quais o Brasil se inspirava.

Referindo-se ao que foi dito pelo orador, todos os jornais pesquisados que noticiaram a primeira conferência assinalaram o fato de Miranda Azevedo ter exposto o darwinismo como uma nova teoria já conhecida na Europa e nos Estado Unidos, como um argumento essencial para que ela também fosse aqui tratada.¹⁰ Ou seja, havia a necessidade de se estar a par dos termos discutidos em centros mundiais considerados como “mais civilizados”. Almejava-se alcançar um novo e mais alto patamar da civilização, via um

⁸ Das conferências de Miranda Azevedo realizadas com a temática darwinista esta foi a única a ser publicada na íntegra.

⁹ AZEVEDO, Augusto Cezar Miranda de. Darwinismo: seu passado, seu presente e seu futuro. *Conferencias populares*, Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. De J. Villeneuve & C., n. 4, p. 41-63, jan. 1876, p. 41.

¹⁰ Para Roque Barros os darwinistas, assim como os positivistas, almejavam incluir o Brasil em um movimento maior, fazendo-o percorrer o seu caminho, previamente estabelecido, na história universal, visto que esta possuiria leis fatais válidas para qualquer civilização. BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. São Paulo: Convívio: Edusp, 1986.

modelo pré-estabelecido que serviria a qualquer localidade do mundo, portanto, seria assim este mais um aspecto cosmopolita.

Após a realização da preleção, o *Jornal do Commercio* reafirmou ser o preletor o primeiro a defender e discutir o darwinismo em público, ressaltou inicialmente que o orador disse proferir aquela conferência pois estava certo de prestar um “serviço à pátria e ao povo”.¹¹ Segundo a folha, o médico pretendia demonstrar a serventia da doutrina darwinista para as academias e para a “massa popular”.¹² Observo que, para Miranda Azevedo, o darwinismo forneceria o instrumental para se pensar e resolver os problemas da sociedade brasileira, logo, sua ação de propagar tal conhecimento só poderia ser encarada como um ato de envergadura.

Miranda Azevedo afirmou serem o sistema oficial de ensino e os preconceitos religiosos os principais atravancadores da “propaganda desta doutrina científica”. A fim de formar opinião pública¹³ a favor do darwinismo, *O Globo* destacou que o médico “Para combater o primeiro mal, encontra eficaz apoio na tribuna”, pois Manoel Francisco Corrêa, idealizador das Conferências, em suas preleções preconizava uma mudança da estrutura de

¹¹ A repercussão do pensamento científico como ideário político e social no Brasil, pode ser observada, por exemplo, por meio dos debates ocorridos em torno do caráter científico da medicina, que ao fazer uso da retórica científica, pretendia medicalizar a sociedade. Os médicos conjecturavam-se os responsáveis pelo imenso trabalho de guiar o país à civilização e à modernidade, o que seria alcançado por meio do progresso científico, não obstante, este discurso da medicina oficial não ter sido aceito pacificamente pela sociedade. Gabriela Sampaio, ao percorrer os debates ocorridos na imprensa, analisa como foi acolhido o ideário médico-científico em meio a um Rio de Janeiro repleto de médicos e curandeiros, apontando para o fato de que foi a partir da década de 1870, que a atenção com a produção científica passou a ser essencial pois, “...esses médicos científicos iam construindo uma identidade, tentando se afirmar como portadores do remédio que conduziria a nação ao progresso e à modernidade”. SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, CECULT, IFCH, 2001, p. 30.

¹² *Jornal do Commercio*, 18/04/1875.

¹³ Vale ressaltar que, para Jürgen Habermas, o bom senso é a base de apoio para a opinião pública, que permite ao público julgar favoravelmente ou não os acontecimentos, as instituições, as idéias e as pessoas. Habermas assevera que para isso o papel da imprensa é fundamental, uma vez que ela é por excelência um meio formador de opinião pública. HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

ensino do país.¹⁴ Para dar legitimidade ao discurso de Miranda Azevedo, *O Globo* afirmou: “Dispondo de palavra fácil, estilo elegante e linguagem correta, o orador tratou da matéria com sumo critério, revelando bem assentadas convicções acerca do assunto.”¹⁵ Elogiar a retórica do médico sugere que o periódico também simpatizava com as idéias expostas.

Sobre os motivos que dificultavam a difusão da teoria de Darwin no Brasil, Miranda Azevedo marcou a necessidade de não se misturar a razão com a fé:

Eu reconheço que uma das causas que mais tem contribuído para a ignorância da teoria darwinista, para até hoje como que haver um seqüestro dessa doutrina científica, é o predomínio de certas idéias teológicas e ortodoxas; acredita-se que essa questão afeta de uma maneira profunda as crenças religiosas que recebemos de nossos avós, e que contribui para toda espécie de subversão dos princípios da moral. Mas, senhores, no estudo da teoria darwinista nada temos que ver com a religião. É um erro profundo, um erro que sempre tem prejudicado a ciência, querer-se essa aliança heterogênea, sem razão de ser, entre a *ciência* e a *religião* produtos de dois fatores diferentes – a razão e a fé. [...] Deveria deixar-vos com a convicção dessa verdade ou ao menos chamar a vossa atenção para tão importante assunto, fiz apenas o que cabia na minha fraca palavra para provar-vos que não há razão para que no ensino oficial de nossas academias seja banida do programa a teoria darwinista. [...] Assim, a teoria que muito superficialmente expus, deve ser a cogitação constante das nossas academias, do médico, do engenheiro, do juriconsulto e até do teólogo, para que ela possa talvez formar uma idéia majestosa de divindade.¹⁶

No final de sua preleção o médico expôs sua crença na aplicabilidade do darwinismo nos diversos setores da sociedade, estendendo, desta maneira, a teoria biológica para a sociedade.

O *Jornal do Commercio* noticiou que para Miranda Azevedo o desconhecimento da teoria no Brasil era consequência do preconceito das pessoas e do sistema de ensino oficial,

¹⁴ *O Globo*, 14/04/1875.

¹⁵ *O Globo*, 14/04/1875.

¹⁶ AZEVEDO, Augusto Cezar Miranda de. op. cit. 1876, p. 42, 61 e 62. Grifos do original.

no caso o ensino não laico, que encaravam a teoria como “anti-religiosa e subversiva”.¹⁷ De acordo com *O Diário do Rio de Janeiro*, em sua primeira conferência, ao abordar a temática darwinista, o médico, acreditando apresentar uma teoria moderna, afirmou que a doutrina era quase desconhecida no Brasil; e que o darwinismo não era contrário à Bíblia, diferente das doutrinas antidarwinistas, conforme Henry Huxley¹⁸ havia provado.¹⁹

Uma das aplicações da teoria darwinista na sociedade, indicada por Miranda Azevedo, estava relacionada à seleção do serviço militar, porque a mesma retirava os homens sadios da sociedade e deixava os defeituosos para procriarem:

Todo mundo grita que o gênero humano decai, que o homem de hoje não é o homem atlético e possante das eras passadas. Sabeis a razão disso? É pela aplicação da teoria de Darwin que a percebemos. Por todo mundo civilizado atualmente está grassado a preocupação do predomínio militar; e qual a causa dessa preocupação? A ignorância das leis de Darwin, na maneira por que são confeccionadas as legislações militares. Procuram para o exército os entes sadios, fortes, vigorosos e desprezam, deixam para constituir família, para organizar a sociedade aqueles que têm alguns defeitos, que são fracos fisicamente. Qual a consequência desse fato? A consequência lógica e imediata de uma lei de Darwin da hereditariedade. Todos aqueles que forem robustos e sadios não podem constituir família, porque as leis militares os roubam a seus lares para deixarem o sangue mais generoso e forte do país nos campos de batalha, e são precisamente os débeis, os que têm defeitos físicos que não de constituir famílias, e assim transmitirem a seus filhos, à sua descendência os germes desse raquitismo, dessa degeneração que todos os estadistas proclamam.²⁰

Tanto o *Jornal do Commercio* quanto o *Diário do Rio de Janeiro* realçaram a questão da convocação para o serviço militar exposta por Miranda Azevedo. Segundo o *Jornal do Commercio*, o orador acusou as leis de recrutamento militar de corroborarem com a degeneração humana, uma vez que os homens mais “fortes” e “robustos” eram

¹⁷ *Jornal do Commercio*, 18/04/1875

¹⁸ Conhecido como o “buldogue de Darwin”, Thomaz Henry Huxley foi um naturalista inglês partidário e defensor das idéias darwinistas.

¹⁹ *Diário do Rio de Janeiro*, 14/04/1875.

²⁰ AZEVEDO, Augusto Cezar Miranda de. op. cit. 1876, p. 60.

convocados e ficava a cargo dos mais “fracos e raquíticos” a criação das futuras gerações.²¹ Ocasionalmente, dessa maneira, a degeneração da espécie humana, assunto que, segundo Miranda Azevedo, preocupava e aterrorizava as sociedades modernas. O *Diario do Rio de Janeiro* marcou que para Miranda Azevedo, no caso do Brasil, além de o governo se preocupar com políticas de imigração, deveria também pensar mais em como aprimorar as famílias do país, tornando-as mais “vigorasas e robustas”.²²

Na análise de Miranda Azevedo havia uma hierarquização do homem, na qual existiriam homens superiores, referenciados como “sadios” e “fortes” e, em contrapartida, os inferiores, qualificados como “débeis” e “fracos”. Para o médico, os descendentes dos indivíduos inferiores estariam fadados a também serem inferiores, mostrando que em sua interpretação o determinismo hereditário era fundamental.

Nota-se aqui que o médico vislumbrava uma aplicabilidade da teoria darwinista em prol da sociedade brasileira, os princípios biológicos de Darwin poderiam ser estendidos para o estudo e melhoramento da sociedade. A questão do recrutamento militar, que fora tema de discussões parlamentares em 1874,²³ era aqui “cientificamente” comprovada por argumentos de procedência darwinista como equivocada, e prejudicial à reprodução saudável da sociedade. Houve a apropriação de um discurso da ciência para justificar um posicionamento político.

O Globo questionou os argumentos utilizados por Miranda Azevedo com relação ao recrutamento militar:

²¹ *Jornal do Commercio*, 18/04/1875.

²² *Diario do Rio de Janeiro*, 14/04/1875.

²³ Em 1874 um decreto extinguiu o recrutamento militar forçado, estabelecendo o sorteio para o preenchimento das vagas remanescentes após o alistamento dos voluntários. Cf. NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *A ressaca da marujada: recrutamento e disciplina na Armada Imperial*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001, p. 73.

Outro passo do discurso que nos abalancharemos a analisar refere-se ao que Haeckel chama *seleção militar*. Disse o orador que ‘no desejo da glória militar e das leis vexatórias que daí decorrem, encontra em Haeckel a explicação da atual degeneração da humanidade.’ Notaremos em primeiro lugar que o pensador alemão não apresenta a guerra e suas conseqüências como causa exclusiva dessa degeneração. Ainda mais, ele próprio encarrega-se de atenuar, e por ventura apagar a dolorosa impressão que aliás deixariam suas palavras no ânimo do leitor. Com efeito o crente mais entusiasta no progresso da humanidade, na fraternização dos povos, só em futuro remotíssimo ousa entrever o reinado da paz. [...] Haeckel diz realmente que a guerra é um elemento de degeneração. Mas em seguida acha na sublime lei da seleção natural descoberta por Darwin, a compensação cabal à funesta seleção artificial que denominou *militar*. Para contrabalançar ‘diz ele’ a influência perniciosa das seleções militar e médica, há felizmente o contrapeso, por toda parte vitorioso e inelutável da seleção natural, e esta é muito mais forte. E acrescenta que, malgrado as forças retrógradas, a humanidade não cessará de caminhar para a perfeição.²⁴

Para *O Globo*, havia problemas na utilização feita pelo médico das proposições de Ernst Haeckel. O emprego de idéias de outros evolucionistas junto às de Darwin, indica que o darwinismo concebido por Miranda Azevedo era filtrado, de modo a apresentar uma ressignificação das idéias de Darwin e de outros seguidores do evolucionismo. Em seus respectivos trabalhos, Therezinha Alves Pereira Collichio e Maria Rosa Lopes Cid, sustentam que a leitura e a apropriação do darwinismo feitas por ele manifestavam um posicionamento político no qual os preceitos biológicos defendidos por Darwin poderiam ser estendidos à sociedade.²⁵ Para Cid, as ações propostas pelo médico sugeriam que seu arcabouço teórico não se restringia ao evolucionismo darwinista, chegando a apresentar propostas discordantes das de Darwin.²⁶

Esta crítica de *O Globo* foi respondida pelo médico em sua terceira conferência, proferida no dia 25 de abril de 1875, o que denota a via de mão dupla de repercussão de

²⁴ *O Globo*, 18/04/1875. Grifos do original.

²⁵ COLLICHIO, Therezinha A. F. op. cit. CID, Maria R. L. op. cit.

²⁶ CID, Maria R. L. op. cit.

idéias entre as Conferências e a imprensa.²⁷ A folha relatou que o orador havia retomado a questão da seleção militar, apresentada na primeira conferência, reafirmando que ela não era a única causa da degeneração humana, mas era uma das principais. A concordância de *O Globo* com o sistema darwinista abordado na chave interpretativa do médico pode ser observada neste excerto:

Era já tempo de chamar a atenção de nosso público para as modernas teorias [darwinismo] que, a despeito dos obstáculos poderosos, não cessam de conquistar os espíritos nos países mais cultos. Por má sorte não nos foi dado assistir à preleção que efetivamente teve lugar no dia 11 do corrente. [...] **fizemos um apelo aos homens competentes e à mocidade inteligente que assiste às conferências, em boa hora inauguradas nesta cidade, para que discutam pela imprensa as idéias aí levantadas. Assim essa instituição multiplicaria os resultados civilizadores que já tem obtido**, e os patrióticos oradores teriam novo estímulo para prosseguirem na missão que tão brilhantemente desempenham.²⁸

Mesmo não tendo assistido à preleção de Miranda Azevedo, a redação de *O Globo* destacou a importância da difusão das idéias darwinistas na sociedade brasileira, o que indica que ela já teria alguma opinião favorável sobre o assunto. Ao oferecer o espaço da publicação para a discussão das idéias expostas nas Conferências da Glória, o jornal explicitou seu papel como veículo de informação, que atuava na formação de uma opinião pública sobre os temas abordados nas Conferências.

Em sua segunda conferência, de 18 de abril de 1875, Miranda Azevedo continuou sua exposição sobre a teoria darwinista. Nesta ele desenvolveu uma analogia entre as ciências naturais e o governo de um Estado. O objetivo de ambos seria a consagração da unidade. Assim noticiada em *O Globo*:

Discorrendo sobre a unidade que se observa em todos os fenômenos, quer de ordem intelectual, quer do mundo físico, disse que a unificação dos

²⁷ *O Globo*, 29/04/1875.

²⁸ *Ibidem*. Grifos meus.

povos é o ideal dos mais eminentes estadistas dos tempos modernos, a simplificação e a unidade das ciências naturais é a atual preocupação dos sábios que hoje honram as ciências e as letras com as suas investigações.²⁹

Segundo o médico, nas ciências naturais apenas uma única verdade explicaria os fenômenos observados, o mesmo ocorreria com os sistemas políticos; somente um regime seria autêntico e adequado. Para o conferencista, que se dizia republicano sendo, inclusive, um dos signatários do Manifesto Republicano de 1870, a verdade científica estaria no darwinismo, e a política republicana seria a forma correta de governo.³⁰

A respeito desta conferência, o *Jornal do Commercio* apresentou seu resumo, enfatizando sua solicitação ao público quanto à aceitação de seus postulados:

Conclui o seu discurso, fazendo um apelo ao auditório para que despindo-se de preconceitos de qualquer natureza, medite seriamente no poder das leis naturais e nas idéias darwinistas, da doutrina que expõe, procure com ele torná-la profícua em suas admiráveis aplicações práticas quer científicas, quer sociais.³¹

A fim de que as idéias expostas conseguissem uma opinião positiva do público e, com isso, ganhassem amplitude,³² o orador solicitou o apoio do mesmo. Provavelmente, esse pedido decorreu das críticas recebidas após a primeira preleção, que segundo a interpretação do médico, foram de caráter preconceituoso e, para ele, o preconceito seria um dos maiores obstáculos à difusão e aceitação da teoria darwinista e, desta maneira, do próprio progresso.

²⁹ *O Globo*, 21/04/1875.

³⁰ COLLICHIO, Therezinha A. F. op. cit.

³¹ *Jornal do Commercio*, 21/04/1875.

³² Marco Morel sustenta que a formação de uma opinião pública é necessária para se conseguir legitimidade política. MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820-1840*. São Paulo: Hucitec, 2005.

Divulgar o darwinismo é crime

Após a segunda preleção de Miranda Azevedo sobre o darwinismo, *O Apostolo* se manifestou contrário às suas idéias. Para o jornal, “Desde que o gabinete abriu a válvula do desrespeito à Igreja, era de se esperar que por ela se desprendesse também o espírito da impiedade disfarçada em ciência.”³³ Desde o início das Conferências Populares da Glória, *O Apostolo* dispensou ríspidas críticas ao seu organizador, Manoel Francisco Corrêa, e ao governo; buscando formar uma opinião pública adversa ao evento. Todavia, o alvo principal era o chefe do gabinete, o visconde do Rio Branco, que sendo maçom só poderia ser condescendente com a difusão de doutrinas de caráter anticatólico. No cômputo geral e excetuando alguns casos, as conferências apresentariam, segundo *O Apostolo*, inconsistências com relação à história, à literatura e à ciência; sendo, portanto, prejudicial seus resultados. Para o periódico, a conferência do médico darwinista serviu para reafirmar sua opinião.

No tocante às idéias expostas por Miranda Azevedo, *O Apostolo* destacou que a difusão da teoria darwinista era “condenada pela Igreja e proibida por lei”, porque instituíra uma nova origem do mundo, retirando de Deus o poder da criação, sendo, por isso, uma hipótese ateísta. A folha salientou ainda que as rejeições da existência de Deus e da imortalidade da alma, sustentadas por Darwin, não podiam ser difundidas no Brasil, pois seria um crime previsto pelo Código Criminal e como tal, sujeito às devidas penalidades. Para *O Apostolo*, este crime já ocorria, uma vez que os jornais de maior circulação publicavam com grande euforia os discursos de Miranda Azevedo, e aí citava *O Globo*.

³³ *O Apostolo*, 25/04/1875.

Denunciou ser crime cometido com o aval do ministro da justiça, das autoridades policiais e de dois promotores públicos, indicando que a sociedade caminhava para um abismo. Acusou ainda o gabinete Rio Branco de também ser favorável à propagação da teoria anticatólica, porque este já havia negado a utilização da escola S. José para uma conferência católica, porém, concedido a mesma para realização das conferências de Manoel Francisco Corrêa.³⁴

Segundo *O Apostolo*, o problema essencial da difusão do darwinismo estava centrado no fato de esta teoria excluir o papel criador de Deus. No Brasil vigorava o sistema de padroado, estabelecido pelo artigo 5º. da constituição de 1824.³⁵ Instituída uma religião oficial, o culto às outras ficava permitido apenas no ambiente privado, contudo, qualquer manifestação pública, impressa ou não, que fosse considerada como divergente às doutrinas católicas era considerada como crime, incurso no artigo 278, estando sujeito às penalidades cabíveis pela lei.³⁶

Havia uma relação, feita pelo *O Apostolo*, entre a propagação de teorias discordantes às doutrinas católicas e a crise entre o Estado e a Igreja. A passividade e a complacência do governo perante a propagação das novas idéias eram consideradas como sintomas desse afrouxamento de laços. Por isso sua constante recorrência ao artigo 278 do Código Criminal, a fim de lembrar e reafirmar na prática que no Brasil, pela Constituição

³⁴ *O Apostolo*, 25/04/1875.

³⁵ “Art. 5. A Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de Templo.” *Constituição política do Império do Brasil* – 1824.

³⁶ “Art. 278. Propagar por meio de papéis impressos, litografados ou grafados, que se distribuïrem por mais de quinze pessoas, ou por discursos proferidos em públicas reuniões, doutrinas que diretamente destruam as verdades fundamentais da existência de Deus e da imortalidade da alma. Penas: No grau máximo – um ano de prisão e multa correspondente à metade do tempo. No grau médio – oito meses idem multa idem. No grau mínimo – quatro meses idem e multa idem.” *Código criminal do Império do Brasil* – 1831. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1876, p. 299.

de 1824, o catolicismo era a religião oficial e, desse modo, a Igreja Católica e seus dogmas e princípios deveriam ser seguidos e respeitados.

Em junho de 1875, *O Apostolo* levou a conhecimento do público da Corte um artigo publicado no jornal paraense *Boa Nova*, que também expôs sua indignação com relação à teoria darwinista apresentada por Miranda Azevedo. O periódico criticou a doutrina por negar a criação divina do mundo, induzindo ao ateísmo. Ao final do texto, questionou o posicionamento dos ministros, que souberam aplicar o Código Criminal tão prontamente aos bispos e vigários gerais e, no entanto, não puniam o conferencista, que infringia o artigo 278.³⁷ Provavelmente a repercussão das conferências chegou à Belém por meio dos jornais do Rio de Janeiro de grande circulação interprovincial como, por exemplo, o *Jornal do Commercio* e *O Apostolo*.³⁸

Esta crítica de *O Apotolo* direcionada não apenas à teoria darwinista, mas também ao orador e ao organizador da Conferências da Glória, foi inflada também pelo posicionamento da imprensa perante as conferências de Miranda Azevedo. O *Diario do Rio de Janeiro* exaltou a figura de Miranda Azevedo, afirmando ser ele o primeiro a atentar a camada letrada para da similitude entre sambaquis brasileiros e dinamarqueses:

O orador ainda apresenta fatos que demonstram a unidade dos fenômenos naturais é o primeiro a chamar a atenção dos sábios para a identidade que deve existir entre o *Sambaquis*, de S. Paulo e os *Kjoekkenmoedding*, da Dinamarca. Na anatomia e fisiologia comparadas a teoria teratológica e na embriologia tem o Darwinismo bases positivas.³⁹

³⁷ *O Apostolo*, 16/06/1875.

³⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

³⁹ *Diario do Rio de Janeiro*, 21/04/1875.

Cabe destacar que o primeiro a assinalar as semelhanças entre os sambaquis foi o francês Conde de La Hure em 1864.⁴⁰ Talvez, o fato de Miranda Azevedo ter feito uso de argumentos darwinistas para tal fez com que a sua afirmação tivesse merecido mais crédito pelo jornal.

A segunda conferência de Miranda Azevedo também foi noticiada pelo *O Globo* de forma positiva:

Em uma **síntese clara e metódica**, recapitulou os fatos expostos na primeira conferência, e baseou-se neles para continuar a desenvolver a doutrina darwinista. [...] Baseando-se nos **progressos científicos**, o orador estudou em paralelo o desenvolvimento dos corpos orgânicos e inorgânicos. [...] Reconhecida a unidade das leis naturais e sua harmonia por todos os que se dedicam a esses estudos, **inclusive pelos anti-darwinistas**, apenas diferem na natureza dessa força. [...] os darwinistas, rejeitando o sobrenatural, explicam tudo simplesmente só pela intervenção das forças naturais. [...] Fatos positivos [...] demonstram a verdade da doutrina do **sábio inglês** [Darwin], há pouco perdido para a ciência. [...] A luta dos organismos se propaga até entre os homens, reconhecendo sempre as mesmas causas, que Schiller poeticamente diz serem o amor e a fome, enquanto o orador qualifica de instinto de reprodução e de conservação. A nossa história pátria registra as lutas dos indígenas brasileiros entre suas tribos, e destas com os europeus, determinadas pelas mesmas causas. [...] Ao terminar dirige-se ao auditório, pedindo-lhe que, desprezando preconceitos absurdos, medite no poder das leis naturais, idéias de doutrina monástica, e procure com o orador demonstrar suas **admiráveis aplicações** práticas quer científicas, quer sociais.⁴¹

O Globo elogiou a maneira como Miranda Azevedo expôs suas idéias, referindo-se a Darwin como sábio. Ao sublinhar que o conferencista se fundamentou nos “progressos científico”, a publicação mostrou que o médico tirara suas conclusões por meio de algo que se almejava para o Brasil – o progresso – reconhecido, inclusive por aqueles que não eram

⁴⁰ “Observando as semelhanças entre os sambaquis ‘brasileiros e dinamarqueses’, La Hure sugeriu uma hipótese de povoamento do Brasil. [...] La Hure, pois, trabalha com a hipótese mediterrânea de povoamento do Brasil – os sambaquieiros foram nórdicos tropicais, antigos celtas de pele escurecida.” La Hure enviou os resultados de suas pesquisas ao IHGB. FERREIRA, Lúcio Menezes. *Vestígios de civilização: a arqueologia no Brasil Imperial (1838-1877)*. Campinas, SP, 2002. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas, p. 94.

⁴¹ *O Globo*, 21/04/1875. Grifos meu.

darwinistas. Portanto, difundir o pensamento darwinista também seria uma forma de levar o país a progredir. A simpatia de *O Globo* pelo darwinismo foi ressaltada quando classificou a utilização prática da teoria como “admiráveis aplicações”, posicionando-se como aliado de Miranda Azevedo na formação de uma opinião pública simpatizante do darwinismo.

Miranda Azevedo deu prosseguimento à defesa da teoria darwinista nas Conferências Populares da Glória em 25 de abril de 1875, versando sobre o “Estudo e demonstração das leis fundamentais do darwinismo”. *O Globo* destacou aí a situação delicada do orador mediante as críticas feitas pelos jornais fluminenses, numa referência ao *O Apostolo*. *O Globo* viu em *O Apostolo* uma “acusação violenta e apaixonada”, que chegou a acusar o conferencista de criminoso, ameaçando-o de punição legal. Não obstante, segundo *O Globo*, Miranda Azevedo não se preocupou com “as frases violentas” impressas pela folha católica, já que possuía a seu favor sua tese de doutoramento, aprovada pelas comissões competentes e, logo, não era criminoso; deixando a critério do bom senso do público instruído o veredicto final.⁴²

Ao delegar o veredicto para o público presente, entendido aqui como a camada letrada que acompanhava as Conferências e os debates na imprensa, Miranda Azevedo deixou claro que não se tratava apenas de optar entre o médico e o jornal, mas sim entre os discursos científico e religioso. Provavelmente, nessa disputa, a vantagem estaria ao lado da ciência, porque, diferente do discurso católico, ela traria benefícios à população e possibilitaria o progresso do país, requisito essencial para se atingir a civilização nos moldes liberais.

⁴² *O Globo*, 29/04/1875.

Já o *Diario do Rio de Janeiro* salientou que, antes de iniciar sua conferência, Miranda Azevedo se viu “obrigado a responder” às críticas expostas na imprensa, referentes à sua primeira preleção.⁴³ Para o *Diario*, *O Apostolo* apresentara “frases apaixonadas”. No final do discurso, segundo o *Diario*, Miranda Azevedo imputou ao público a decisão de escolher quem poderia trazer maior benefício ao povo e à pátria – *O Apostolo* ou o médico darwinista.⁴⁴ Mais uma vez a decisão final pertence ao público, reafirmando o papel deste como tribunal incorruptível.⁴⁵ O fato de Miranda Azevedo responder às críticas da imprensa na tribuna da Glória indica que os debates nos periódicos também repercutiam nas Conferências.

O *Jornal do Commercio*, a respeito da resposta dada pelo médico às críticas publicadas pelo *O Apostolo*, noticiou que Miranda Azevedo respondeu a reparos e censuras feitos pela imprensa, reafirmando não ter a doutrina por ele apresentada nada de religiosa, sendo apenas científica. Sustentou que ele não se considerava um criminoso e continuaria a “prestar esse serviço a sua pátria”. A fim de se defender das críticas, ressaltou ter ao seu lado o seu doutoramento na faculdade de medicina, em que abordou o tema do darwinismo, e foi “examinado por um lente catedrático, dos mais ilustrados e fervorosos católicos do Brasil”.⁴⁶ Miranda Azevedo se referia a Joaquim Monteiro Caminhoá, lente da cadeira de botânica e zoologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.⁴⁷

Entretanto, *O Apostolo* desconsiderou o argumento utilizado por Miranda Azevedo para se defender da acusação de criminoso. Segundo o jornal, a Faculdade de Medicina teria errado ao considerar o darwinismo como uma boa doutrina, desta forma, a instituição

⁴³ *Diario do Rio de Janeiro*, 30/04/1875.

⁴⁴ *Diario do Rio de Janeiro*, 30/04/1875.

⁴⁵ Cf. HABERMAS, Jürgen. op. cit.

⁴⁶ *Jornal do Commercio*, 30/04/1875.

⁴⁷ COLLICHIO, Therezinha A. F. op. cit.

também estaria violando o Código Criminal. Para *O Apostolo*, a Faculdade poderia ter dado o tema como plausível de ser abordado no intuito de ser tal doutrina rebatida e destruída. Isto de fato ocorria, pois, em 1876, Joaquim de Souza Ribeiro Mendonça escolheu a temática do darwinismo para a sua proposição, na qual combateu a teoria com base nos princípios positivistas.⁴⁸ Os temas defendidos nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro eram sugeridos pelos professores das cadeiras, no caso a proposição de Miranda Azevedo sobre o darwinismo foi oferecido por Joaquim Monteiro Caminhoá.⁴⁹

As idéias de Caminhoá sobre o evolucionismo podem ser notadas em seu livro sobre botânica, publicado em 1877:

O homem (principalmente das raças menos aperfeiçoadas) *sob ponto de vista anátomo-fisiológico* ou de sua *organização material e funções*, distingue-se dos macacos dos gêneros elevados por características anátomo-fisiológico pouco notáveis. O que distingue principalmente daqueles animais, que lhe ficam imediatamente abaixo na escala natural, é o *raciocínio* na rigorosa acepção fisiológica, e a *palavra articulada com consciência*. Digo com *consciência*, porque os papagaios, araras, periquitos e pegas também articulam muitas palavras. [...] No gênero *Homo* há gradações na inteligência, e portanto em suas manifestações. Nas primeiras idades a criança não tem consciência, nem raciocínio; e, quanto ao próprio homem, há muitos que também quase não raciocinam; entretanto que alguns animais há, que denunciam um instinto ou inteligência própria que faz pasmar! Cumpre dizer, que estas são exceções, embora numerosas.⁵⁰

De acordo com Caminhoá, tendo como parâmetro comparações entre inteligências, a distinção entre homens e macacos era pequena para os seres humanos considerados de raças mais inferiores. Ele partia do princípio que havia uma escala da humanidade, na qual existiriam vários tipos de homens, uns mais aperfeiçoados que outros, fazendo, portanto,

⁴⁸ Ibidem, p. 46.

⁴⁹ Collichio categoriza Caminhoá como darwinista que, porém, não desconsiderava papel criador de Deus. Ibidem. Vale ressaltar que Caminhoá também foi um dos freqüentadores da tribuna da Glória, proferiu 2 conferências em 1874 e 9 em 1876.

⁵⁰ CAMINHOÁ, Joaquim Monteiro. *Elementos de botânica geral e médica*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1877, p. 9. Grifos do original.

uma racialização do homem, em que o grau de raciocínio o aproximava ou o distanciava dos símios. Cabe destacar que as primeiras classificações da humanidade atribuindo um “sentido do termo raça” – processo de racialização – datam da época das “Grandes Descobertas”, quando os europeus começaram a refletir acerca do outro.⁵¹ Já havia, desde então, a comparação dos homens das diferentes “raças” com os animais; entretanto, somente a partir de fins do século XVII, com os iluministas, que as categorizações utilizaram o critério cor para fazer referência à raça.⁵²

Após a terceira conferência de Miranda Azevedo, *O Apostolo* publicou uma série de artigos que tratavam especificamente das conferências proferidas pelo médico sobre o darwinismo:

Movidos pela necessidade de não deixar passar sem reparo as preleções que sobre o *darwinismo* tem feito o Sr. Miranda Azevedo na escola pública de S. José, vamos assestar as nossas baterias contra o ousado, que saído ainda ontem dos bancos acadêmicos teve o arrojo e a inqualificável audácia de declarar perante auditório não pequeno, que ia *tratar de um assunto COMPLETAMENTE DESCONHECIDO PELOS HOMENS DA CIÊNCIA no Brasil, isto é, ia tratar do darwinismo!!... Risum lenialis amici!* ... Entretanto não é muito para admirar-se que um *criançola* se anima a proferir semelhante blasfêmia em público; o que é mais para admirar-se é o pouco critério que há da parte do encarregado de fiscalizar tais conferências, que têm ultimamente consentido que uma tribuna, destinada a ser um lugar de honra para os homens experimentados nas lides científicas, para os paladinos das sãs doutrinas e princípios verdadeiros, seja profanada por quanto pedante se julga com o direito de *amoliar* os ouvidos e a paciência do seu próximo! É hoje uma verdadeira *mania* subir-se à tribuna das conferências públicas! Qualquer estudanteco, [...], julga-se com plenos poderes de apresentar-se ao diretor das escolas públicas como uma *notabilidade*, como um *portento* nunca visto em saber e conhecimentos, [...]. A tribuna das conferências *chamadas populares*, aqui na corte, cumpre dizê-lo a bem da verdade, já foi nobilitada quando a ela [?] oradores da têmpera dos Ferreira Vianna e Duque-Estrada; atualmente, porém; ela não passa de uma *banca de*

⁵¹ AZEVEDO, Célia Maria Marinho. Para além das relações raciais: por uma história do racismo. *Anti-racismo e seus paradoxos: reflexões sobre cota racial, raça e racismo*. São Paulo: Annablume, 2004. p. 117 e 118.

⁵² Cf. POLIAKOV, Léon. *O mito ariano: ensaios sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva, Edusp, 1974. TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros. A reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, v. 1.

*sapateiro, onde os pândegos, os quebradores de mesas e bancos das academias, vão aprender a discursar, levando já de casa os improvisos prontos há 15 dias atrás!...*⁵³

Neste artigo *O Apostolo* iniciou um ataque mais específico à figura de Miranda Azevedo, apresentado-o de modo pejorativo como alguém novo demais para proferir palavras dignas de crédito. Houve também uma depreciação do diretor das Conferências da Glória, Manoel Francisco Corrêa, desta forma, atingindo o próprio evento. O debate não girava em torno das idéias pregadas pelo conferencista, mas sim sobre o prestígio do mesmo.⁵⁴ O critério da publicação para desqualificar o darwinismo foi atacar o orador e o organizador das Conferências, a folha não buscou uma contra-argumentação no campo das idéias.

O Diario do Rio de Janeiro resumiu a primeira e a segunda conferência, e destacou em ambos os casos a presença de um auditório numeroso.⁵⁵ *O Jornal do Commercio* também publicou sinopses das duas conferências, e nos dois casos salientou o abundante público presente, sobre a primeira ainda marcou sua boa aceitação “Ao retirar-se da tribuna o orador foi vivamente aplaudido pelo numeroso auditório.”⁵⁶ Antes dos outros jornais

⁵³ *O Apostolo*, 28/04/1875. Grifos do original

⁵⁴ Retomo, neste ponto, a análise de Richard Sennett a respeito da personalidade pública no século XIX. Ao refletir sobre o caso Dreyfus, Sennett afirma que a celeuma ocorrida na imprensa, tendo como seu ápice a publicação do manifesto “Eu acuso”, de Emile Zola, estava centrada mais em torno da personalidade de Dreyfus que sobre os fatos legais. De acordo com Sennett: “Uma vez compreendida a atmosfera retórica dessa introdução, podemos começar a dar sentido aos argumentos subseqüentes, que chocaram tantos comentadores modernos, que tomaram o texto de Zola sob um ponto de vista lógico ou legal, como absolutamente vazio. Ele tem uma lógica em termos da visão do século XIX sobre a personalidade pública. [...] Mas Zola não está à procura de provas legais e factuais, porque o Certo e o Errado neste caso devem ser lidos somente em termos de personalidade. [...] Assim, ao fazer com que o Caso se torne um drama de moralidade pessoal, Herói contra o Mal, Zola faz com que toda a discussão sobre as evidências só tenha importância na medida em que relacionada com a personalidade dos antagonistas.” SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 303 e 304.

⁵⁵ *Diario do Rio de Janeiro*, 14 e 21/04/1875.

⁵⁶ *Jornal do Commercio*, 18 e 21/04/1875.

noticiarem a terceira conferência de Miranda Azevedo, *O Apostolo* expôs sua apreciação negativa da preleção:

A imprensa desta corte deverá logo protestar contra a infeliz escolha que fez o Sr. Miranda Azevedo do assunto para as suas conferências, que ele promete continuar a produzir com grande escândalo da religião, da moral e da lei, e com grave prejuízo para os néscios e ignorantes, que desgraçadamente abundam em os nossos centros populosos. Mas infelizmente bem ao contrário disso o *Globo* e o *Jornal*, renunciando aos foros de imprensa séria, não se pejam de tecer pomposos elogios, ridículas louvaminhas ao moço que, em um momento de irreflexão, lembrou-se de *desenvolver* nesta capital as absurdas doutrinas de Carlos Darwin! Pois é razoável e justo que um jornal sério elogie pomposamente a um indivíduo que se apresenta fanático por uma doutrina inteiramente oposta às verdades reveladas da nossa santa religião? [...] cumpre ainda notar que esses jornais têm sido até exagerados nos elogios que fazem ao Sr. Miranda Azevedo! Assim é que dizem eles tem sido *muito numeroso* o auditório, que tem assistido às preleções sobre o *darwinismo*; e no entanto o contrário tem sucedido, e especialmente em relação ao *belo sexo*! Em uma das conferências do Sr. Miranda Azevedo, a que infelizmente assistimos, só vimos uma senhora presente, e esta era a esposa do próprio Sr. Azevedo!... E depois o *Globo* vem dizer-nos que a concorrência tem sido *espantosa!*...⁵⁷

Para *O Apostolo*, os principais prejudicados com a propagação da teoria darwinista seriam os “néscios e os ignorantes”, considerados como uma parcela substancial da população, parte-se do princípio que esta não seria capaz de discernir o supostamente certo do errado.

Ao tentar formar uma opinião pública discordante das idéias darwinistas, *O Apostolo* desqualificou *O Globo* e o *Jornal de Commercio* que, segundo o jornal católico, ao elogiarem as conferências de Miranda Azevedo, abdicavam sua condição de imprensa respeitável. Intencionando desmentir o que havia sido publicado, o periódico católico afirmou que o número de pessoas presentes nas conferências do médico não era tão grande como havia sido noticiado. Portanto, na luta pela não difusão das idéias darwinistas todos

⁵⁷ *O Apostolo*, 28/04/1875. Grifos do original.

os argumentos e armas poderiam ser utilizados. Partindo do pressuposto que muitos dos que compareceram às conferências sobre o darwinismo eram leitores dessas folhas, qualquer um poderia atestar a veracidade da informação de *O Apostolo* ou a do *O Globo* e do *Jornal do Commercio*, principalmente no tocante à quantidade do público feminino, pois seria muito difícil confundir a presença de uma única mulher com a de várias.

Apesar das diretas críticas da gazeta católica, esses jornais publicaram novamente o resumo da conferência e, mais uma vez, destacaram o grande auditório.⁵⁸ *O Globo* ainda ressaltou que a grande quantidade de pessoas presentes era decorrência do tema abordado por Miranda Azevedo, expondo sua apreciação: “O numeroso auditório que estas conferências vão atraindo aplaudiu merecidamente o ilustrado orador, quando terminou o seu discurso.”⁵⁹ O debate em torno da acusação feita pelo *O Apostolo* encerrou, sugerindo estar a cargo do público a escolha, e este já havia feito, uma vez que o mesmo continuou a freqüentar em grande quantidade as conferências darwinistas de Miranda Azevedo.

Cabe destacar que, nesta polêmica, havia uma parcela dos jornais que elogiava as preleções darwinistas – *O Globo*, *Jornal do Commercio*, *Diario do Rio de Janeiro*. A despeito de um pretense lugar de neutralidade, a imprensa era um lócus de disputa, em que cada periódico buscava, dentro do seu perfil jornalístico e político, argumentos e modos de convencimento de sua opinião. Dos jornais que pesquisei, *O Apostolo* foi o único que fez estardalhaço sobre as conferências que tinham a teoria de Darwin como tema. Ele estava

⁵⁸ *Jornal do Commercio*, 30/04/1875; *O Globo*, 29/04/1875.

⁵⁹ *O Globo*, 29/04/1875.

procurando espaço neste embate, uma vez que os outros não condenavam a difusão da teoria.⁶⁰ O próprio silêncio destes já indicava um posicionamento político favorável.

É o homem parente do macaco?

Regina Gualtieri afirma que a aceitação e a generalização de algumas das idéias de Darwin demoraram. Foi o caso, por exemplo, da negação de um Criador atuando sobre o mundo biológico, da inserção do homem neste mundo, e do princípio que os organismos descendem de um ancestral comum:

As idéias de que o mundo não era fixo e de que os organismos descendiam de um ancestral comum e se transformavam continuamente, duas outras importantes concepções de Darwin, não demoraram a ser aceitas de forma mais generalizada, pelo menos entre os biólogos [...] as idéias de gradualismo, outra idéia essencial e de seleção natural foram amplamente recusadas. [...] Aceitar a mutabilidade do mundo vivo, o que implicava reinterpretar a Criação especial, não foi muito difícil, a partir das evidências extraídas da natureza e apresentadas no **Origem**. Porém, eliminar o desígnio divino das transformações orgânicas e substituí-lo por um processo natural, a seleção, foi muito mais difícil.⁶¹

Das idéias darwinistas apresentadas nas Conferências Populares da Glória por Miranda Azevedo uma que provocou polêmica dizia respeito à ancestralidade do homem, que estaria ligada à do macaco. Neste sentido, *O Apostolo* se manifestou de modo mais

⁶⁰ Renato Silveira destaca que: “A ciência tinha ganho contra a Igreja a dura guerra pela prerrogativa de falar a Verdade sobre a natureza e a sociedade, tinha se associado à técnica e à indústria, tinha criado instituições poderosas nas quais produzia-se um discurso que era sinônimo de pertinência e potência.” SILVEIRA, Renato. Os selvagens e a massa: papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental. *Afro-Ásia*. n. 23, p. 87-144, 1999, p. 90.

⁶¹ GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. *Evolucionismo e ciência no Brasil: museus, pesquisadores e publicações, 1870-1915*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, p. 15. Grifo do original.

hostil, explicitando sua oposição. Mais uma vez, a fim de convencer seus leitores, ele fez grande alvoroço. Principalmente mediante a atuação de parte da grande imprensa que, mesmo sem ser enfática, muitas vezes apenas registrando sinteticamente as idéias do médico darwinista, indicava sua simpatia com o tema.

Na primeira preleção, de 11 de abril de 1875, segundo o *Jornal do Commercio*, Miranda Azevedo afirmou que a demora na difusão das idéias darwinistas no Brasil também era conseqüência do modo sarcástico que tratavam a teoria:

Outro fator que tem demorado a propaganda desta doutrina é o ridículo que seus adversários têm procurado lançar sobre ela; ridículo que formulando isoladamente esta proposição: o *darwinismo* pretende que o homem descende do macaco aperfeiçoado – tem sido aceita pelas inteligências superficiais. A esses poucos refletidos e não versados na questão dirá o orador as palavras de Huxley, em resposta ao bispo de Oxford, que procurava incitar os ânimos contra a nova doutrina, acreditando preferível provir de um animal aperfeiçoado do que de um ente que se ocupa em emperrar a verdade.⁶²

Embora o *Jornal do Commercio* tenha editado a crítica do médico àqueles contrários à doutrina darwinista, o fez de modo sutil. Faço esta afirmação, pois segundo consta em seu discurso publicado na revista *Conferencias Populares* e no artigo noticiado pelo *O Globo*,⁶³ Miranda Azevedo foi mais enfático: “[...] prefiro descender de um macaco aperfeiçoado antes do que de um Adão degenerado!...”⁶⁴ Não concebendo, desta maneira, a hipótese das criações simultâneas, semelhante ao que fizera em sua defesa de tese. Ele sintetizou os princípios darwinistas em quatro pontos: a luta pela existência, a variabilidade das espécies, a hereditariedade e a seleção natural. Embora não tenha publicado a frase de Miranda Azevedo de modo impactante, o *Jornal do Commercio* enalteceu a figura do

⁶² *Jornal do Commercio*, 18/04/1875. Grifo do original.

⁶³ De acordo com *O Globo*, de 14/04/1875, “[...] prefere [Miranda Azevedo] descender de um quadrúmano aperfeiçoado, do que de um Adão degenerado.”

⁶⁴ AZEVEDO, Augusto Cezar de Miranda. op. cit. 1875, p. 47.

naturalista inglês – “O orador narra a biografia do **eminente sábio** [Darwin], desde a sua viagem científica até a publicação da sua doutrina”⁶⁵ – dando, desta maneira, indícios de seu apreço.

Esta frase do médico darwinista, e a defesa da teoria como um todo despertou a indignação de *O Apostolo*:

Se o Sr. Miranda Azevedo soubesse alguma coisa de religião, se tivesse ao menos algumas noções de catecismo, certamente não ousaria dizer em um país católico que o que há contra o *darwinismo* são apenas *preconceitos religiosos!* Não, não são os preconceitos religiosos, e sim as verdades reveladas da nossa religião. [...]. O *darwinismo* nem merece as honras de uma discussão séria [...] Que papel representaria o homem, o rei da criação, se o supuséssemos *descendente direto do orangotango?* E ainda mais, o Sr. Miranda Azevedo acha mais digno e nobre ser descendente de macacos, do que de Adão, a quem S. S. qualifica, não sabemos com que fundamento, de *degenerado!* [...] Não nos admira muito o fato de considerar-se o Sr. Miranda descendente dos *quadrúmanos*, quando o *celebérrimo literato (?)* português José Palmella, a mais ratona figura que tem subido a tribuna das preleções públicas, em uma conferência que fez em Dezembro do ano findo, teve o descoco de declarar que seria muito conveniente importar grande quantidade de *orangotangos* aqui para o Rio de Janeiro; *a fim de que eles substituíssem os serventes domésticos!* Ora, eis a que nos reduziram essas duas *luminárias das ciências* o literato lusitano quer que os macacos substituam os nossos famales no serviço doméstico, e o nosso patrício deseja que nos mostremos gratos a esses animais, sendo que deles descendemos em *linha reta!*... Eis o fruto das conferências populares!... E o Sr. Miranda Azevedo ainda não foi condecorado!... Parabéns ao Sr. João Alfredo, a quem se deve esta *tão útil* propagação de conhecimentos *práticos* para o povo, sedento de instrução e saber!...⁶⁶

O Apostolo chegou ao ponto que foi uma constante em suas críticas sobre o darwinismo – a questão da origem simiesca do homem. Para o jornal, seria difícil imaginar que o homem não descendesse de Deus, uma vez que foi feito a sua “imagem e semelhança”. Após várias críticas e áspers comentários feitos pelo *O Apostolo* ao literato português, José Palmella, a folha destacou que ele, por muitas vezes designado como

⁶⁵ *Jornal do Commercio*, 18/04/1875. Grifos meu.

⁶⁶ *O Apostolo*, 28/04/1875. Grifos do original.

darwinista por este jornal, havia se manifestado dizendo o contrário. Porém, a simpatia pelo literato não se alterou:

O Sr. Palmella (figura a mais esdrúxula que vegeta atualmente em nosso país) é que não há de ficar lá muito satisfeito com a brincadeira, sendo que já declarou pela imprensa, e servindo-se de uma *excessiva delicadeza*, só própria de certos filhos da invencível terra das castanhas, que *não é nem foi jamais darwinista*; e pois ele deve estar lá pelos bosques de Angra dos Reis, preocupado com as doutrinas do Sr. Miranda, com quem parece simpatizar muito pouco, sendo que em seu *delicado* artigo inserto no *Jornal* de 6 do corrente, diz que a sua excelsa pessoa não deve ser confundida com ‘*um tal Sr. Miranda Azevedo* que se encarregou de espalhar o darwinismo!’⁶⁷

A respeito da conferência de José Palmella, encontrei apenas uma nota anunciando sua preleção. Segundo *O Apostolo*, em sua conferência o literato português havia proposto que se trouxessem macacos para a Corte, a fim de substituir a mão-de-obra escrava. De acordo com o periódico, a teoria darwinista fundamentaria essa proposição de Palmella, já que nela o homem descenderia do macaco.

Vale ressaltar que, Edward Tyson (1650-1703), considerado o criador da anatomia comparada, foi o primeiro a estabelecer uma relação de semelhança entre o homem e o macaco, que serviu de inspiração para o evolucionismo darwinista.⁶⁸ Em sua analogia, os negros e os macacos eram apresentados como criaturas inferiores, inaptos para a civilização.⁶⁹ Nesta perspectiva, a substituição dos escravos negros por símios, sugerida por Palmella, indicava que, por meio de uma lógica racial, a troca ocorreria entre seres inferiores, porque a eles estava reservado o tipo de trabalho que os brancos não faziam.

O Globo, contudo, teceu comentários elogiosos a Miranda Azevedo:

⁶⁷ *O Apostolo*, 25/06/1875. Grifos do original.

⁶⁸ POLIAKOV, Léon. op. cit., p. 133.

⁶⁹ AZEVEDO, Célia M. M. de. op. cit., p. 119.

As palavras que o orador tem dito, e as leis que tem demonstrado, evidenciam a falsidade da seguinte proposição: *todo o organismo produz outro que lhe é igual*, que deve ser substituída por este princípio: *todo o organismo produz outro análogo*. [...] Os fatos revelados nestas conferências, as aplicações aproveitadas pela ciência e indústria, são triunfos brilhantes do darwinismo.⁷⁰

Para *O Globo*, as idéias apresentadas pelo médico darwinista eram quase que verdades inquestionáveis, pois atestavam a falta de veracidade de outras proposições. Classificar os argumentos de Miranda Azevedo como “fatos revelados”, indica a importância dada, por este jornal, à divulgação do darwinismo. No debate sobre o darwinismo apresentado nas Conferências da Glória, *O Globo* se posicionou partidário à teoria, por exemplo, ao marcar os “triunfos brilhantes do darwinismo”.

O Jornal do Commercio, do mesmo modo, despendeu notas favoráveis a respeito dos argumentos utilizados por Miranda Azevedo, ressaltando o brilhantismo da teoria de Darwin. Para a gazeta, o médico havia exposto o darwinismo de modo “evidente”, ou seja, considerou as idéias óbvias:

O fato da divergência progressiva dos indivíduos sempre que se afastam da origem, harmonizando-se com o aperfeiçoamento dos órgãos e das funções, pela seleção natural, **são luzes brilhantes** que o darwinismo lança na história natural moderna. [...] Tendo esboçado as leis gerais do darwinismo, e de maneira **evidente** estabelecido as premissas, pensa o orador poder deduzir as conclusões e aplicar a doutrina que expôs ao homem.⁷¹

Frente aos elogios despendidos por parte da imprensa ao darwinismo, *O Apostolo* deu continuidade às suas críticas. Questionou Miranda Azevedo acerca da origem dos seres primitivos que teriam gerado os seres mais complexos, como, por exemplo, o homem. Classificou a teoria como fora dos parâmetros científicos, pois Darwin não conseguira

⁷⁰ *O Globo*, 29/04/1875. Grifos do original.

⁷¹ *Jornal do Commercio*, 30/04/1875. Grifos meus

provar a origem desses seres. A necessidade da prova indica que, mesmo criticando o discurso científico, *O Apostolo* fazia uso dele. Como o darwinismo não se apresentava amparado em fatos experimentais conclusivos, não poderia ser considerado ser digno de confiança.⁷²

Miranda Azevedo foi acusado de citar vários “ilustres desconhecidos” para dar respaldo às suas proposições. De acordo com *O Apostolo*, o que o médico queria era, na realidade, ficar famoso como o:

*primeiro propagador da ciência dos macacos entre nós, como o mais extremo defensor desses inocentes quadrúmanos, desses servos de que tão chistosamente se ocupou o Sr. Palmella. S. S. está fanático por ver seu nome ligado na prosperidade à grande idéia, à feliz lembrança, à estupenda revelação, que nos apresenta como descendentes em linha reta dos bugios, dos monos dos caxinguelês, dos sagüis, e de toda esta vasta família.*⁷³

Dando prosseguimento às críticas, o jornal católico comentou a resposta dada por Miranda Azevedo em sua última preleção. Segundo *O Apostolo*, o médico declarou que a redação da publicação católica o havia rotulado de ateu e como incurso no Código Criminal. Em sua defesa, ele disse não ser ateu, e desde o início deixou claro que a doutrina exposta não tinha nada de religiosa, pois ciência e religião não se misturavam. A tal observação, *O Apostolo* respondeu afirmando ser o darwinismo em si anti-religioso, por desconsiderar o papel criador de Deus e ainda rebaixar o homem à categoria dos brutos.⁷⁴

Seguindo o *Syllabus Errorum*, suplemento da encíclica *Quanta Cura*, promulgada pelo Papa Pio IX em 1864, *O Apostolo* combatia tudo o que era considerado como erros da

⁷² A esse respeito, Martha Abreu destaca: “Agrupando doutrinas das mais diversas matrizes, *O Apostolo* as via conjuntamente, relacionando-as entre si”. ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro – 1830 e 1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999, p. 312.

⁷³ *O Apostolo*, 30/04/1875. Grifos do original.

⁷⁴ *O Apostolo*, 02/05/1875.

época: panteísmo, naturalismo, racionalismo, socialismo, comunismo, maçonaria, liberalismo, protestantismo e cientificismo.⁷⁵ Sendo assim, o darwinismo, com o agravante de retirar o poder criador de Deus, só poderia ser execrado pelo jornal.⁷⁶

Ao continuar as críticas específicas às conferências de Miranda Azevedo, *O Apostolo* comentou a preleção realizada em 25 de abril de 1875; respondeu às palavras publicadas pelo *O Globo* de 29 de abril, considerado pelo periódico católico o maior “defensor da *doutrina macaca*” e o maior defensor do “*chefe darwinista*”. *O Globo* afirmou que o orador se achava mediante a uma “acusação violenta e apaixonada”, que havia sido professada pela folha católica.⁷⁷ *O Apostolo* destacou que membros da redação estiveram presentes à preleção do médico e, em momento algum, este havia utilizado tais palavras para se referir ao jornal.⁷⁸ Para *O Apostolo*, não era apenas Miranda Azevedo a grande preocupação, mas também a imprensa que repetia as idéias apresentadas por ele, pois havia um sistema de adesões nos jornais, no qual a gazeta católica estava praticamente isolada. A insistência nas críticas de *O Apostolo* indicam o importante papel da imprensa como construtora de opinião, já que era isso o que a publicação pretendia – formar uma opinião pública contrária às idéias darwinistas e, desta maneira, não legitimá-las.

É provável que a crítica de *O Apostolo* endereçada ao *O Globo* não tenha sido apenas pelo fato de o jornal noticiar de maneira elogiosa as conferências de Miranda

⁷⁵ Cf. ABREU, Martha. op. cit. BALABAN, Marcelo *Poeta do lápis: a trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888*. Campinas, SP, 2005. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas.

⁷⁶ O Concílio Vaticano (1869-1870), que proclamou a infabilidade papal em pleno período em que o racionalismo predominava como forma de pensamento, no capítulo I da seção III, reafirmou o papel de Deus como criador do mundo e dos seres viventes. O que sugere que, as teorias que pregavam uma origem não divina da Terra e do homem deveriam preocupar a Igreja Católica. Cf. CASALI, Alípio Márcio Dias. *Elite intelectual e restauração da Igreja*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

⁷⁷ *O Globo*, 29/04/1875.

⁷⁸ *O Apostolo*, 05/05/1875.

Azevedo. Após a primeira preleção do médico, sem apresentar uma relação explícita, *O Globo* publicou um artigo intitulado “Antropologia. O homem e o macaco”, no qual destacou:

Quando Carlos Vogt, Darwin, Huzley [sic] e outros classificaram o homem entre os macacos e o fizeram chefe da família dos antropomorfos, levantou-se uma grande celeuma, contra essa irreverência pela única criatura feita à imagem de Deus, sem considerar, que às diferenças anatômicas que separam o homem do gorila e do chimpanzé são menores ainda das que separam o gorila dos outros macacos inferiores. Não há pois razão para classificar o homem numa ordem distinta. Ele pertence de direito pela sua estrutura à ordem dos *Primatas*, ou macacos. Ainda que todo o gênero humano reclame contra essa classificação, a ciência sem razão cumpriu o seu dever: e certamente a dignidade do homem não é fundada sobre diferenças anatômicas. Quanto à diferença física o reclamo é igualmente sem valor, porque as faculdades as mais elevadas do sentimento e as da inteligência principiam a germinar nas formas inferiores. [...] E se compararmos os atos do homem no estado selvagem com os do macaco, daremos muitas vezes a preferência aos atos deste sobre os daquele, assim como à abstenção do macaco de certas práticas do homem. E começando por esta abstenção, ninguém dirá que o macaco seja inferior ao homem por não furar a cara e o corpo, os beiços, nariz e orelhas como os negros da África, e o selvagem de muitas regiões; nem por não achatar a cara e o crânio como os chinooks e outras tribos americanas [...] Não há macaco tão porco como muitos selvagens. D. Felix de Azara, que viveu muito entre as tribos paraguaias, diz que elas não conheciam o costume de se lavarem. [...] Os viajantes e os naturalistas ainda não decidiram qual tribo de macacos seja mais parecida com a tribo do homem. [...] E ainda o homem se envergonha de que lhe dêem os macacos por parentes, quando são os macacos que se deveriam envergonhar do parentesco do homem?!⁷⁹

Ao editar esse texto *O Globo* evidenciou seu posicionamento em prol das idéias darwinistas, inclusive no tocante à possível descendência símia do homem. Todo o argumento foi construído no intuito de demonstrar que, na realidade, o macaco deveria se envergonhar de possuir parentesco com homem. Mas não é qualquer homem que era apresentado como inferior, apenas os africanos e os originários das Américas; mostrando a existência de uma hierarquização do homem. Desde o século XVIII, com as discussões dos

⁷⁹ *O Globo*, 16/04/1875.

filósofos iluministas sobre a igualdade entre os homens, muitos delimitavam uma escala de humanidade, relacionando-a com a origem geográfica e a cor da pele. No século XIX, em especial na segunda metade, este discurso raciológico se vestiu de argumentos científicos, criando uma atmosfera de verdade inquestionável. Em ambas perspectivas, o homem branco europeu era classificado no ápice do desenvolvimento e da civilização, enquanto os americanos e os africanos eram enquadrados em escalas menores sendo, inclusive, muitas vezes comparados aos animais.⁸⁰

A quarta conferência, de 16 de abril de 1875, intitulada “Os diversos meios de reprodução dos organismos”, foi anunciada pelo *Jornal do Commercio* como a continuação das “interessantes considerações acerca do *darwinismo*”,⁸¹ sinalizando que as idéias expostas eram dignas de atenção. Após esta conferência, *O Apostolo* continuou suas críticas, ressaltando que nos dias de preleção do médico, a escola pública da Glória se tornava ponto de encontro dos jovens, inclusive das moças; isso deveria proporcionar grande prazer ao orador, pois para a publicação católica, ele buscava justamente o reconhecimento do público. Destacou que a própria figura do médico era oposta à teoria que defendida:

Não podemos acreditar, por mais que se esforce o Sr. Azevedo para convencer-nos, que S. S. descende em *linha direta* de algum bugio! Pois será possível que uma *figura tão importante*, que um *rapagão* tão esbelto e simpático venha em *linha reta*, diretamente de algum mono de *cauda torcida*, e de *focinho mascarado*?!⁸²

Com tom de ironia, além de dar a entender que Miranda Azevedo era bem-apeado, *O Apostolo* evidenciou um dos pontos mais incômodos da teoria darwinista – a

⁸⁰ Para uma discussão a respeito deste processo de racialização do homem conferir: TODOROV, Tzvetan. op. cit.

⁸¹ *Jornal do Commercio*, 15/05/1875. Grifo do original.

⁸² *O Apostolo*, 28/05/1875. Grifos do original.

possível ascendência macaca do homem. Se o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, conforme afirma a Bíblia, essa origem apontada como corolário da teoria de Darwin se tornava uma questão profundamente problemática para a religião católica.

Ao analisar a repercussão da quarta conferência nos outros jornais cariocas, *O Apostolo*⁸³ elogiou a pouca ênfase dada pelo *Jornal do Commercio*, que embora tenha considerado-a como uma “importante conferência”⁸⁴ não apresentou o resumo da mesma. Mais uma vez, *O Apostolo* questionou Miranda Azevedo com relação à origem do primeiro organismo que apareceu por geração espontânea. Segundo a publicação, já havia sido provado pela Academia de Ciências de Paris, por Louis Pasteur, a não existência da geração espontânea. Destacou que no Brasil isto já havia sido discutido, na Faculdade de Medicina, pois Caminhoá, que tendo como base os estudos de Pasteur, provara a não existência da geração espontânea, e finalizou o artigo ressaltando que a folha continuaria a escrever refutando o darwinismo.⁸⁵

Ao comentar a quinta conferência do médico darwinista, na qual foi discorrido o tema “Os embriões”, *O Globo* salientou que Miranda Azevedo não se importou com as críticas publicadas pela imprensa, porque contava com a “simpatia de muitos homens ilustrados e inteligentes” sendo estimulado pelo apoio da “imprensa ilustrada e imparcial” do Rio de Janeiro, na qual *O Globo* se reconhecia, e de outras províncias.⁸⁶ Logo, sua repercussão não se restringiu ao âmbito da Corte. O médico fez uma divisão entre a imprensa tendenciosa, no caso *O Apostolo*, e a imprensa dita imparcial, categoria na qual inseriu os outros periódicos que o apoiavam. Isto mostra o papel dos jornais como

⁸³ *O Apostolo*, 28/05/1875.

⁸⁴ *Jornal do Commercio*, 18/05/1875.

⁸⁵ *O Apostolo*, 28/05/1875.

⁸⁶ *O Globo*, 24/06/1875.

formadores de uma opinião pública partidária ao darwinismo. A parcela da sociedade que concordava com as idéias apresentadas por Miranda de Azevedo seria aquela composta de membros “ilustrados e inteligentes”, em contrapartida, os que não o apoiavam deveriam ser néscios. Portanto, o estardalhaço feito pelo *O Apostolo* era necessário não apenas para provar a problemática da teoria darwinista, mas também para se fixar como imprensa ilustrada.

A quinta conferência de Miranda Azevedo não foi esquecida pelo *O Apostolo*. Segundo o jornal, para mostrar não ser o único no Brasil adepto da doutrina darwinista, o médico apoiou suas afirmações nas idéias de Charles Frederick Hartt, professor americano presente no país em comissão do governo brasileiro. No entanto, o periódico destacou que Hartt nunca havia escrito nada relacionado ao darwinismo.

Neste momento, *O Apostolo* sugeriu a Miranda Azevedo a leitura da obra do escritor francês Bonriot em “contraposição às esquisitas teorias do protestante”, que seria Darwin. Um novo elemento surgiu na crítica da publicação, o fato de o naturalista inglês ser protestante, indicando que todos os recursos possíveis deveriam ser utilizados para convencer o erro da implantação dessa teoria. Sendo o catolicismo ser a religião oficial do país, apelar para o fato de Darwin ser protestante seria o mesmo que colocar o público leitor para escolher entre uma opção católica e outra protestante, independente do conteúdo defendido.⁸⁷

⁸⁷ A Igreja Católica brasileira associava a maçonaria e o protestantismo, afirmando existir articulação entre os grupos. Segundo Balaban, um dos fatores que levou a Igreja a ser contrária à emancipação dos escravos foi porque uma das alternativas indicadas para suprir a mão-de-obra foi o incentivo à imigração, defendido por muitos parlamentares maçons, temia-se que entre esses novos imigrantes viessem também protestantes. BALABAN, Marcelo. op. cit. Ver também: BARATA, Alexandre Mansur. *Luzes e sombras: a ação da maçonaria brasileira (1870-1910)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória – Unicamp, 1999.

Com o propósito de, por meio da embriologia, provar a tese que sustentou, Miranda Azevedo levou à sua quinta conferência desenhos de embriões humanos e de cachorros, evidenciando a semelhança estrutural de ambos. Os conhecimentos científicos do período valorizavam a prova empírica das hipóteses sustentadas. Ao buscar positivar seus argumentos, o médico trouxe, então, as referidas ilustrações. A este respeito, *O Apostolo* inicialmente criticou a quantidade de desenhos, insuficiente para ser vista por todo o auditório, sendo que inclusive o Imperador não pôde vê-los direito, e teve que “estender seu imperial pescoço”. Considerou o argumento do médico como sofismático, pois o correto seria comparar os organismos em momentos de desenvolvimento posterior àqueles. O jornal enfatizou que, ao final da conferência, o orador havia dito ter todos os seres humanos caudas, e estas eram maiores nas mulheres – ironizou esta afirmação, questionando o modo como a Imperatriz, presente à preleção, poderia ter ficado humilhada.⁸⁸ A folha tentou criar uma situação vexatória de Miranda Azevedo perante o poder imperial, sugerindo um desconforto da Imperatriz ao assistir à conferência do médico.

As ilustrações exibidas por Miranda Azevedo foram extraídas da obra de Haeckel, conforme afirmou *O Globo*:

Apresentou nessa ocasião ao auditório diversos desenhos aumentados daqueles que Haeckel traz em seu livro, nos quais eram bem salientes as semelhanças existentes entre os diferentes embriões. [...] Disse o orador que a verdade da teoria evolutiva se demonstra ainda pela aplicação de suas leis em relação à história da humanidade, em qualquer de suas manifestações, política, religiosa, literária, artística.⁸⁹

O emprego dos desenhos de Haeckel mostra que a aceção que Miranda Azevedo tinha do darwinismo era permeada por outras teorias evolucionistas. A aplicação desta

⁸⁸ *O Apostolo*, 25/06/1875.

⁸⁹ *O Globo*, 24/06/1875.

teoria à sociedade também indica a presença do pensamento haeckeliano, que pregava a extensão das idéias biológicas.⁹⁰ Para o *Jornal do Commercio* a utilização dos desenhos foi convincente:

Neste ponto o Sr. Dr. Miranda Azevedo ofereceu ao público desenhos ampliados e extraídos da obra de Haeckel, pelas quais convenceu da grande semelhança que existe entre os embriões animais no seu princípio, sendo quase impossível distinguir o que pertence ao homem e o que deve ser referido ao cão, quando tem decorrido seis semanas. Fez **interessantes considerações** sobre a confusão que existia, ainda para o mais sábio, a respeito destes embriões, impossíveis de serem assinalados a esse ou àquele animal superior, inclusive o homem. [...] fez considerações sobre a importância desta ciência [embriologia], e a utilização de seu conhecimento para todos, desde o especialista, o simples filósofo, até ao mero cidadão.⁹¹

Ao marcar os argumentos de Miranda Azevedo como “interessantes considerações”, o *Jornal do Commercio* apontou sua concordância com as idéias discorridas pelo médico, e tomou as ilustrações como evidências do darwinismo.

Após se afastar por dois meses da tribuna da Glória, Miranda Azevedo voltou, em agosto de 1875, para abordar o sistema de Darwin. O médico darwinista sentiu-se na obrigação de defender Augusto Comte das acusações feitas por Herculano de Souza Bandeira Filho,⁹² que em 15 de agosto de 1875 realizou uma conferência, cujo título era

⁹⁰ Regina Gualtieri salienta que “a lei biológica de Haeckel, transferida para o mundo social, previa que os povos, durante seu desenvolvimento, recapitulariam a história de outros povos já desenvolvidos”. GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. O evolucionismo na produção científica do Museu Nacional do Rio de Janeiro. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol et alii. *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

⁹¹ *Jornal do Commercio*, 26/06/1875. Grifos meus.

⁹² Antonio Herculano de Souza Bandeira Filho nascido na província de Pernambuco, estudou direito na Faculdade do Recife. Foi nomeado professor de filosofia e direito natural público e constitucional da Escola Normal. Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. 7 v.

“Espiritualismo e ordem social”.⁹³ Com relação à simpatia de Miranda Azevedo com o positivismo, *O Apostolo* comentou:

Que o Sr. Azevedo era parente (ou antes descendente dos orangotangos) já de há muito o sabemos, mas que era também *positivista*, isto é, leviano, exagerado, sectário do falso progresso, e da liberdade mal entendida, nunca poderíamos supor!... Ora querer o Sr. Miranda para si a glória de identificar-se com Comte... parece que a *Imprensa Catholica* de Maceió tem toda a razão quando diz ‘que o Sr. Miranda dá indícios de sofrer um pouco da bola!...’⁹⁴

Por meio da citação acima notei o posicionamento do jornal com relação ao positivismo, que também era considerado pela Igreja Católica como um dos erros do século segundo o *Syllabus*. Novamente, percebe-se que a repercussão das idéias expostas nas Conferências atingiu outras províncias, neste caso a de Alagoas.

Feliciano Pinheiro Bittencourt, colaborador de *O Apostolo*, que também viria a ser orador na tribuna da Glória em 1876, em um artigo publicado neste mesmo jornal indicou a leitura de *O naturalismo ou o dogmatismo aplicado à ciência*, de Roberto Woodhouse, a Miranda Azevedo, com o propósito de que este não mais defendesse o darwinismo. Nesta obra ficaria provado como falsas as conclusões do naturalismo, do materialismo, do darwinismo, e de outros tantos “ismos”.⁹⁵ Isso mostra a existência de divergências entre os conferencistas, que expunham suas discordâncias não apenas na tribuna da Glória, mas também na imprensa.

⁹³ A preleção de Herculano de Souza Bandeira Filho foi noticiada com grande deferência pelo *O Apostolo*, que viu em sua figura um de aliado nas idéias. Entretanto, Herculano de Souza Bandeira Filho enviou à redação de *O Apostolo* uma carta, na qual apontou alguns erros cometidos por esta folha. A essa manifestação, o jornal apresentou uma reação de espanto, pois não esperava isso do orador que havia se posicionado contrário ao positivismo de Comte. O ponto essencial estava em Comte ter sido chamado de alienado, em relação a isso o periódico se esquivou ressaltando que na realidade só quis destacar o fato de o criador do positivismo ter sido tratado por médicos psiquiatras em uma casa de repouso.

⁹⁴ *O Apostolo*, 18/08/1875. Grifos do original.

⁹⁵ *O Apostolo*, 20/10/1875.

Embora *O Apostolo* tivesse criticado várias conferências, nem todas foram rechaçadas. Aquelas que tratavam de temas de acordo com os interesses da Igreja Católica e do jornal eram sempre aclamadas. Sobre a preleção de Manoel Francisco Corrêa que abordou a instrução popular, a folha noticiou sua aprovação:

Temos notado que quando trata-se de assuntos sem a menor importância, como por exemplo o *darwinismo*, ou *questão de macacos*, enche-se o salão da escola da Glória!... Entretanto quando se discutem questões sérias, e de mais alta importância social vê-se o mesmo salão quase vazio!...⁹⁶

Essa observação de *O Apostolo* deu indício de que o tema darwinismo atraiu a atenção de boa parte do público que constantemente comparecia aos encontros, contradizendo a pouca audiência que por vezes tentara provar.

A celeuma em torno das idéias darwinistas teve como centro dois pólos, um contrário ao sistema de Darwin, representado pela folha católica *O Apostolo*, outro partidário, tendo como figura central Miranda Azevedo e os jornais que se mostravam favoráveis – *O Globo*, *Jornal do Commercio* e *Diario do Rio de Janeiro*. Estes muitas vezes não se expressaram diretamente favoráveis, mas o silêncio ao apenas resumir as conferências do médico indicam que não eram divergentes.

Mesmo após a temática darwinista ter diminuído nas Conferências da Glória, algumas notas na imprensa contra a teoria foram publicadas. Em novembro de 1878 o *Jornal do Commercio* publicou o seguinte:⁹⁷

Homens-macacos e macacos homens – Dedicamos aos darwinistas a seguinte explicação da formação da origem, do homem que, segundo

⁹⁶ *O Apostolo*, 03/09/1875. Grifos do original.

⁹⁷ Embora não possa afirmar que haja relação; cabe marcar que este artigo foi publicado dois meses após a conferência de João dos Reis de Souza Dantas Sobrinho, intitulada “Luta pela existência: seu papel na evolução das espécies”.

informa o Sr. de Froberville numa obra sobre a África oriental, publicada há cerca de quarenta anos, é professada naquelas regiões: ‘No princípio, o bom Deus ‘Mouloukou’ fez dois buracos redondos na terra, de um deles saiu um homem e do outro uma mulher. Fez depois mais dois buracos, de onde saiu um casal de monos, a que ele indicou as florestas e os lugares estéreis para viverem. O homem e a mulher foram apresentados por Deus com a terra cultivável, uma enxada, um machado e um prato, uma panela e um milho. Disse-lhes então o bom Deus: ‘– Cavem a terra, semeiem o milho, construam uma casa e cozinhem a sua comida.’ O homem e sua companheira, em vez de obedecerem ao bom Deus, comeram o milho cru, quebraram o prato, encheram a panela de imundície, lançaram para longe os utensílios e foram viver nos bosques. Deus, vendo isto, chamou os monos, deu-lhes o mesmo que tinha dado ao homem e os mandou trabalhar. E eles cavaram a terra, fizeram plantações, edificaram uma casa, cozinham o milho, lavaram e limpam o prato e a panela. O bom Deus ficou satisfeito. Cortou então a cauda do macaco e da macaca, e pô-la no homem e na mulher. E disse aos primeiros: Sejam homens! E aos segundos: Sejam macacos!’⁹⁸

A parábola foi apresentada a fim de ridicularizar a teoria de Darwin, apresentando o homem como originário do macaco, e o macaco como originário do homem. O homem e a mulher foram descritos como os traidores de Deus, pois ele havia lhes dado o melhor local e eles não souberam aproveitar, optaram por uma vida semelhante a do animal. Por isso foram transformados em macacos. Tendo o oposto ocorrido com os monos. Interessante observar que a única coisa questionada foi a possível origem macaca do ser humano, o papel criador de Deus não é questionado. Cabe destacar que, durante a polêmica ocasionada pelas conferências de Miranda Azevedo, em momento algum, o *Jornal do Commercio* se posicionou contrário ao darwinismo.

É relevante assinalar que o artigo tem como base, para atacar a teoria darwinista, uma lenda criacionista da África, ou seja, se há algum parentesco entre o ser humano e os símios, só poder ser entre este e um negro africano. Este tipo de analogia de caráter racista, já era feita desde o século XVIII, porém só nos oitocentos ela se revestiu com um discurso

⁹⁸ *Jornal do Commercio*, 04/11/1878.

científico. Um exemplo que marca isto no pensamento iluminista pode ser observado neste trecho de Voltaire:

A grande questão entre eles [os negros] é se são descendentes dos macacos ou se os macacos descendem deles. Nossos sábios disseram que o homem é a imagem de Deus: eis aqui uma curiosa imagem do Ser eterno, um nariz negro achatado, com pouca ou nenhuma inteligência! Um dia virá sem dúvida onde esses animais saberão cultivar a terra, embelezá-la com casas e jardins e conhecer a rota dos astros: é preciso tempo para tudo.⁹⁹

Neste excerto, o negro aparecia retratado como mais próximo dos macacos que dos homens, pois se ele tivesse sido criado à semelhança de Deus, teria outra fisionomia. Voltaire insinuava que seu nariz era mais semelhante ao dos símios que dos outros seres humanos, leia-se aqui branco e europeu. Outro argumento que ele utilizava para tal era a pouca inteligência que, segundo o autor francês, o negro possuía, o que o distanciaria ainda mais dos humanos. A dúvida com relação à capacidade do negro de cultivar a terra era a mesma da nota do *Jornal do Commercio*, esta habilidade era uma das características que diferenciava o homem dos outros animais, logo, ao questionar a existência de tal competência entre os negros era o mesmo que questionar se eles eram humanos ou não.

A oposição ao darwinismo do *O Apostolo* era tão grande que, em 1878, o jornal chegou a publicar uma nota na qual citou uma publicação de um periódico protestante de Montevideu para corroborar o absurdo da teoria:

O Darwinismo – Escreve *El Evangelista*, folha protestante de Montevideu: ‘O nome mais proeminente que figura nas investigações científicas neste continente é o de Luiz Agassiz. Sua opinião acerca do absurdo do darwinismo foi expressada deste modo significativo: ‘Eu não creio que descendi do mono; *Deus é meu pai.*’¹⁰⁰

⁹⁹ Voltaire, *Lettres d’Annabel*. [17--]. Apud SILVEIRA, Renato. op. cit., p. 97.

¹⁰⁰ *O Apostolo*, 31/11/1878. Grifos do original.

Ou seja, em sua cruzada contra o darwinismo toda ajuda era válida, até a de um inimigo histórico da Igreja Católica, no caso o protestantismo.

Outras conferências sobre o darwinismo

A temática do darwinismo também foi abordada por outros oradores nas Conferências Populares da Glória, porém, suas preleções não repercutiram e nem geraram a mesma polêmica como as proferidas por Miranda Azevedo. Galdino Emiliano das Neves¹⁰¹ discorreu sobre a geração espontânea em outubro de 1875. *O Globo* destacou que, o conferencista dissera que os partidários da teoria da geração espontânea pretendiam mostrar que os seres, animais ou vegetais, nasciam sem um progenitor. Porém, para o orador, a teoria não podia ser considerada científica, porque não havia sido examinada pelo procedimento científico experimental.¹⁰² Neste sentido, o problema central não era crer ou não na teoria da geração espontânea, mas sim demonstrar ou não experimentalmente o método, ou seja, estar de acordo com os princípios científicos onde tudo tinha que ser comprovado experimentalmente.

A preleção de Galdino das Neves também teve uma apreciação negativa de *O Apostolo*, que lamentou o desenvolvimento da preleção, criticando o domínio da gramática da língua portuguesa pelo orador, que repetira mais de uma vez os mesmos argumentos e frases. Comparou o discurso de Galdino das Neves com o de Palmella, até o momento

¹⁰¹ Nasceu na província de Minas Gerais, concluiu o curso de medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. BLAKE, Augusto V. A. S. op. cit.

¹⁰² *O Globo*, 24/10/1875.

classificado como o pior de todos apresentados na tribuna da Glória. Questionou o posicionamento do orador em relação à geração espontânea, pois não havia ficado claro na conferência.

Na tribuna da Glória foram realizadas algumas conferências que não tratavam explicitamente do darwinismo, mas perpassavam pelo assunto. Em 1876, ao discorrer sobre a moda e a higiene, Antonio Felício dos Santos¹⁰³ ressaltou:

Prova que a moda nasce da imitação servil, faculdade rudimentária e pueril que torna plausível a hipóteses do *Símio antropóide*, nosso antepassado, segundo Darwin. A imitação opõe-se a originalidade, sem a qual não há progresso nem verdadeira originalidade. É o que acontece no Brasil imitador sem critério da moda da Europa.¹⁰⁴

A fim de sustentar seu argumento, Antonio Felício dos Santos fez uso da teoria de Darwin. Esta utilização não significava que ele conhecesse de fato a teoria nem que, tampouco, fosse considerado darwinista. Empregar as idéias darwinistas para fundamentar uma proposição indicava que, de certa forma, o darwinismo adquirira alguma credibilidade para aqueles que assistiam à preleção.

Em 1878 o tema do darwinismo pairou novamente na tribuna da Glória com João dos Reis de Souza Dantas Sobrinho¹⁰⁵, em seu discurso sobre a importância da luta pela existência para a evolução das espécies. De acordo com o *Jornal do Commercio*, o conferencista argumentou ter sido Darwin quem forneceu à teoria do transformismo a precisão e o valor científicos. Dantas Sobrinho afirmou que o homem realizava uma “seleção artificial” na criação de animais e no cultivo das plantas – “A seleção artificial forma uma verdadeira arte, em que entra até o capricho”; e do mesmo modo ocorria a

¹⁰³ Nascido em Minas Gerais, Antonio Felício dos Santos cursou medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; clinicou em Diamantina e na Corte. BLAKE, Augusto V. A. S. op. cit.

¹⁰⁴ *Jornal do Commercio*, 19/04/1876. Grifos do original.

¹⁰⁵ À época estudante da Escola Politécnica.

seleção natural. Desta forma, o preletor ressaltou a relevância da herança: “É fato este, o da herança, muito comum, e por isso pouco entendido, mas cuja consagração, e reconhecimento resalta o refrão popular: ‘Quem sai aos seus não degenera.’” Reiterou a importância da herança e da adaptação. Para Dantas Sobrinho, a luta pela existência aconteceria em todos os seres vivos, inclusive o homem, devido à falta de alimentos.¹⁰⁶ Destaco aqui que havia variações entre as concepções das idéias de Darwin para os conferencistas, mostrando as diferentes ressignificações atribuídas ao darwinismo pelos oradores.

Outros homens de letras contrários à doutrina darwinista ocuparam a tribuna da Glória, dentre eles, Feliciano Pinheiro Bittencourt, versando sobre o tema discordou das idéias do naturalista inglês, para o orador era insustentável utilizar a embriologia para mostrar que havia uma similaridade entre os seres.¹⁰⁷ Criticou, aí Miranda Azevedo, que utilizava tal argumento para sustentar sua defesa do darwinismo.

Após a repercussão das discussões sobre a teoria de Darwin, apresentadas na tribuna da Glória, o tema também foi apresentado em outros locais, como as conferências realizadas no Ateneu Acadêmico.¹⁰⁸ Miranda Azevedo conferenciou sobre o darwinismo em outros locais, em julho de 1876 discursou no salão do Grande Oriente Unido do Brasil sobre o seguinte tema – “Das mistificações religiosas perante o estudo das ciências naturais”.¹⁰⁹ Não obstante, essa preleção não obteve tanta repercussão na imprensa como as proferidas na Glória. O fato de ele se apresentar nas conferências organizadas pela

¹⁰⁶ *Jornal do Commercio*, 16/09/1878.

¹⁰⁷ *Gazeta de Noticias*, 09/11/1875.

¹⁰⁸ *A Reforma e O Globo*, 07/07/1876. *Diario do Rio de Janeiro*, 07/07/1876. Neste dia o estudante do quarto ano de medicina da Faculdade do Rio de Janeiro, Antonio Cerqueira Leite, discutiu o tema em conferência nesse local. A respeito da reverberação destas preleções não encontrei referência alguma nos jornais que pesquisei.

¹⁰⁹ *O Globo*, 28/07/1876.

maçonaria indica que era membro ou tinha alguma afinidade com a mesma. Isso pode ter sido um dos motivos das críticas de *O Apostolo* terem sido constantes.

Por meio do exposto, percebo que a recepção da teoria evolucionista de Darwin na sociedade brasileira do século XIX não ocorreu de forma pacífica. Foi em 1875, após a sua divulgação nas Conferências Populares da Glória, que o darwinismo se tornou importante tema na imprensa da Corte. As idéias darwinistas expostas na tribuna da Glória provocaram nos jornais cariocas uma polêmica entre favoráveis e contrários à teoria. Pude observar, por meio da recepção e repercussão dessa nova corrente de pensamento, que ela foi apropriada e reformulada por boa parte dos letrados do Rio de Janeiro.

O cerne da polêmica envolveu *O Apostolo*, jornal católico que desde o início se mostrou discordante das idéias de Darwin. O grande problema estava no fato de a teoria retirar de Deus o poder na criação da Terra e do homem. A possível origem macaca do homem, apontada como derivativa da hipótese darwinista, também foi motivo de severas críticas, porque era contraditória à Bíblia, que dizia ter sido o homem criado à imagem e semelhança de Deus.

Para o jornal, o governo era culpado pela difusão das idéias darwinistas na sociedade brasileira, uma vez que não fazia nada contra as Conferências Populares. Desde a questão religiosa de 1872, as relações entre o Estado e a Igreja estavam cada vez mais tensas, e a propagação do darwinismo era encarada como mais um reflexo dessa crise. Portanto, criticar o darwinismo também era uma maneira de criticar a diminuição do poder da Igreja sobre a organização política do Estado.

Apresentar o darwinismo em um espaço como o das Conferências era estratégico, por se caracterizar como um importante lugar de sociabilidade e que repercutia diretamente

nos jornais. Formar uma opinião pública a respeito das idéias darwinistas era o objetivo de alguns dos oradores das Conferências da Glória e de parte da imprensa, uma vez que, conforme já foi indicado no capítulo anterior, esses eram espaços de formação de opinião pública. Difundir a teoria de Darwin era fundamental, pois ela era científica, moderna e originária da Europa, um local civilizado, onde já estava sendo discutida, portanto, deveria sê-lo aqui também, já que o modelo de civilização seguido pelo Brasil era o europeu.

O MULATO E O DARWINISMO

O objetivo deste capítulo é compreender como as discussões acerca do darwinismo, presentes nas Conferências Populares da Glória e nos periódicos aqui estudados na década de 1870 no Rio de Janeiro, proporcionaram a condição para que um determinado público leitor, qual seja a camada letrada, ao ler o romance *O mulato*, de Aluísio Azevedo, em 1881, percebesse os argumentos de cunho darwinistas utilizados pelo autor. Escolhi esta obra porque foi nela que pela primeira vez o darwinismo apareceu no campo literário, nas construções do enredo e das personagens. Cabe destacar que na década 1870 os debates, ocorridos nesses espaços públicos, acabavam também por formar uma dada opinião pública a respeito do darwinismo. Neste sentido, *O mulato* também foi um modo de constituição dessa opinião pública sobre o tema.

Aluísio Azevedo – literato e jornalista

A apropriação e reordenação de determinadas noções de ciência nas obras dos escritores de fins do século XIX é reconhecida tanto pela historiografia quanto pela crítica literária.¹ Para Massuad Moisés, o papel que ela tem nas obras de Aluísio Azevedo, especialmente em *O mulato*, não é significativo, pois o romance está apenas marcado por questões de cunho estético:

¹ Cf. VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: Edusp, 1988. CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. LIMA, Luiz Costa. *A crítica literária na cultura brasileira do século XIX*. In: *Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

Frisemos, sua visão das coisas não é *política*, mas *estética*. Não cremos acertado acreditar em *intenções* ou *propósitos* não artísticos na obra de Aluísio. Estamos convencidos de que seu valor como romancista, além das qualidades que aqui não é oportuno lembrar, decorre precisamente dessa cisão artística da realidade, em momento nenhum subordinada a propósito de outra ordem.²

Segundo Moisés, não há outro intuito no trabalho do romancista senão a pura arte, desvinculada da realidade. Em outra direção, Alfredo Bosi afirma:

O mérito do narrador que saiu de *O mulato* estaria em saber aplicar a outros ambientes o dom de observação de que fizera prova. Aí estão o valor e o limite de Aluísio: o poder de fixar conjuntos humanos como a casa de pensão e o cortiço dos romances homônimos constitui o seu legado para a ficção brasileira de costumes; é pena que o peso das teorias darwinistas o tenha impedido de manejar com a mesma destreza as personagens e enredos, deixando uns e outros na dependência de esquemas canhestros.³

Bosi argumenta que a produção de Aluísio Azevedo estava comprometida com a descrição da realidade, observada por ele como em uma pesquisa de campo. Entretanto, para o crítico literário, o uso da teoria darwinista acarreta uma perda da qualidade literária.

Jean-Yves Mérian assevera que mesmo não tendo lido os teóricos positivistas, darwinistas e naturalistas, Aluísio Azevedo teve contato com essas idéias por meio dos debates ocorridos nos jornais, uma vez que como literato conhecia e atuava nas discussões ocorridas na imprensa da época.⁴ Neste sentido, o autor assinala:

Aluísio Azevedo já havia iniciado os estudos dos filósofos em voga quando de seu retorno para São Luís do Maranhão, em 1878, já conhecia,

² MOISÉS, Massuad. Alguns aspectos da obra de Aluísio Azevedo. *Revista do livro*. Rio de Janeiro: MEC, INL, n. 16, dez. 1959.

³ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 211.

⁴ Segundo Jean-Yves Mérian os periódicos de São Luís, cidade natal de Aluísio Azevedo, editavam trechos de algumas obras da ciência contemporânea: “Por outro lado, as idéias de Darwin também eram difundidas e a partir de 19 de agosto de 1880, ‘O País’ começou a publicar escritos do fundador da filosofia evolucionista, Herbert Spencer”. MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo, vida e obra: (1857-1913)*. O verdadeiro Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo Banco Sudameris – Brasil; Brasília: INL, 1988, p. 157.

sem dúvida, tanto sobre Comte, Darwin, Spencer quanto seu amigo Raimundo Capela, cônsul de Portugal [...] ⁵

Mérian destaca 1878 por ser o ano em que Aluísio Azevedo retornou para São Luís, em virtude do falecimento de seu pai. Em 1875 ele havia se mudado para o Rio de Janeiro no intuito de aprofundar seus conhecimentos nas técnicas de pintura, visto que, desde seus primeiros anos de juventude, almejava ser pintor. Aluísio Azevedo integrava a elite branca maranhense, pois era filho dos portugueses Emília Amália Pinto de Magalhães e David Gonçalves de Azevedo, “estimado e respeitado” comerciante que, em 1859, tornou-se vice-cônsul do governo de Portugal no Brasil. ⁶ Entretanto, não teve condições financeiras de aprofundar seus estudos acadêmicos e artísticos. Sua transferência para a capital do Império, em 1876, foi incentivada por seu irmão Arthur Azevedo, que lá trabalhava e era conhecido teatrólogo e jornalista. ⁷ Em certa medida, havia uma espécie de paralelismo: o Rio de Janeiro estava para São Luís, como Paris para o Rio de Janeiro, mas a “cidade-luz” estava sintetizada em Paris.

Nos dois anos de sua primeira estada na Corte colaborou como caricaturista nos seguintes jornais: *O Mequetrefe*, *O Figaro*, *A Comedia Popular*, nos quais abordou muitos temas discutidos naquele momento. ⁸ Alguns assuntos tratados nestes periódicos, bem como na imprensa carioca como um todo, ajudaram Aluísio Azevedo a compor seus futuros romances. Por exemplo, o acontecimento conhecido como “questão Capistrano”, de 1878,

⁵ Ibidem, p. 199.

⁶ De acordo com Mérian, a importância local de David Gonçalves de Azevedo advinha do fato de ele ter chefiado tropas portuguesas quando da Revolta da Balaiada. MÉRIAN, Jean-Yves. op. cit., p. 27.

⁷ Cf. MENCARELLI, Fernando Antonio. *Cena aberta: a absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999.

⁸ Em *O Figaro*, Aluísio Azevedo ilustrou quatro números, deixando a gazeta em 5 de agosto de 1876. De março a setembro de 1877 fez ilustrações para *O Mequetrefe*. Entre abril e junho de 1878 trabalhou para *A Comedia Popular*. Cf. MÉRIAN, Jean-Yves. op. cit.

no qual o jovem paranaense João Capistrano, estudante da Escola Politécnica, hospedado na casa de seu amigo Antônio Alexandre Pereira, teria seduzido a irmã deste rapaz que, por sua vez, acabou assassinando Capistrano.⁹ Este evento, que chocou a cidade e foi discutido na imprensa, serviu de enredo para *Casa de Pensão* de 1884.

Aluísio Azevedo fez uso da imprensa para constituir uma opinião pública que compartilhasse de seus idéias. Em *O Mequetrefe*, dispensou críticas ao imperador e à monarquia, retratados como decadentes e exploradores do povo. Em contrapartida, enalteceu a república e o positivismo de Auguste Comte que, segundo ele, deveriam servir de base política para os países. A sociedade também foi objeto da sátira do caricaturista, sendo os portugueses os primeiros alvos, tema que seria retomado nos romances *O mulato* e *O cortiço* de 1881 e 1890, respectivamente.¹⁰

A seca no Nordeste e a questão religiosa foram dois assuntos debatidos pela imprensa na década de 1870 e também registrados nas ilustrações de Aluísio Azevedo, que denunciou o desvio de verbas arrecadadas para ajudar as vítimas da seca, traçando um paralelo entre a ruína da região e a riqueza do clero. Embora só tenha acompanhado a celeuma entre clericais e anticlericais no Maranhão, no período que trabalhou nas gazetas satíricas cariocas não deixou de expor sua oposição à Igreja Católica. Assunto abordado em também *O mulato*. Contra a instituição católica escreveu, em 1877, o poema “A missa”, publicado em *O Mequetrefe*. Sobre isto, Mérian comenta:

[em *O mulato*] Aluísio Azevedo critica a instituição da Igreja sob todos seus aspectos, denunciando a falsa moral e a hipocrisia das práticas religiosas; sendo contra a credulidade, o obscurantismo e o fanatismo,

⁹ Conforme evidenciou Mérian: “O caso abalou os amigos de João Capistrano e emocionou a cidade inteira. Mais de duas mil pessoas, principalmente alunos da Escola Politécnica, acompanharam o enterro. Saldanha Marinho e Duque-Estrada Teixeira em pessoa compareceram também à cerimônia.”. *Ibidem*, p. 102.

¹⁰ *Ibidem*, p. 109-115.

adere à filosofia positivista e enaltece a Instrução, a Ciência, o Progresso e a Higiene.¹¹

O objetivo de Aluísio Azevedo era fazer uma crítica à Igreja Católica, por meio da denúncia das mazelas que envolviam a instituição.

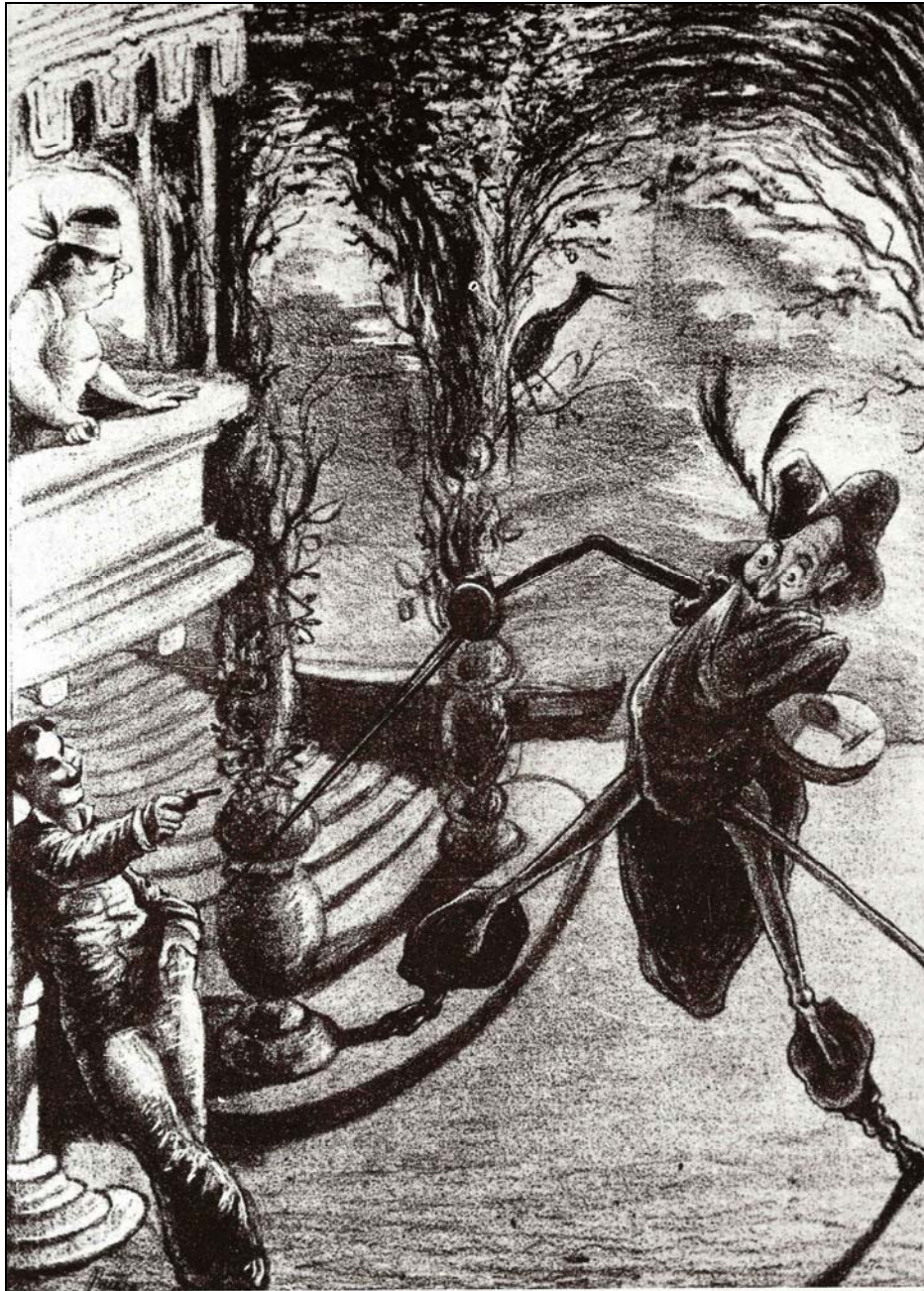
Em 1878 instalou-se na imprensa carioca, especificamente nos jornais *O Cruzeiro* e *Gazeta de Notícias*, uma nova polêmica literária, na qual favoráveis e contrários ao realismo debateram suas idéias. A partir de fevereiro, a *Gazeta de Notícias* publicou na seção “Cartas Portuguesas”, composta por textos do português Ramalho Ortigão, uma série de artigos em que expunha a sua apreciação positiva à obra *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, recém-lançado em Lisboa.¹² O romance foi publicado no Brasil poucos dias após a primeira matéria de Ramalho Ortigão. Recebeu duras críticas de Machado de Assis, editadas em *O Cruzeiro*, que classificou Eça de Queirós como discípulo de Emile Zola, e insinuou que em *O crime do padre Amaro* o literato português havia imitado o romance *La faute de l'abbé Mouret* do escritor francês.¹³

Os debates via periódicos continuaram, e Aluísio de Azevedo não se manteve distante. Em *A Comedia Popular*, ilustrou uma luta entre o romantismo e o realismo, representados, respectivamente, por D. Juan e Basílio. Nesta disputa a vitória foi da nova tendência estética, pois Basílio, retratado de forma tranqüila, porta um revólver e D. Juan, nitidamente desesperado, uma espada, sugerindo que não haveria chances para o triunfo do romantismo. Destaco esta celeuma para mostrar que Aluísio Azevedo estava a par da literatura e das discussões ocorridas nos jornais na época.

¹¹ Ibidem, p. 119.

¹² Ibidem, p. 126.

¹³ SODRÉ, Nelson Werneck. *O naturalismo no Brasil*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992, p. 173.



“O lívido D. Juan e o pálido Basílio, em fervoroso idílio, arrancam o revólver e a durindana fria à sombra do balcão de Elvira – a Poesia.”¹⁴

Sua participação ativa na imprensa carioca leva a crer que, neste período, se não assistiu às Conferências Populares da Glória provavelmente acompanhou-as por meio das

¹⁴ *A Comedia Popular*, 05/04/1878. Apud MÉRIAN, Jean-Yves. op. cit., p. 135.

discussões publicadas nos periódicos, uma vez que este espaço se consagrou como construtor de opinião pública. Com relação às preleções que tiveram o darwinismo como temática, ocorridas em 1875, é plausível supor que ele obteve conhecimento das mesmas, pois os grandes jornais do Rio de Janeiro também circulavam em São Luís.¹⁵ Segundo Mérian, é provável que o escritor maranhense tivesse participado da imprensa de São Luís antes de 1876.¹⁶ Mesmo que Aluísio Azevedo não tivesse tido esse contato com os debates acerca do darwinismo em 1875, é verossímil pressupor que ao chegar à Corte, em 1876, Artur Azevedo, que já escrevia para imprensa, ou talvez um amigo, tivesse tecido comentários a respeito das conferências que trataram deste tema. Faço tal conjectura porque, nestes dois anos em que residiu no Rio de Janeiro, Aluísio Azevedo criou laços de amizade com literatos e jornalistas, conforme afirma Mérian:

Aluísio havia adquirido em São Luís do Maranhão algum conhecimento das idéias positivistas e republicanas. Havia avaliado os excessos causados pela escravidão. Pensamos que no convívio com esses homens [Teixeira Mendes, Lopes Trovão e José Patrocínio], ele aprofundou seu conhecimento da filosofia positivista e fortaleceu suas convicções abolicionistas e republicanas.¹⁷

Entre 1878 e 1881, quando publicou *O mulato*, Aluísio Azevedo participou da imprensa maranhense como jornalista. Escreveu em *O Pensador*, lançado em 1880, periódico trimestral, de caráter anticlerical, e que se intitulava “órgão dos interesses da

¹⁵A fim de marcar a presença de jornais de outras províncias na capital maranhense, Mérian destaca que, quando do debate ocorrido a respeito da questão religiosa, os jornais de São Luís “[...] acompanhavam fielmente a evolução do conflito, reproduzindo as matérias publicadas nos principais jornais do Rio de Janeiro, Recife e Belém.” Ibidem, p. 80.

¹⁶“No seu panorama sobre o naturalismo no Brasil, Aderbal de Carvalho declarou que Aluísio Azevedo começara a escrever nos jornais de São Luís com 16 ou 17 anos. Não encontramos nenhum vestígio destes escritos nos jornais de São Luís; no entanto, acreditamos que Aluísio não se manteve alheio aos grandes debates que faziam as manchetes dos jornais. Aquele que seria um dos principais atores do conflito entre clericais e anticlericais em 1880 e 1881, estava numa posição tal que não poderia ter permanecido indiferente na época da ‘questão dos bispos’. [...] Por outro lado, a partir de maio de 1872, até sua saída para o Rio de Janeiro, por volta do final de maio de 1873, Artur Azevedo dirigiu o semanário ‘O Domingo’ que consagrou numerosas crônicas à ‘questão dos bispos’.” Ibidem, p. 88.

¹⁷ Ibidem, p. 96.

sociedade moderna”;¹⁸ e em *A Pacotilha*, gazeta diária, criada neste mesmo ano por seus cunhados, Libânio Vale e Vítor Lobato. Colaborou em menor escala em *O Diário do Maranhão*, *A Flecha*, e *O Paiz*, sendo que na tipografia deste publicou *O mulato*, o que indica que o periódico era simpatizante das idéias expostas na obra.

Os literatos do período tinham para si, que era sua atribuição constituir um projeto de nação e, para isso, era necessário se pensar qual seria o modelo de nação a ser construído. No entanto, não havia homogeneidade a respeito de qual projeto de nação deveria ser adotado, o que muitas vezes causava grandes discussões e polêmicas.¹⁹ Assim como outros literatos do período, Aluísio Azevedo foi engajado. Seus romances, escritos e caricaturas apresentavam o seu posicionamento político a respeito dos problemas sociais – as moradias populares, os males da escravidão, a situação do negro e do mulato na sociedade, a decadência do regime monárquico.²⁰

Para tal, esses homens de letras estavam atentos aos acontecimentos e às idéias discutidos no Brasil e, em especial, na Europa. No jornal maranhense *O Pensador* de 20 de outubro de 1880, Aluísio Azevedo escreveu uma crônica criticando o livro de Frederico José Correia,²¹ que condenava os abusos do uso e incorporação de termos franceses pela língua portuguesa. A resposta a essa crônica veio pelas mãos de Frederico Mauriz e

¹⁸ MONTELLO, Josué. *Aluísio Azevedo e polêmica d’“O mulato”*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1975, p. 5.

¹⁹ Para Leonardo Pereira: “Ser literato, nesse contexto, não era simplesmente escrever versos; mais do que isso, a literatura era vista como o campo privilegiado de construção do passado, do presente e, principalmente do futuro.” PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004, p. 33.

²⁰ Com relação a este engajamento, Nicolau Sevcenko destaca que: “A palavra de ordem da “geração modernista de 1870” era condenar a sociedade “fossilizada” do Império e pregar as grandes reformas redentoras: “a abolição”, “a república”, “a democracia”. O engajamento se torna a condição ética do homem de letras.” SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 97.

²¹ O título da obra era: *Novo glossário das palavras e frases viciosas introduzidas no português e de outras que a necessidade reclama*. MONTELLO, Josué. op. cit. 1975, p. 87.

Antônio Pacífico, publicada quatro dias depois em *O Paiz*. A réplica de Aluísio foi impressa em *O Pensador*:

Porque dizes elegantemente que nós desejávamos *condenar o Brasil* a uma *eterna imitação, jungindo-o ao carro triunfal da França*, quando o que nós dissemos foi que éramos, à força de circunstâncias, arrebatados, malgrado nosso patriotismo e nossa dignidade nacional, pela corrente elétrica de idéias, que jorra da França.²²

Por meio dessa pequena polêmica é possível situar Aluísio Azevedo como conhecedor e integrante dessas discussões em voga na Europa, evidenciando que estava em sintonia com os novos acontecimentos e idéias do período. Cabe lembrar que, o modelo europeu era visto pelas elites letradas brasileiras em geral como o ideal a ser seguido, aquele que traria o progresso e a civilização ao país.²³

Essa função de pensar o futuro do país, que os literatos se autodelegavam, era reforçada pela posição de relevo que ocupavam na sociedade. A esse respeito, Leonardo Affonso de Miranda Pereira resume:

Eles alcançavam, no período, um prestígio social que conferia uma grande visibilidade para suas aspirações e experiências particulares. Andando pelas ruas do Rio de Janeiro dos últimos anos do Império eram freqüentemente abordados por transeuntes, que corriam em busca de um cartão-postal no qual pudessem registrar, com a assinatura do abordado, o momento do encontro.²⁴

²² *O Pensador*, 30/10/1880. Grifos do original. Apud MONTELLO, Josué. op. cit. 1975, p.92.

²³ Cf.: SEVCENKO, Nicolau. op. cit.

²⁴ PEREIRA, Leonardo A. de M. op. cit., p. 34.

O mulato

A despeito do prestígio que os literatos possuíam, era muito difícil viver apenas de literatura no Brasil dos oitocentos, a maioria trabalhava como jornalista e/ou possuía um cargo burocrático no Estado.²⁵ Aluísio Azevedo foi um dos poucos homens de letras que conseguiu viver com sua produção, basicamente conciliou a carreira de escritor romancista e de peças teatrais, com suas contribuições à imprensa.²⁶ Com relação aos romances, publicou muitos sob a forma de folhetim. Segundo Marlise Meyer, para o escritor maranhense tais tipos de obras eram uma forma menor de literatura, pois tinham por finalidade agradar o público, diferente do livro, que mirava a crítica.²⁷

Neste sentido, cabe marcar que, *O mulato* não foi um romance folhetinesco. O livro foi lançado em 1881, primeiro em São Luis e posteriormente no Rio de Janeiro. Entretanto, a edição que tem sido impressa e reeditada nos dias atuais é a de 1889, publicada pela B. L. Garnier.²⁸ Embora no prefácio da terceira edição Aluísio Azevedo tenha dito que fizera poucas alterações, visto que o enredo central fora mantido, ao confrontar os textos de 1881 e de 1889 pude observar significativas modificações.²⁹ Neste sentido, concordo com o estudo biográfico feito por Mérian que assinala tais diferenças. Vale lembrar que, Josué

²⁵ MÉRIAN, Jean-Yves. op. cit.

²⁶ Com relação à profissão de escritor no Brasil, Aluísio Azevedo professou a seguinte frase a Coelho Neto: “É melhor ser calceteiro ou condutor de bonde do que homem de letras em um país como este”. NETO, Coelho. *A conquista*. p. 41-21. Apud. SEVCENKO, Nicolau. op. cit., p. 114.

²⁷ MEYER, Marlise. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 306.

²⁸ A publicação de 1889 é a terceira edição do romance, sendo a segunda em língua portuguesa, uma vez que entre 1881 e 1889 ele fora traduzido para o francês e impresso, sob a forma de folhetim, no semanário *La France*, lançado no começo de 1885 na Corte. MÉRIAN, Jean-Yves. op. cit., 225.

²⁹ “Aluísio não se contentou em corrigir parcialmente as datas; a comparação dos textos mostra-nos que ele modificou seu romance página por página, a fim de extirpar os aspectos mais românticos do estilo da edição de 1881. Esta reescritura pode também atingir a construção de uma frase, um adjetivo, mas pode igualmente transformar completamente a apresentação de uma cena, a composição de um retrato ou a descrição de uma paisagem.” Ibidem, p. 244.

Montello, outro estudioso do escritor maranhense, talvez por seguir o prefácio, considera singelas as modificações.³⁰

A fim de ilustrar essas alterações, destaco que Manoel Pescada ao negar a mão de sua filha a Raimundo, na edição de 1881, utilizou como desculpa os possíveis descendentes do casal, argumento que foi extraído da edição de 1889. Portanto, para compreender como as Conferências da Glória e a imprensa envolvida no debate proporcionaram ao público leitor carioca, em 1881, perceber na obra preceitos darwinistas, utilizarei para a minha análise a primeira edição de *O mulato*. Considero importante ressaltar este ponto, pois o público que leu esta edição de 1881, era aquele que havia acompanhado as discussões acerca do darwinismo na década de 1870, quando as Conferências e a imprensa estavam formando uma opinião pública a respeito do tema.

A trama do romance se passa em São Luís, na província do Maranhão, entre os anos de 1830 e 1880. O livro conta a história de Raimundo, um mulato que não sabia que o era. Forro à pia batismal, era fruto da relação bastarda do português contrabandista de escravos e proprietário de terras, José da Silva, com sua escrava, Domingas, que recebeu alforria quando deu à luz ao seu filho. Mantendo a amante e o filho, José da Silva casou-se com Quitéria, viúva, brasileira rica, para quem escravo não era humano. Ao descobrir o romance do marido com a ex-cativa, castigou-a brutalmente. Em consequência, o português levou Raimundo para morar com o seu irmão, Manoel Pescada, até ter idade para ir estudar em Lisboa.

Ao retornar da casa do irmão, José da Silva deparou com um homem no quarto de sua esposa. Entrou e encontrou Quitéria e seu amante – o padre Diogo. Dominado pela

³⁰ MONTELLO, Josué. op. cit. 1975.

raiva atirou-se contra a mulher e acabou matando-a. Com isso, após uma pequena discussão, o padre Diogo se comprometeu a guardar segredo sobre o assassinato na condição de que o marido traído não contasse a ninguém sobre o seu ilícito romance.

Pouco tempo depois, a caminho de sua fazenda, chamada São Brás, José da Silva foi morto em uma emboscada armada pelo padre Diogo. Após este fato, todos abandonaram a propriedade, ficando apenas Domingas, que passou a ser considerada como louca pelos habitantes da região.

Com o falecimento de seu pai, ainda quando pequeno, Raimundo foi enviado para Portugal. Lá teve educação de primeira, cursou direito em Coimbra, viajou por vários países, conheceu as ciências e, em especial, o positivismo de Auguste Comte. Em nenhum momento suspeitou ser mulato, porém, as indagações acerca de sua origem sempre se fizeram presentes. Aos 26 anos resolveu voltar ao Brasil. Chegou ao Rio de Janeiro, ficou um tempo na cidade, e de lá partiu à São Luís para vender algumas propriedades suas.

Na capital maranhense hospedou-se na casa de seu tio paterno, Manoel Pescada, que era um importante comerciante português, destacado na sociedade, representante da burguesia maranhense. Ele morava com a sogra, D. Maria Bárbara, sua filha, Ana Rosa, alguns caixeiros, portugueses e brasileiros, e escravos. Também freqüentava a casa o cônego Diogo, estimado e respeitado pela sociedade local e pela família, sendo, inclusive, padrinho da moça.

Manoel Pescada, influenciado pelos conselhos do cônego Diogo, almejava que sua filha se casasse com o seu caixeiro Luiz Dias. Ana Rosa, contudo, repudiava o rapaz. Relaxado com a aparência e pouco afeito ao banho, Dias era um jovem ambicioso, enxergava neste casamento uma oportunidade de ascensão social e econômica, uma vez que

Pescada havia lhe prometido sociedade comercial caso o enlace se realizasse, ou seja, para ambos o casamento era encarado como um negócio familiar e mercantil.

Todavia, Ana Rosa se apaixonou por Raimundo, que também cedeu aos encantos da prima. Decidiram se casar. Porém, a mão da jovem foi negada por Manoel Pescada, e a justificativa para tal estava no fato de ele ser mulato. Com isso, Raimundo descobriu sua verdadeira ascendência – era filho de Domingas, a negra que havia encontrado em São Brás quando da visita em suas terras. Indignado com a revelação e com a negativa, a partir deste momento, o rapaz percebeu o motivo pelo qual a elite branca de São Luís o tratava de maneira diferente, já que todos conheciam seus pais.

As origens de Raimundo não alteraram o sentimento de Ana Rosa, que desconhecia o passado dele. Com isso, apesar da proibição de todos – Manoel Pescada, D. Maria Bárbara e Diogo – os jovens decidiram fugir e se casar. Entretanto, o plano fracassou, pois, antes de o casal realizar a fuga, executando o plano arquitetado pelo cônego Diogo, Raimundo foi morto por Luiz Dias. O assassino nunca foi descoberto. Dois anos depois Ana Rosa casou-se com Dias, e se tornaram um destacado e estimado casal da sociedade branca maranhense.

Próximo ao lançamento de *O mulato*, em abril de 1881, em São Luís, *O Pensador*, jornal onde trabalhava Aluísio Azevedo, divulgou uma notícia na qual transpunha a personagem central da ficção para a realidade: “Acha-se entre nós o Dr. Raimundo José da Silva, distinto advogado que partilha de nossas idéias e propõe-se a bater os abusos da Igreja. – Consta-nos que há certo mistério na vinda deste cavalheiro”.³¹ Salientar que Raimundo seguia os mesmos valores políticos do periódico, sugeria aos leitores que

³¹ *O Pensador*, 10/03/1881. Apud MONTELLLO, Josué. op. cit. 1975, p. 27.

compactuavam das idéias da publicação o acolhimento do referido advogado. Ou seja, se tentava formar uma opinião pública favorável ao romance e ao ideário desenvolvido por ele.

No mês seguinte, *O Paiz* já anunciou a venda do romance: “Grande sucesso do dia! O Mulato. Romance de Aluísio Azevedo. Vende-se na redação do Pensador.”³² Para conseguir vender a obra, Aluísio investiu em propaganda, tanto em São Luís como no Rio de Janeiro. Mesmo antes da chegada do livro já se criara uma esfera de expectativa a respeito, que objetivava a venda, e a aceitação do livro.

A publicação do romance na capital maranhense foi acompanhada de grande polêmica devido às críticas formuladas à sociedade local, porque muitos se sentiram retratados.³³ Essa celeuma também ajudou a difusão da obra.³⁴

A divulgação de *O mulato* na Corte também foi favorecida pelas observações de Valentim Magalhães publicadas na *Gazeta da Tarde* de 1881. A pesquisadora Juliana Guesuelli Meirelles assevera que estas apreciações foram relevantes para a promoção de Aluísio Azevedo como escritor e para a propaganda do livro.³⁵ A autora argumenta que, por outro lado, Magalhães fez uso destas avaliações para a sua autopromoção como crítico literário, pois como cronista já havia alcançado respeitabilidade no meio literário carioca.

³² *O Paiz*, 09/04/1881. Apud MONTELLO, Josué. op. cit. 1975, p. 5.

³³ MONTELLO, Josué. Como Aluísio de fez romancista. *Histórias da vida literária*. Rio de Janeiro: Nosso Livro, 1944, p. 58.

³⁴ MÉRIAN, Jean-Yves. op. cit.

³⁵ MEIRELLES, Juliana Gesuelli. *Das margens ao centro: sobre a trajetória político-literária de Valentim Magalhães (1883-1885)*. Campinas, SP, 2001. Monografia (Graduação em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas.

Uma de suas estratégias era ser um dos primeiros a tecer comentários sobre as obras de escritores ainda não tão conhecidos do público e da crítica.³⁶

Ao anunciar a reedição de *O mulato*, o jornal carioca *O Correio do Povo* ressaltou que no Norte a primeira edição esgotara rapidamente, mas que no Rio de Janeiro o romance “[...] ficou apenas conhecido no âmbito restrito das classes letradas [...]”³⁷, o público só tivera acesso por meio da representação cênica de 1884. O que condiz com a composição do público leitor carioca detectada por Tânia Bessone Ferreira:

No final do século XIX [...] O círculo de leitores do Rio de Janeiro revelou-se bastante eclético na sua composição: dele participavam jornalistas, literatos, *bon vivants*, *flâneurs*, comerciantes, políticos e boêmios, além das categorias profissionais mais afeitas aos livros, com destaque para os advogados e médicos, que além de suas tarefas específicas, tinham um trato mais íntimo com bibliotecas.³⁸

Neste sentido, cabe destacar que essa camada letrada era a mesma que frequentou as Conferências Populares da Glória e acompanhou, pela imprensa, a polêmica produzida em decorrência das preleções que abordaram o darwinismo, na qual alguns acolheram e outros rejeitaram a nova teoria. Estava, de certa forma, já preparada para a recepção de um romance que apresentava preceitos darwinistas em seu enredo. De acordo com Mérian, muitos acolheram o romance vendo neste uma obra engajada na luta contra a escravidão, fazendo com que ela caísse nas graças dos abolicionistas, visto que o enredo mostrava os preconceitos sofridos pelo protagonista mulato e o modo cruel como os escravos eram tratados.³⁹

³⁶ Além da análise crítica de *O mulato*, Valentim Magalhães, em 1884, fez um estudo do livro *Casa de pensão*, também de Aluísio Azevedo. Ibidem.

³⁷ *O Correio do Povo*, 15/03/1890.

³⁸ FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999, p. 27.

³⁹ MÉRIAN, Jean-Yves. op. cit.

Quando do lançamento da primeira edição do romance no Rio de Janeiro, Urbano Duarte, em dois artigos publicados na *Gazeta da Tarde*,⁴⁰ dispensou elogios ao autor maranhense, principalmente no tocante ao caráter naturalista da obra e à influência de Zola. Contudo, rotulou Aluísio Azevedo de “impressionista”, pois a obra apresentava “borrões”, por exemplo, sobre o caráter de Raimundo que era “mais produto da imaginação que da razão”.⁴¹ Tais críticas foram fundamentadas no método de composição de um romance naturalista proposto por Zola em *O romance experimental*.

O crítico literário Araripe Júnior expressou sua opinião a respeito do livro na *Gazeta da Tarde* em 1881. Fundamentando sua análise da obra nos preceitos de Zola, para o crítico literário, Aluísio Azevedo estaria passando por uma metamorfose:

O novo romancista apresentou-se francamente como é: no período de transição, de lutas e vacilações. O seu livro, em que se encontra cenas admiráveis, pode-se dizer crisálida de uma obra realista. Nem lagarta nem borboleta.⁴²

Com relação às matrizes literárias que influenciaram o escritor maranhense, adquiridas no período em que esteve na Corte, ressaltou o naturalismo de Eça de Queirós. Além deste autor, Mérian argumenta que Aluísio Azevedo, antes de escrever *O mulato*, já conhecia também Zola, Honoré de Balzac e Gustave Flaubert, expoentes do naturalismo francês. Uma vez que *A Pacotilha*, jornal em que trabalhou, publicou Flaubert no final de 1880. Neste mesmo periódico, semanas após o lançamento de *O mulato*, o autor maranhense assumiu Zola como “mestre”.⁴³

⁴⁰ *Gazeta da Tarde*, 08/07/1881 e 16/09/1881.

⁴¹ *Gazeta da Tarde*, 08/07/1881.

⁴² *Gazeta da Tarde*, 05/11/1881.

⁴³ MÉRIAN, Jean-Yves. op. cit., p. 203.

Enfim, em 1881, *O mulato* teve um bom acolhimento na camada letrada da Corte devido tanto à divulgação feita nos jornais como à repercussão da crítica literária. O público leitor letrado, na década de 1870, havia acompanhado as discussões sobre o darwinismo nas Conferências da Glória e na imprensa. O conhecimento destas possibilitaram-no compreender as referências darwinistas presentes na obra, ou seja, a partilhar de uma argumentação sobre o tema.

Ciência em *O mulato*

Conhecedor dessas teorias de saber, Aluísio Azevedo fez uso delas para construir o enredo e as personagens em *O mulato*. O romance aborda temas polêmicos na sociedade brasileira da segunda metade do século XIX. Dentre eles, o anticlericalismo, o processo de racialização da humanidade, a escravidão, o republicanismo, e os costumes da sociedade, no caso a maranhense. Sobre as idéias baseadas nas teorias científicas que vigoravam naquele período, Mérian destaca que:

Encontramos neste romance as teorias de Darwin aplicadas à sociedade através dos problemas de adaptação ao meio, de rejeição do elemento perturbador e da eliminação daquele que se encontra numa relação de forças desfavorável. “O mulato” é também a ilustração das idéias desenvolvidas por Spencer sobre a sociedade, organismos em evolução, sobre a luta pela existência e o constante antagonismo entre as forças sociais.⁴⁴

⁴⁴ Ibidem, p. 275.

Tal opinião é compartilhada por Elizabeth Marchant, que vê no romance a tentativa de Aluísio Azevedo de observar o Brasil por meio da perspectiva da ciência ocidental e enquadrar a realidade social brasileira nas teorias provenientes da Europa.⁴⁵ Contudo, para a autora, ele aderiu apenas a alguns aspectos do determinismo científico. Por exemplo, utilizou o determinismo geográfico para marcar as alterações sofridas por algumas personagens portuguesas devido ao clima brasileiro, porém, desconsiderou o determinismo racial na descrição moral e intelectual de Raimundo.

Uma questão central em *O mulato* era o processo de racialização por meio do determinismo científico na vida de Raimundo, pois mesmo antes de descobrir que era mulato, todas as suas relações estavam pautadas pela sua ascendência e por ser forro à pia. A importância das origens havia sido discutida em dois espaços formadores de opinião, na tribuna da Glória e na imprensa uma década antes, nas preleções que abordaram o darwinismo e nos debates na imprensa.

A fim de marcar a hereditariedade de Raimundo, em sua descrição física foram destacados seus olhos azuis, que marcavam uma origem branca, a cor de sua pele e os formatos de sua frente e de seu nariz também mereceram atenção:

Raimundo era um bonito rapaz de vinte e seis anos, um **tipo verdadeiramente brasileiro se não fossem os grandes olhos azuis**, que puxara ao pai, tinha cabelos muito pretos, lustrosos e crespos, a tez morena, um pouco **amulatada, porém pálida e fina**, os dentes claros, que mais sobressaíam na negrura indiana do bigode, tinha a estatura alta e elegante, o pescoço largo, **o nariz direito e a frente espaçosa**. Porém o que mais impressionava de sua fisionomia, o que mais se prendia e fixava na memória de quem observasse, eram os seus grandes olhos azuis e sombrios, com a pupila muito negra, e cercados em forma de amêndoa pelas pestanas crespas; as pálpebras, esfumaçadas de violeta, tinham uma expressão sensual de tristeza e ternura; as sobranceiras, muito desenhadas no rosto, como a nanquim, faziam sobressair a frescura da

⁴⁵ MARCHANT, Elizabeth. Naturalism, race, and nationalism in Aluísio Azevedo's *O mulato*. *Hispania*. v. 8, n. 3, p. 445-453, sep. 2000.

epiderme; a barba, toda rapada, com um colorido azulado, dava ao rosto tons simpáticos de uma aquarela sobre papel de arroz.

Vestia-se com gosto e distinção, tinha os gestos e as palavras delicadas, convincentes; sua voz insinuava no ânimo de qualquer pessoa como um trecho musical do Guarani.

Raimundo vinha do Rio de Janeiro, era formado em direito, cultivara com sucesso as artes, a ciência, a literatura e a política. Nunca pensou bem em sua vida e em seus antepassados – para ele estava tudo no futuro.

— **O passado, dizia – era um cadáver completamente estéril** – não se transformava – extinguiu-se; o futuro, sim – era a vida, a utilidade. **E por isso pouco lhe importava o que tinha sido, onde tinha nascido.** Lembrava-se todavia de ter saído em pequeno do Brasil e afiançava nunca lhe ter faltado o necessário e até o supérfluo – Em Lisboa tinha ordem franca.

Quem seria esse bom anjo, que de longe o guiava e subsistia! – Certamente seu tutor ou seu tio, que seu pai, esse Raimundo sabia ter morrido antes de sua ida para Portugal, não porque o conhecesse, que se lembrasse de alguém chamá-lo filho – esse doce nome era para ele um vinho inteiramente desconhecido, mas sabia-o por intermédio de seu correspondente e por tirar conclusões de algumas reminiscências vagas da meninice. – **E sua mãe?... quem seria?** Alguma senhora culpada e receosa de mostrar sua vergonha; seria bonita? bem educada?... Raimundo se perdia nestas conjecturas, malgrado seu despreendimento pelo passado, e sentia uma atração irresistível arrastá-lo fatalmente para a pátria – Talvez viesse a descobrir o fio do enigma! e quem sabe? – **ter uma família!... como isso lhe seria agradável!** a ele, que sempre vivera só e sem uma afeição legítima e duradoura. Se eu viesse a conhecer minha mãe... Ah! perdoava-lhe tudo!...

Sentia necessidade de amar – precisava se dedicar com entusiasmo a alguém ou a alguma idéia – não tinha ainda feito uso dessa grande atividade de sentimentos bons ou maus que todo homem possui.

No entanto a história de Raimundo era sabida por todos que conheciam seus parentes no Maranhão.⁴⁶ (*OM*, p. 50-52)

Os olhos azuis não só assinalavam uma ascendência branca como indicavam que esta seria européia, pois se eles não tivessem essa cor, Raimundo seria um “tipo verdadeiramente brasileiro”. Ou seja, os olhos azuis eram o que o aproximavam de um homem europeu e, desta maneira, distanciando-o do que supostamente seria um tipo brasileiro – pele amulatada – ocorrendo aqui uma descrição orientada pela raça. As peles

⁴⁶ AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. São Luís: Typ. do Paiz, 1881. Para facilitar a leitura e a referência a esta obra, a partir de agora ela aparece como *OM* e vem seguida da numeração da página, inseridos logo após a citação. Todos os grifos em negrito foram feitos por mim, os outros são do autor.

brancas foram identificadas como finas, enquanto as mais escuras como grossas, pois embora a pele do protagonista fosse amulatada, ela era fina. Ressalto aqui que havia uma categorização de acordo com a cor da pele.⁴⁷

Possuir o “nariz direito” sugeria que este era semelhante ao típico nariz de um branco europeu. Destaco aqui a importância da descrição dos narizes no contexto científico do século XIX, no qual o formato e tamanho dos narizes assinalavam a inferioridade ou superioridade racial. Desde final do século XVIII media-se o “ângulo facial” e o “índice nasal”,⁴⁸ entretanto, foi nos oitocentos que estas mensurações foram utilizadas para se instituir uma graduação entre as raças humanas. Nesta classificação “Aos africanos coube a pecha de inferiores e feios porque seus narizes, considerados curto demais, aparentemente aproximava a sua fisionomia à dos primatas.”⁴⁹

A busca e as indagações do protagonista a respeito de seu passado, sua origem, marcaram toda a obra. Apesar de ter para si que o passado pouco lhe importava, os questionamentos sempre apareciam, como se houvesse uma necessidade extrema de conhecer a sua verdadeira procedência, para saber de fato quem era. Da mesma maneira, a importância do conhecimento do passado dos seres, para compreender a evolução dos mesmos e a situação atual em que se encontram, foi abordada por Miranda Azevedo em sua

⁴⁷ Célia Maria Marinho de Azevedo afirma que os dicionários do final do século XVIII ainda não se reportavam à cor da pele como indicativo de “pertencimento racial”, sendo, portanto, principalmente no século XIX que a cor da pele passaria a ser determinante para classificar a que raça o indivíduo estaria incluso. AZEVEDO, Célia Maria Marinho. Para além das relações raciais: por uma história do racismo. In: *Anti-racismo e seus paradoxos: reflexões sobre cota racial, raça e racismo*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 118.

⁴⁸ De acordo com Sander Gilman: “o índice nasal era linha que ligava a testa ao lábio superior por meio do nariz; [...] o ângulo facial era determinado pela ligação dessa linha com uma horizontal ligada na mandíbula.” GILMAN, Sander L. *Making the body beautiful: a cultural history of aesthetic surgery*. p. 85. Apud CHALHOUB, Sidney. Para que servem os narizes? Paternalismo, darwinismo social e ciência racial em Machado de Assis. In: CHALHOUB, Sidney et alii. *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. Cf. BLANCKERT, Claude. Lógicas da antropotécnica: mensuração do homem e bio-sociologia. *Revista Brasileira de História*. v. 21, n. 41, p. 145-156, 2001.

⁴⁹ CHALHOUB, Sidney. op. cit., p. 49.

preleção sobre embriologia. Portanto, em ambos os casos o viés interpretativo era o mesmo – descobrir as origens para compreender a atualidade.

Embora Raimundo não conhecesse sua verdadeira origem, ela era de conhecimento de todos em São Luís do Maranhão: “— Até lhe digo mais – ele nem precisa cá vir, porque, **continuou abaixando a voz – ninguém por cá ignora quem foi a mãe...**” (OM, p. 29). A atitude de abaixar o tom de voz para falar insinuou que, além do certo tom de fofoca, o assunto também não deveria ser abertamente comentado. Como se algo errado houvesse com a mãe de Raimundo, que pudesse condená-lo. O peso do determinismo hereditário era significativo, ou seja, o indivíduo teria sua vida marcada pelo conjunto de qualidades físicas e, neste caso também morais, que seriam transmitidas por seus genitores. Elaborar a argumentação desta maneira evidencia que um dos preceitos da teoria de Darwin, qual seja a hereditariedade, era marcante e definidor para a construção da personagem. A importância da hereditariedade na teoria de Darwin foi apresentada e evidenciada na esfera pública em 1875, na primeira conferência de Miranda Azevedo, quando ele sistematizou de forma sintética os principais pontos do darwinismo, sendo que o terceiro ponto elencado foi a transformação hereditária.⁵⁰

As relações estabelecidas com Raimundo na sociedade maranhense – a maneira como era tratado, os julgamentos prévios que faziam a seu respeito – foram norteadas pelo fato da personagem ser filho de uma negra. Sua ascendência não só era conhecida como também discutida na sociedade local:

Por outro lado Maria do Carmo dizia a Amância Souzellas – Pois é o que lhe digo, D. Amância – muito boa preta!... negra como este vestido! Cá está quem a conheceu!...

⁵⁰ A preleção foi proferida em 11 de abril de 1875 e tinha como título: “O darwinismo, seu passado, seu presente, seu futuro”.

E batia no peito descarnado – Muita vez a vi no relho! Iche!
— Ora quem *havera* de dizer!... exclamava a outra, fingindo ignorar da existência de Domingas – **Uma coisa assim só no Maranhão!...** Credo!
— É como lhe digo, minha rica! – **o sujeito foi forro à pia! Hoje está todo cheio de fumaças e de filáucias!...** (OM, p. 97)

Nesta conversa entre as personagens Amância e Maria do Carmo, o fato de Raimundo ser mestiço era motivo para indignação, mostrando que não viam a mestiçagem como benéfica. Enfatizar que isso só poderia acontecer no Maranhão indicava que lá era comum o nascimento de filhos de negras com brancos. Segundo o censo de 1872, dentre a população maranhense, 79,2% era composta por pretos e pardos, tanto livres como escravos. A quantidade de cativos representava 28,9% dos habitantes, sendo que destes a maioria foi classificada como pretos (69%). Já dentre os livres, 59,8% apareciam como pretos e pardos, porém, aqui a maioria era constituída de pardos (85% deste grupo). Com isso, os identificados como pardos ocupavam 48,1% da população da província;⁵¹ logo, a observação D. Amância sinalizava que essa alta porcentagem de mestiços era compreendida como problemática pela parcela branca da sociedade maranhense.

A ascendência escrava também foi apresentada como marcante na história da personagem central. Ter sido forro à pia sugere que Raimundo deveria levar consigo durante toda a sua vida o estigma de ter nascido escravo e, desta maneira, ser classificado como inferior à parcela branca da sociedade.

⁵¹ GOMES, Flávio dos Santos; CÔRTEZ, Giovana. Xavier da Conceição. Entre Cores e hierarquias inventadas: sobre taxonomias raciais e Literatura em São Luís (1865-1915). In: GOMES, Flávio dos Santos et alii. *Meandros da História*. Trabalho e Poder no Grão-Pará e no Maranhão. Belém, PA; Viçosa, MG: Unamaz, 2005. Acerca do recenseamento de 1872, Ivana Stolze Lima afirma que houve uma mudança na maneira de conceber e classificar a população, embora não desconsiderasse a cor da pele, ela agora estava ancorada em um conceito de raça dito científico. A classificação era feita segundo a raça do indivíduo, sendo que, ele seria enquadrado em uma das seguintes categorias: branco, preto, pardo e caboclo (composta por índios). LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

Flávio dos Santos Gomes e Giovana Xavier Côrtes apontam o preconceito sofrido por Raimundo como consequência essencialmente da sua condição de ex-escravo. Entretanto, penso que, além deste, outro problema central é o da questão racial. Saliento que, houve uma mescla de um determinismo biológico com um social, uma vez que Raimundo carregava as marcas da origem negra e as da escravidão. Concordo que o peso da herança escrava na vida de Raimundo era grande e, portanto, não pode ser desconsiderado. Porém, não compartilho por inteiro das conclusões dos autores com relação à sua não aceitação como advogado pela sociedade maranhense:

[...] o passado escravo (ignorado apenas por ele) o impedia de ser aceito como *branco* na sociedade brasileira. [...] Em última instância, o ser mestiço não impedia a aceitação do advogado, o que impossibilitava sua inserção como “igual” era a herança escrava.⁵²

Para Flávio Gomes e Giovana Côrtes, o que impedia Raimundo de ser reconhecido pela sociedade como advogado era a sua condição de ex-cativo. Neste ponto, considero que ser mestiço, filho de uma negra, era o argumento preponderante para a sua desqualificação. No diálogo abaixo, as personagens insinuaram que por ser mulato se tornaria menos crível ele ser advogado:

Em uma casa de família:
— Sabem?! passou por aí o Raimundo!
— Que Raimundo? pergunta um coro.
— **Aquele mulato que diz que é doutor** e está às sopas do Manoel Pescada! (*OM*, p. 138)

A frase “Aquele mulato que diz que é doutor” dava a entender que existia a possibilidade de ser dúbia a titulação de Raimundo, pois ser mulato já era um indicativo de

⁵² GOMES, Flávio dos S.; CÔRTEES, Giovana. X. da C. op. cit., p. 371 e 372.

que poderia estar mentindo, uma vez que ele era um ser híbrido, não puro. Observo aqui, que a raça aparecia como elemento definidor do caráter moral e da índole.

A ascendência negra de Raimundo era desconhecida por Ana Rosa, que o tratava da mesma maneira que aos outros da sociedade branca local. Havia uma tensão na relação entre Raimundo e a elite branca maranhense, que agia de maneira discriminatória. Aos poucos ele foi colocado à margem da vida social burguesa de São Luís, levando ao seu quase isolamento. Em sua segunda conferência, Miranda Azevedo destacou que a luta pela sobrevivência dos organismos poderia ser estendida aos homens, por exemplo, no caso dos índios brasileiros, que lutaram entre si e contra os europeus para sobreviverem. O mesmo mecanismo operacional pode ser feito na análise de Raimundo, que lutou para sobreviver socialmente em São Luís. Não só o tema do darwinismo era o mesmo já abordado nas Conferências Populares, mas também o modo interpretativo. Nesta luta pela sobrevivência social, o mulato foi o perdedor marcando, desta maneira, uma superioridade branca.

Meteu-se [Raimundo] em casa. Mas, apesar de o haverem prevenido de que o Maranhão era uma província muito hospitaleira, como de fato é, reparava, inteiramente despeitado, que sempre e por toda parte o **recebiam constrangidos** – não lhe chegava às mãos o mais simples convite de baile – paravam a conversação em certos pontos, quando ele se aproximava – tinham medo de falar em sua presença sobre assuntos comuns e inocentes; enfim, convencido de que era antipatizado em geral, sepultou-se em seu quarto e só saía quando algum de seus negócios o chamava com urgência à rua, ou simplesmente para ir à varanda dar um dedo de palestra à prima. (*OM*, p. 139-140)

Conhecer ou não a ascendência de Raimundo foi uma tônica que percorreu todo o romance, sinalizando a importância que isso teria para a sociedade do período. Muito já havia sido discutido sobre a origem do homem e dos seres na esfera pública na década de 1870, seja nas Conferências da Glória, seja na imprensa, e, portanto, a constante recorrência

a esse tema no romance pode não ser considerada uma repetição no enredo, mas sim uma maneira de reforçar a importância do tema.

Outro constrangimento ocorreu quando criança em Portugal, Raimundo era chamado de “macaquinho” pelos colegas da escola:

Raimundo envergou o uniforme da casa recebeu um número e frequentou as aulas. A princípio, sempre que estava só, chorava, tinha medo do escuro – a noite cosia-se com a parede, abraçado aos travesseiros, não gostava dos outros meninos, porque chamavam-no calouro, **macaquinho**. (OM, p. 78-79)

Além de não saber que era mulato, Raimundo também nunca suspeitara que poderia ser descendente de negros. Saliento isso porque no trecho acima seus companheiros de estudo, por meio de um apelido pejorativo e preconceituoso, insinuaram que ele teria ascendência negra.

Cabe destacar que o Brasil foi muitas vezes referenciado como um país de macacos devido à grande quantidade de negros e mulatos. Roberto Ventura ressalta que um dos que registrou essa impressão em suas correspondências foi o conde de Gobineau:

Gobineau revela o horror à população brasileira, que chama de ‘multidão de macacos’, composta de mulatos que apenas comprovariam suas idéias pessimistas sobre a degeneração dos mestiços e a decadência da civilização.⁵³

Acerca da analogia entre as imagens do negro e do macaco, Célia Azevedo assevera que as primeiras pesquisas antropológicas a esse respeito tiveram início em fins do século XVII, e serviram para consolidar a imagem do negro bestial no século XIX.⁵⁴

⁵³ VENTURA, Roberto. op. cit., p. 31.

⁵⁴ AZEVEDO, Célia M. M. de. op. cit. p. 119.

Vale lembrar que, a fim de criticar os simpatizantes do darwinismo, a aproximação entre o negro e o macaco foi feita em 1878, pelo *Jornal do Commercio*,⁵⁵ quando, por meio de uma lenda criacionista africana, os negros foram classificados como inferiores aos brancos e próximos aos macacos.

Afora essa, outras analogias entre negros e macacos foram feitas no romance. O trecho abaixo mostra os comentários da avó de Ana Rosa, quando esta se separou de Raimundo por conta da negativa do casamento:

Estas condições levavam Ana Rosa a falar às vezes menos amargamente de Raimundo, mas a avó salta-lhe logo em cima – Parece-me que ficaste meio sentida com o que se passou!... pois olha! – se tivesses de assistir o teu casamento com um **cabra**, juro-te, por esta luz que nos está alumando! preferia-te uma morte minha neta! porque serias a primeira que na tua família **sujava o sangue**.[...] E só peço a Deus que me mate, antes que venha ver, com estes olhos que a terra há de comer, meus **descendentes coçando a orelha com o pé!** (*OM*, p. 350)

Grande polêmica foi gerada em torno da ascendência símia do homem quando das conferências de Miranda Azevedo. *O Apostolo* marcou seu posicionamento como contrário a tal afirmação, e os outros jornais, algumas vezes em seu silêncio, outras mais explicitamente abordaram a questão de modo mais favorável. Portanto, o público da Corte que leu *O mulato* em 1881 já havia acompanhado essas discussões sobre este assunto e, provavelmente, ao ler o romance relacionou estas metáforas com o darwinismo.

A avó materna de Ana Rosa, D. Maria Bárbara, portuguesa de “sangue limpo”, queria que ela se casasse com um homem branco, pois caso contrário sua neta estaria “sujando o sangue” da família. Havia a idéia de que existia uma estirpe nobre de sangue que não poderia ser contaminada – uma tradição de sangue limpo, puro, não judeu. Para D.

⁵⁵ *Jornal do Commercio*, 04/11/1878.

Bárbara, o fruto de um casamento entre um negro e uma branca produziria filhos que seriam inferiores à linhagem branca, com isso, degenerados. O darwinismo fora apresentado desta maneira nas Conferências Populares da Glória, quando Miranda Azevedo discutiu a seleção militar. Para o conferencista, existiam indivíduos que deveriam procriar, pois gerariam bons descendentes, enquanto outros não deveriam, porque produziriam filhos degenerados.

D. Maria Bárbara, ao se referir a Raimundo, fez uso do termo “cabra”, que era utilizado para se referir aos mulatos; outra palavra que tinha o mesmo significado era bode. Ivana Stolze Lima ressalta que para designar “mulato” poderiam ser empregados os seguintes vocábulos: cabra, bode, moreno, pardo, e que a escolha determinava qual significação seria dada. Pardo era a maneira como a linguagem oficial se referia aos mulatos, por exemplo, na classificação dos censos. Bode e cabra tinham como origem uma preconceituosa metáfora portuguesa, que dizia que o odor exalado pelos negros era semelhante ao cheiro desagradável dos bodes não castrados. Entretanto, a autora salienta que tais termos poderiam ser usados como “afirmação de identidade”. Com relação ao termo moreno, ela afirma que “A diferença entre *moreno* e *bode* consistiria no fato de que o segundo termo é intencional, é um ato de escolha e não de atenuação.”⁵⁶

Quando Raimundo pediu Ana Rosa em casamento a seu pai, Manoel Pescada não concedeu. Então, o jovem questionou o motivo da negativa, foi quando descobriu que era mulato. Esta revelação provocou grande surpresa no protagonista:

Depois de algum silêncio, que valeu uma eternidade para Raimundo, Manoel disse resolutamente – É porque o senhor é mulato!
— **Mulato! eu?!...**
E Raimundo tornou-se lívido.

⁵⁶ LIMA, Ivana S. op. cit., p. 89.

— É verdade, infelizmente! disse Manoel em ar de confiança – Vê o senhor?! – não é por mim! Mas é pela sociedade! **é pelos descendentes!** é por tudo mais! – A família de minha mulher é muito escrupulosa a esse respeito, e como ela é todo o Maranhão! Concordo que seja uma asneira! concordo que seja um prejuízo tolo! mas o senhor não imagina a prevenção que há por cá com este negócio de cor! – nunca me perdoariam um tal casamento. Além disso para realizá-lo teria de quebrar a promessa que fiz à minha sogra de nunca casar Anica com o senhor! que aliás é muito digno, **mas que todos no Maranhão sabem que foi forro à pia!...** (OM, p. 322)

Descobrir que era mulato trouxe para Raimundo uma carga enorme de humilhação, que até então não havia tomado conta. Mulato era o termo utilizado para designar o filho do negro com o europeu. A origem etimológica da palavra data do século XVIII e mostra-se profundamente pejorativa – “*Mulato* vem de *mulo* (ou burro), isto é, o filho da égua com o jumento, ou de cavalo com jumenta (i.e., asno, jegue), conotando desta forma um ser híbrido e estéril”.⁵⁷

Uma das alegações que Manoel Pescada deu por ter negado a mão de sua filha estava fundamentada nos descendentes que o casal poderia ter. Na argumentação dele a miscigenação era compreendida como degenerativa, mas não em termos de sangue, como para D. Maria Bárbara, mas em termos sociais. O problema central estava na hereditariedade social, isto é, os filhos do casal carregariam todo o estigma de terem ascendência negra em uma sociedade pautada por preconceitos raciais. Outra justificativa que não pode ser desconsiderada era o fato de que todos no Maranhão sabiam que ele fora forro à pia, ou seja, era um ex-cativo, sinalizando para o peso da herança escrava.

⁵⁷ AZEVEDO, Célia M. M. de. op. cit., p. 118. Grifos da autora. Foi o médico Edward Long (1734-1813) que fez a analogia entre os mulatos e as mulas e difundiu a idéia desta suposta esterilidade. Neste sentido, Léon Poliakov assevera que “Long supunha a existência de duas espécies de mulatos estéreis, dos quais uns uniam os negros aos brancos, e outros, aos orangotangos; quanto a estes últimos, acrescentava ainda que, segundo sua opinião, não havia nenhuma desonra para as negras em ceder às acometidas amorosas dos orangotangos.” POLIAKOV, Léon. op. cit., p. 155.

Ser mulato era apreendido por Raimundo com um mal irremediável, algo contra o qual não podia lutar, visto que tudo estava demarcado por este fato, suas relações sociais e amorosas. Estava para sempre inscrito em seu corpo. Após descobrir que era mulato, tentou se afastar de Ana Rosa, porém ela não aceitou a perda de seu amor:

E soluçava [Ana Rosa], como uma criança magoada. Raimundo abraçou-se com ela e encheu-a de beijos – Não chores, meu bem, tens toda a razão! perdoa se eu fui grosseiro contigo e fiz por não te merecer – Mas o que querias?!... a gente também tem seu orgulho – a minha posição aqui era muito falsa. Acredita que ninguém te poderá amar mais do que eu te amo – Ah! mas se soubesses quanto custa ouvir do próprio pai da mulher que amamos – Não lhe dou minha filha, porque o senhor é mulato!... Se me dissesse – é por que é pobre! que diabo – eu trabalharia! Se me dissesse – é porque não tem uma posição social, juro-te que a conquistaria, fosse como fosse! – É porque é um infame! um ladrão! um miserável! – eu me comprometeria a apresentar o melhor modelo dos homens de bem! **Mas um mulato!... E como hei de transformar todo meu sangue – gota por gota?! – como hei de apagar minha história da memória de todos?** (OM, p. 395)

A força do determinismo hereditário era significativa, pois para tudo havia solução, exceto para a ascendência de Raimundo. O seu sangue trazia um conjunto de preconceitos estabelecidos contra os quais não poderia lutar, pois nascer mulato determinava as relações sociais que poderia ter.

Com a descoberta de sua origem, uma grande indignação invadiu a alma de Raimundo e, com ela, a explicação para muitos acontecimentos e comportamentos:

Raimundo, aborrecido, infeliz, sacudia a cabeça com desanimo vergado sobre o selim, sem dar uma palavra, perdido numa grande má vontade por tudo e por todos, **Naquela alma enérgica, leal, limpa, penetrou uma sombra de desanimo e raiva – sujou-a!** A idéia de suicídio, que até ali lhe parecera a ação mais ridícula, mais pulha, mais estéril, praticada pelo homem, acudia-lhe agora pronta à memória, como um beleguim depois de uma falência.

— Suicidar-me! eu?! gritou de dentro a consciência com orgulho – Não! porque não quero!

Uma revolução enorme operou-se no ânimo de Raimundo – as idéias iam e vinham e atiravam-se de encontro aos seus princípios sólidos de moral e de ciência, como no oceano a tempestade atira as vagas contra

rochedos. E, à flor das águas encapeladas, boiava, inchava, uma palavra enorme e estúpida como um defunto – **Mulato!**

Esta palavra crescia horrivelmente em sua imaginação, crescia como uma nuvem negra, que tapava todo seu passado – ela só formava uma idéia imensa, que alastrava como um parasita, até matar todas as idéias!

Esta palavra explicava todos os misteriozinhos, que a sociedade do Maranhão tinha para Raimundo, explicava tudo! – a frieza de certas famílias tolas a quem visitava; a conversa cortada no momento em que ele se aproximava; as reticências dos que falavam-lhe sobre o passado; a reserva e a cautela dos que conversavam com ele; os sustos de quem, por um descuido, discutia em sua presença questões de sangue; a razão porque D. Amância lhe oferecera um espelho e dissera-lhe – Ora mire-se! E até o motivo porque em sua presença chamavam de *meninos* os moleques de rua. Enfim aquela palavra vinha explicar tudo – deitar os pontos nos ii, vinha negar-lhe o bem estar em sua própria pátria – Porque ele era um mulato! Ora aí está!... Vinha dizer-lhe – Aqui, desgraçado, nesta terra em que nasceste! – **não podes amar senão uma negra!** sabes?! – tua mãe foi uma escrava! – **Mas a natureza não criara cativos! – fizeram-nos homens! fizeram esses desgraçados, que haviam de produzir outros mais desgraçados! – Peste de traficantes – raça maldita de especuladores!** (OM, p. 323-325)

Enquanto o protagonista se considerava um branco, as suas qualidades morais, a sua alma, era imaculada, porém, ao descobrir que era mulato, como que automaticamente, tudo mudou, sujou o seu caráter, todo o seu passado passou a ser desconsiderado. Como se o peso da hereditariedade, se sobrepusesse a todo o resto. O modo como a sociedade maranhense, que conhecia a sua origem, o tratava ficou explicado. Mostrando que as relações sociais eram pautadas pela cor da pele e pela ascendência da pessoa.

Sendo mulato, estava estabelecido que Raimundo só poderia se casar com uma negra, não poderia constituir uma família com uma moça de “sangue puro”. Contudo, a contradição estava em ele amar uma branca, descendente de português, de boa cepa, filha de boa tradição, católica e bem criada. Neste momento, o peso do determinismo hereditário foi questionado, e ele concluiu que o fator preponderante era a escravidão; isto é, ele não poderia se casar com Ana Rosa porque era filho de uma escrava, e não porque era mulato.

Vale ressaltar que Raimundo se referiu àqueles que praticaram o tráfico de escravos negros pelo Atlântico como uma “raça maldita de especuladores”. O termo raça aqui tem uma conotação que está relacionada ao primeiro sentido que o vocábulo teve, nos séculos XVI e XVII, significando espécie, em termos de descendência.⁵⁸ Neste momento, para Raimundo, a culpa de sua situação recaiu sobre a escravidão, como se ela fosse decisiva em suas relações, como se ela tivesse determinado o racismo que ele sofria.

É fundamental dizer que a primeira vez que Raimundo encontrou Domingas na fazenda São Brás, quando ainda não sabia que se tratava de sua mãe, a sua atitude foi de horror e desprezo:

A preta [Domingas] olhou para ele [Raimundo] e riu-se estupidamente.

— Não conhecestes o José da Silva?

A preta continuou a rir. Raimundo insistiu no seu interrogatório, sem obter resultado algum. De repente, a idiota deu um salto sobre ele, querendo abraçá-lo; Raimundo não tivera tempo de fugir e sentiu-se em contato com aquele corpo repugnante. Então, cheio de raiva, empurrou-a com força – a preta caiu para trás, estalando os ossos contra os tijolos do chão.

Raimundo saiu a correr para se reunir a Manoel, porém a preta pilhou-o no cemitério e atirou-se de novo a ele – Não me toques! Raimundo, furioso, levantando o chicote.

A preta não fez caso e atirou-se de novo a Raimundo, que, impaciente, frenético, levantou o braço e meteu-lhe duas lambadas.

A preta, estorcendo-se, segurou-o pelas pernas, Ele agarrou-o vigorosamente pelos braços e expeliu-a – nova queda, porém nova investidura.

Raimundo defendia-se a chicotadas, suado, tinha-lhe caído o chapéu – Diabo! não me toques! por que ficas retalhada! Que peste!

A preta não fazia caso e investia rindo-se idiotamente e dando-lhe com os pés.

Manoel acudira correndo – Não a bata, doutor – não a bata! Que estouvices!

— Mas se ela não me quer deixar – Sai! sai! olha que me obrigas a te bater!... Sai, diabo!

⁵⁸ Com relação à etimologia do termo raça, tendo como base o trabalho de Christian Delacampagne, Célia Maria Marinho de Azevedo assevera que não há equivalentes no grego e no latim. Foi na França que o vocábulo “race” apareceu no início do século XVI, e significava “sorte, espécie, no sentido de descendência”. Os franceses utilizaram a palavra raça, por exemplo, nas expressões: “raça boa”, “raça má”, “raça maldita”, “raça dos reis”. AZEVEDO, Célia Maria Marinho. op. cit., p. 118.

Manoel ficara surpreso e agoniado – Já! disse ele, intimando a doida – Já pra dentro!
A preta retirou-se humildemente.
Quem é esta preta? perguntou Raimundo, já tratando de montar.
— Esta preta, disse Manoel vagamente – esta preta foi uma escrava de seu pai. Vamos! (OM, p. 315-316)

Mesmo Raimundo não estava imune a toda compreensão de mundo, o que tornava o mecanismo mais perverso. Enquanto ele se concebia branco, a figura da negra esquelética lhe causava repúdio. Tratou Domingas com raiva, empurrou-a como se faz com um animal que ataca. Ao ter aquela imagem em sua frente, Raimundo procurou se distanciar dela, empurrando-a; como se tal visão perturbasse o seu universo. O tratamento dispensado à Domingas evidenciou que para Raimundo, aquela mulher negra era inferior a ele. Domingas foi animalizada, rebaixada ao máximo, é personagem mais desprezada e humilhada em todo o romance.

Sobre os descendentes de uma relação entre brancos e negros, merece destaque a conversa entre moradores de São Luís sobre Raimundo:

— Quem é aquele sujeito!!... Ó Brito!
— É o hospede do Manoel Pescada! respondia um Bento.
— O cujo, afirmava o Bento.
— Mas Brito, vem cá! disse o outro com grande mistério, como quem faz uma revelação importante – Ouvi dizer que é mulato!...
E a voz do Brito tinha o assombro de uma denúncia de crime.
— Que queres meu caro Bento?! são assim estes pomadas cá da terra! **quando não lhes fecundamos as mães e limpamo-lhes a raça, coçam sempre a orelha com o pé!**
— **Branquinho nacional!** Isto é o velho como a Sé de Braga!
— É genticinha com que eu embirro, ó Bento, como com o vento!
disse o Brito com uma troca e baldroca de v v e b b, que denunciava a sua genealogia – **galego pur sang**. (OM, p. 137-138)

Neste trecho, um português, Brito, expôs os seus preconceitos contra os negros e o mulatos. O português foi qualificado como um “galego *pur sang*”, ou seja, a linhagem lusa foi apresentada como uma nobreza de sangue puro – branco, europeu e cristão. Em outra

parte do romance, Gustavo de Villa Rica, caixeiro de Manoel Pescada, foi descrito como possuidor das “magníficas cores portuguesas, que o clima tropical do Maranhão não tinha conseguido destruir.” (OM, p. 36) Portanto, foi feita uma hierarquização do homem, na qual os portugueses estariam acima dos negros e dos mulatos.

O diálogo acima explicita a imagem que estas personagens tinham sobre a mestiçagem entre negros e brancos – encarada aqui como um benefício para os negros, já que o branco estaria prestando um favor ao diluir seu sangue, pretensamente, impuro. A teoria do branqueamento era marcante, pois a miscigenação se mostrou como uma maneira de distanciar os negros dos macacos. Neste sentido, o mulato seria o “branquinho nacional”, aquele que fora branqueado. Esta ênfase assinalava que no Brasil os mestiços que tinham a pele clara poderiam tentar se passar e se inserir na sociedade como brancos, mas sempre levariam as marcas de sua origem. Nesta escala racial, os negros foram classificados como mais próximos aos símios, visto que eles “coçavam sempre a orelha com o pé”.⁵⁹ Logo acima dos negros encontravam-se os mulatos, que, segundo a perspectiva da personagem, tiveram seu sangue purificado pelo branco. Acima de todos estavam os portugueses – brancos de sangue puro

As preleções darwinistas e o conseqüente debate na imprensa provocaram uma discussão fundamentada na suposta racialização da humanidade, conforme foi abordado no capítulo anterior. A questão da possível origem macaca do homem, e a proximidade dos

⁵⁹ Dos autores do século XIX que se dedicaram a detalhar a semelhança do negro com o macaco, Renato Ribeiro dá relevo a Abel Hovelacque que em *Lês débuts de l’humanité – L’homme primitif contemporain*, de 1881, “[...] chegou a abandonar completamente seu afiado senso crítico e qualquer prudência metodológica ao repetir os maiores absurdos, só porque escritos por colegas célebres como Darwin, Broca, Haeckel ou Topinard; como, por exemplo, que o grande artelho (o famoso dedão do pé), em indivíduos de certas etnias africanas, asiáticas e pré-colombianas, seria bem destacado e bem móvel, como o dos macacos, justamente porque os “selvagens” não tinham ainda adquirido a posição vertical perfeita e seus pés eram adaptados principalmente à atividade de subir em árvores!” SILVEIRA, Renato. Os selvagens e a massa: papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental. *Afro-Ásia*. n. 23, p. 87-144, 1999, p. 123.

negros com os símios foram temas abordados e que geraram grande polêmica. Em 1875, quando da polêmica acerca das conferências darwinistas, *O Globo* publicou um artigo intitulado “Antropologia. O homem e o macaco” no qual, da mesma maneira que no romance, fez uma hierarquização do homem. Esta tinha como parâmetros a origem geográfica e a cor da pele do indivíduo. Novamente, o mecanismo que operacionalizava o darwinismo era o mesmo em ambos os casos.

Os portugueses, entretanto, também foram retratados como atrasados:

Não cochilava [Sebastião Campos] com seus escravos – na roça era temido até pelo feitor. Muito devoto, cheio de escrúpulos e orgulhos de raça – estava sempre a dizer que o Brasil – teria ganhado muito se perdesse a guerra dos Guararapes – A nossa desgraça, rezava ele – era havermos caído nas mãos dos **portugueses! gente ronceira, sem progresso!** – Uns lesmas! resumia ele! (*OM*, p. 105)

Nesta leitura, se Portugal tivesse perdido o Brasil para a Holanda no século XVII, o país teria progredido mais. Ou seja, se os portugueses eram superiores aos negros e aos mulatos, eles, por sua vez, eram inferiores aos holandeses – mesmo entre os brancos europeus existia uma hierarquia.

Para a esposa do pai de Raimundo, D. Quitéria, a existência de negros já era considerada um problema:

Na capital os ânimos tinham acalmado; José prosperou rapidamente no Rosário, cercou a amante e o filho de cuidados, relacionou-se com a vizinhança, criou amizades e finalmente veio a casar pouco tempo depois com a Sra. D. Quitéria Inocência de Freitas Santiago, brasileira rica, de muita religião e escrúpulos de sangue, para quem um escravo não era um homem, e **ter a cor negra constituía por si só um crime.**

[...]

Quitéria casara-se com José da Silva por dois motivos simplesmente – **porque precisava de um homem e porque sabia que os portugueses são brancos.** (*OM*, p. 55-56)

O processo de racialização novamente se fez presente, pois o simples fato de os portugueses serem brancos já os colocavam como superiores a outros não brancos. Mais uma vez, foi destacado uma linhagem lusa nobre e superior. Neste ponto, estava presente a idéia de que existiam raças humanas e que estas estavam em diferentes níveis de evolução, apontando para uma interpretação determinista de cunho racista.

A classificação do ser humano em raças também foi assinalada no diálogo entre Manoel Pescada e o cônego Diogo, quando este ficou indignado ao saber que o pai de Raimundo, José da Silva, queria que ele se tornasse padre:

O cônego despertou:— Padre ?
— Era a vontade de José...
— Ora deixe-se disso, compadre! Disse o cônego levantando-se com ímpeto – Nós já temos por lá muito padre de cor.
— Mas compadre, venha cá! Não é isso...
— Ora o quê? homem de Deus! – É só ser padre! É só, ser padre!
E no fim de contas estão se vendo por aí todos os dias **superiores pretos como as nossas cozinheiras!** Então isto tem jeito? O governo! – e o cônego inchava a voz – o governo devia até tomar uma medida séria a esse respeito; proibir aos cabras certos misteres.
— Mas, compadre!...
— Que conheçam o seu lugar!...
E o cônego tinha uma grande indignação na voz e nos gestos – E então parece já de pirraça – é nascer um moleque nas condições deste...
E mostrava a carta, esmurrando-a – pode-se contar com um homem inteligente! **Deviam ser burros!** burros! que só prestassem para nos servir! canalhas!...
— Mas, compadre, você desta vez não tem razão!...
— Ora o quê, homem?... não diga asneiras! **Pois você queria ver a sua filha sendo confessada, casada por um negro?!** você queria compadre, que a D. Anica beijasse a mão de um filho de Domingas?! se ela tivesse a ter filhos queria que os seus netos apanhassem palmatoadas de um professor negro?! Ora, seu Manoel! você às vezes até me parece tolo. (OM, p. 30-31)

Cabe destacar que no decorrer de todo o romance, o cônego Diogo foi descrito como alguém perverso, sem escrúpulos e preconceituoso. Ele foi amante da esposa de José da Silva. Ao descobrir o caso amoroso, o pai de Raimundo assassinou a mulher. O crime

foi testemunhado pelo cônego, que, em troca de seu silêncio chantageou o assassino para que este não revelasse à sociedade sua vida ilícita. Entretanto, o cônego não confiou em José da Silva e, pouco tempo depois, matou-o. Diogo tornou-se amigo da família de Manoel Pescada, irmão de sua vítima, e exerceu, por meio da autoridade do discurso religioso, grande influência nas decisões de todos. Manipulou Luís Dias, caixeiro que queria desposar Ana Rosa, a fim de que assassinasse Raimundo e conseguisse realizar o casamento; porém, o motivo principal era para o cônego não correr o risco de que o jovem descobrisse os segredos de seu passado e seu horror ao negro.

O discurso da autoridade religiosa, representada na figura do cônego Diogo, foi apresentado como atrasado, malvado e racista. O anticlericalismo estava manifesto na medida em que qualidades negativas foram atribuídas ao cônego Diogo. Em contrapartida, a modernidade, o esclarecimento, a ciência e a civilização vinham representados na figura de Raimundo. Ele morou e estudou na Europa, era republicano, conhecedor da ciência e adepto do positivismo de Augusto Comte.⁶⁰ Esta oposição pode ser comparada com as discussões encabeçadas pelo *O Apostolo* acerca das conferências darwinistas na década de 1870. As preleções de Miranda Azevedo, suas assertivas sobre o papel da religião na demora da difusão da teoria de Darwin no Brasil, as críticas da folha católica fizeram com que o leitor carioca tivesse contato com esse tipo de discussão, que também era uma disputa pela autoridade da verdade. Da mesma forma, o cônego Diogo, representante da Igreja Católica, foi apresentado como preconceituoso e atrasado em comparação a Raimundo, que simbolizava o homem moderno e conhecedor da ciência.

⁶⁰ Ressalto que o discurso científico não era isento de preconceitos raciais, conforme adverte Léon Poliakov: “De fato, numerosos eram já nesta época [por volta de 1850] os autores, sobretudo na França, que percebiam nas raças uma explicação, seja parcial, seja mesmo global, do devir histórico, o que era uma forma de substituir a interpretação teológica por uma interpretação científica, ou substituir a Providência pela ‘fisiologia’”. POLIAKOV, Léon. op. cit., p. 207.

Aqui, mais uma vez, a racialização e a hereditariedade estiveram presentes, a genealogia foi retratada como determinante na vida da pessoa, visto que a sua inserção social devia estar delimitada pela sua origem biológica. Aplicações da teoria darwinista à sociedade foram feitas pelo cômico – por serem os negros considerados como inferiores, eles não poderiam ter acesso a posições de destaque social. A descrição moral do cômico Diogo expõe o anticlericalismo de Aluísio Azevedo, pois no romance ele era a figura que representava a Igreja Católica, uma analogia pode ser feita entre as vis qualidades do cômico e o posicionamento do romancista sobre a Igreja.

Entretanto, a despeito das críticas do cômico Diogo, muitos negros atingiram uma posição de destaque na sociedade, como mostra o diálogo ocorrido nas ruas de São Luís, que tinha como mote a presença de Raimundo:

É bem feito! É bem feito!... **vociferava um mulato bem vestido e muito mais escuro que Raimundo** – É muito bem feito, para não consentirem que estes negros se metam conosco!

Seguiu-se um comércio rápido de olhadelas significativas entre os circunstantes, e a conversa mudou logo de face **citaram-se fatos conhecidos sobre homens célebres de cor**; lembraram-se pessoas de consideração, que tinham um moreno bem suspeito; vieram a pelo todos os mulatos distintos do Brasil – contou-se enfaticamente a célebre passagem do Imperador como grande engenheiro Rebouças; um sujeito pedante nomeou *Dumas pae* e deu sua palavra de honra em como *Byron* tinha casta.

— Ora! isso não admira, disse um sujeito estúpido – porque aqui mesmo na província já houve um presidente bem escuro!...

— Não! disse convencido um velhote, que no comércio passava por ter boa opinião – Não! que eles têm habilidade, principalmente para a música – isso é inegável!

— Habilidade?! segredou outro, como mistério de quem diz uma coisa proibida – Talento! digo-lhe eu! – **Esta raça cruzada é a mais talentosa do Brasil – coitadinho dos brancos se ela pilha uma pouca de instrução e resolve fazer uma revolução – então é que vai tudo pelos ares!...** (OM, p. 352-353)

Vale evidenciar que a crítica feita a Raimundo também advinha de outro mulato, o que gerou um clima desagradável entre os outros membros da roda de conversa que, então,

resolveram citar negros de relevo na sociedade. Ao discutirem tais pessoas, destacaram o fato de os mestiços possuírem um talento musical muito grande. Aqui a miscigenação foi apresentada como positiva, pois iria gerar pessoas com talento musicalmente superior.

O elevado destaque social dos negros e mulatos também foi simbolizado na figura de Raimundo, que havia estudado na Europa e se dedicava muito aos conhecimentos científicos, em especial ao positivismo:

— E o senhor a dar-lhe! Repito-lhe, senhor Manoel – **o melhor meio de adorar a Deus é estudando a natureza e amando a humanidade** – Isto é a verdadeira filosofia de Cristo e a verdadeira religião cristã, porque estes dois preceitos encerram o que há de mais sublime e de mais proveitoso – a moral e a caridade! **porém a moral e a caridade práticas e não teorias, como ensinam os padres** – é a moral que ensina com o exemplo e aconselha com a experiência – a moral positiva! É a caridade que não estabelece gêneros diversos de miséria, nem se arroga o direito de castigar ou perdoar, e nem espera recompensa na vida eterna – porque ela se dirige ao homem e não a Deus! Não despreze o ladrão por ter roubado, nem a prostituta por se ter vendido! – não! socorra-os!... esses, mais que ninguém, precisam de quem lhes dê moral e caridade, porque esses miseráveis, condenados pelas nossas leis e por nossa igreja, são simples vítimas inconscientes da ignorância e má educação que receberam dos pais! (*OM*, p. 270-271)

Neste trecho o protagonista da história explicita ao seu tio suas crenças, que estão pautadas no conhecimento do positivismo. Sendo Raimundo um jovem descrito como extremamente educado, conhecedor das modernas teorias, não era de se estranhar que ele compactuasse com a filosofia de Comte. Ao expor suas idéias, ele as contrapôs com as pregadas pela Igreja Católica. Para ele, na ciência positiva a moral e a caridade não eram teorias, insinuando, desta forma, que os católicos só tinham esses valores no discurso.

Contudo, sua compreensão do positivismo era permeada por princípios darwinistas:

Manoel formalizou-se um pouco, porém o outro explicou logo com um ar mais sério – Eu aprecio a natureza, porque a acho bonita e boa, rendo-lhe o meu preito estudando-a por meio de observações e experimentações científicas – tratando de examinar e conhecer todas as

peças da grande máquina e habituando-me principalmente para ser útil à humanidade. Ora diga-me cá uma coisa!... o que acha o senhor mais louvável – servir à Deus, que, segundo dizem é todo poderoso e não precisa conseguintemente dos meus fracos préstimos, **ou servir uma parte desprovida da humanidade, que não tem o prestígio da parte forte** e precisa de alguém que se desvele por ela? Não lhe parece mais leal e desinteressada a segunda hipótese? Bem! calcule agora que se isto agrada ao senhor, quanto mais a Deus, que deve ser um espírito altamente justiceiro e reto, no caso que exista. (OM, p. 264-265)

Aqui não a sobrevivência, mas a felicidade dos mais fracos era determinada pela ação dos mais fortes. Associando a idéia positivista de que a felicidade da humanidade era a finalidade essencial, Raimundo assinalou a presença de uma leitura do darwinismo, na qual os mais aptos além de sobreviverem podiam ajudar os menos a também sobreviverem, neste caso a serem felizes. Com relação à composição dessa “parte desprovida da humanidade” que precisava de ajuda, não posso afirmar se seriam só os brancos, só os negros, ou ambos.

Mesmo como cativo, o negro era considerado como um transtorno. No trecho a seguir, Freitas, amigo da família de Manoel Pescada, narrou a Raimundo os problemas que se enfrentava a este respeito:

[...] – Conheço que são preciosos! conheço! mas é uma imoralidade. **As negras, principalmente as negras! – são umas muruchabas que um pai de família tem em casa, para dormir debaixo das redes das filhas!** e para contar-lhes histórias de namoros porcos!

E Freitas dizia verdades incontestáveis, já muito sabidas, citava fatos – Ainda outro dia, contava ele – apareceu em certa casa uma menina coberta de piolhos, que pegara da negra; sei de outro caso de uma escrava que contagiou impinges, dertos, e outras moléstias mais indecorosas, em casa das senhoras! E isto é o de menos! o pior é que elas contam às sinhazinhas tudo o que fazem pela rua! Ficam as pobres moças sujas de corpo e alma em companhia de semelhante gente! – Afianço-lhe, doutor, que se tenho pretos em casa é por não haver outro remédio! (OM, p. 98).

O simples convívio com as negras era apresentado como nocivo às brancas. A temática do escravo doméstico como um perigo às famílias brancas foi uma tônica na literatura brasileira da segunda metade do século XIX. Jean Marcel Carvalho França afirma que, nos romances urbanos deste período, os escravos eram apresentados como imprescindíveis, pois eles que realizavam todos os tipos serviços. Contudo, a presença do elemento servil no cotidiano das famílias era tida como prejudicial à harmonia do lar – expunham segredos familiares em espaços públicos, causavam intriga com a vizinhança, difundiam superstições e, acima de tudo, eram péssima influência às moças.⁶¹

Com relação às crendices difundidas pelas escravas negras, Raimundo adverte Manoel que isso poderia ser danoso à boa educação de uma moça, no caso, de Ana Rosa:

— Pois não! – o Senhor tem uma filha, não é verdade? Pois bem! logo que essa filha nasceu o senhor devia ter em vista prepará-la para vir a ser útil – devia desde o berço evitar-lhe a enervação e a miotilidade do organismo, por meio de uma boa educação - dar-lhe exercícios, alimentação regular, excelente música, estudos práticos e principalmente bons exemplos; depois evitar que ela fosse, como é de costume aqui, perder nos bailes o seu belo sono de criança e estragar o seu cérebro e o seu coração, quando mal se principiava a formar; **evitar rigorosamente o contato das pretas, que em geral são debochadas e supersticiosas** – não consentir que em sua casa se contasse a história do *Lobisomem*, do *Cavala-canga*, do *Caboclinho-currupira*, do *Preto-velho* que furta crianças, do clássico *Papão* e outros legendários tira-teimas, de que se servem as mães ignorantes para intimidar os filhos. Enfim **dar-lhe a bela educação moderna, que se baseia nas ciências positivas e tem por alvo a felicidade comum dos povos.** (OM, p. 268)

O contato da jovem branca com as escravas negras era concebido como pernicioso, uma vez que estas poderiam passar todas as suas crendices às brancas, que cresceriam

⁶¹ Este tipo de representação do escravo pode ser observado, por exemplo, nos seguintes romances: *O demônio familiar* (1857), de José de Alencar, e *As vítimas algozes* (1869) de Joaquim Manoel de Macedo. FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. O negro no romance urbano oitocentista. *Estudos Afro-Asiáticos*. n. 29, p. 97-112, dez. 1996. Para uma discussão mais detalhada acerca das representações do negro no imaginário das elites, conferir: AZEVEDO, Célia Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. São Paulo: Annablume, 2004.

supersticiosas, distanciando-se, assim, dos conhecimentos científicos. A ciência positiva era compreendida por Raimundo como meio de levar a felicidade aos povos. Este foi o mesmo mecanismo interpretativo de Miranda Azevedo, na década de 1870, quando afirmou serem desconsideradas pelos darwinistas as explicações sobrenaturais.

Embora as brancas sejam descritas como superiores às negras, elas foram retratadas como inferiores aos homens:

E via-se [Ana Rosa] dona-de-casa – com o molho de chaves na cintura – a ralhar, a zelar pelos interesses do casal. Cheia de obrigações – a evitar o que contrariasse o marido, a dar suas ordens para que ele encontrasse o jantar pronto, queria fazer-lhe todas as vontades, todos os caprichos – tornar-se passiva, **servi-lo como uma escrava amorosa**, dócil, fraca, que confessa sua fraqueza, seus medos, sua covardia, **satisfeita de se achar inferior a seu homem**, alegre por não poder dispensá-lo – E cismava, muito, muito, no marido! e esse marido aparecia-lhe sempre na imaginação sob a esbelta figura de Raimundo. (OM, p. 160-161)

A divisão da humanidade era tomada em termos da cor da pele e de gênero. O branco era superior ao negro, e o homem branco era superior à mulher branca. O fato de Ana Rosa querer servir Raimundo como uma “escrava amorosa” exemplificava isso e a rebaixava.

Todavia, não era qualquer homem que despertava nas mulheres o desejo de subserviência, apenas aqueles considerados como superiores. Vale destacar que, no momento deste devaneio, Ana Rosa ainda não sabia que Raimundo era mulato. Aliás, nem depois que tomou conhecimento, os seus sentimentos pelo rapaz se alteraram.

O trecho abaixo descreve as sensações da esposa do pai de Raimundo, D. Quitéria, para com o seu primeiro e único amor:

Entretanto dizia ela amargamente – tinha sua felicidade presa à sorte do desventurado maranhense. É que sentira-lhe a mágica influência

que os **homens superiores exercem sobre a mulher** – vira-lhe os olhos claros e inteligentes, onde o amor deveria de ter um reflexo especial, ouvira a música que ele, nos serões da família, arrancava de seu violão inspirado e os bonitos versos que compunha para a namorada – naquela frente tão nova e tão imponente admirava a virilidade do talento revolucionário e o heroísmo brilhante de um gênio superior à época em que floresceu! E tudo isto, como é muito natural, arrebatava-a para ele com todo o ardor do primeiro desejo. (OM, p. 11)

No caso de uma disputa pelo amor de uma mulher, os homens brancos teriam vantagem, uma vez que eram considerados superiores aos outros.

Em todo o romance, Aluísio Azevedo expôs suas críticas a respeito do papel feminino na sociedade maranhense. Sobre isto, Mérian afirma:

Seus estudos sobre o papel da mulher e seu lugar na sociedade, são a este nível, cheios de ensinamentos. Antes de adotar uma posição de romancista, Aluísio Azevedo possuía uma atitude de sociólogo. Seu método de abordagem das realidades sociais era diretamente inspirado pelos princípios filosóficos de Auguste Comte. Porém, as leituras de Darwin e de Spencer fizeram com que tomasse consciência mais precisa dos determinismos que agiam sobre a sociedade maranhense.⁶²

O mulato critica a formação que as mulheres tinham, em especial as maranhenses, que era marcada por um desconhecimento das ciências. Nesta perspectiva, retomo a presença do público feminino nas Conferências Populares da Glória, que assistiam às preleções visando a apreensão de um saber científico. Cabe sublimar que, a educação da mulher também foi um tema abordado pelos conferencistas. Com isso, merece destaque a cena em que Ana Rosa, ao remexer os objetos de Raimundo, abriu um livro de Gustave Le Bon:⁶³

⁶² MÉRIAN, Jean-Yves. op. cit., p. 163.

⁶³ Para Tzvetan Todorov, Gustave Le Bon foi um teórico racista do final do século XIX que, por meio da relativização dos valores, concluiu que tudo era diferente e que haveria uma descontinuidade entre as subespécies da humanidade. Adepto do poligenismo, fez uso de critérios anatômicos para comparar as diferentes raças humanas e os animais. Para Le Bon, existiriam quatro raças: as primitivas, composta por selvagens que não possuíam traços de cultura; as inferiores, integrada pelos negros; as raças médias, das quais

Ao abrir o livro Ana Rosa soltou logo uma envergonhada exclamação – dera com uma gravura em que *Le Bom* [sic], com a semcerimônia das ciências, expunha a seus leitores uma mulher nua, na ação de dar à luz a uma criança.

A fidelidade grosseira e friamente útil do desenho produziu no ânimo da moça uma impressão estranha e simpática, com a qual, sem compreender bem o que tinha diante dos olhos, ela fixava muito o livro, voltando-o de um para outro lado, a procura de uma explicação cabal – virou as folhas e, com o pouco que sabia do francês, ia acompanhando o sentido científico de vários fenômenos da criação, desenhados e coloridos para melhor compreensão dos estudantes.

Ao chegar, porém, em uma das estampas, fechou precipitadamente o livro e olhou em torno, como para certificar-se de que estava completamente só – tinha visto de surpresa um espetáculo inteiramente novo para ela.

Ana Rosa fizera-se cor de romã e repelira o indiscreto livro com um ligeiro e espontâneo movimento de pudor, mas pouco depois, convencendo a própria consciência de que tudo aquilo não passava de esclarecimentos científicos, destinados a facilitar aos estudantes a compreensão da matéria e a guiá-los nos seus estudos patológicos, muniu-se de coragem e afrontou a mesma página.

Aquela página abria, como um postigo, para um mundo vasto e desconhecido, porém cheio de atrações e mistérios.

Observou atenta e circunstanciadamente, compenetrando-se do que via e identificando-se eroticamente com o assunto fisiológico do desenho. E ao terminar esta observação, que fez dela um autômato sujeito aos sobressaltos dos próprios nervos e a miutilidade de seus músculos, a mulher sentiu desencadear-se-lhe nas entranhas uma grande revolução histórica – assaltaram-lhe aos sentidos excitados imperiosos desejos da maternidade; reclamaram-lhe de dentro, com insistência grosseira, a bestialidade de seu ser, o calor de seu sangue novo, a fecundidade de seu organismo plenamente desenvolvido e a impaciente atividade de seus órgãos ociosos. **Sentiu a necessidade absoluta de ser mãe**; sentiu que a natureza impunha-lhe, por uma lei irresistível, o dever de produzir e procriar muitos filhos – fortes, sadios, criados com seu leite, que seria bom e abundante, e que faria deles uns homens inteligentes e rijos. (*OM*, p. 158-159)

Até então Ana Rosa não havia sentido nada que explicitasse um desejo de ser mãe, apenas quando a ciência lhe mostrou, por meio dos desenhos, este anseio apareceu. Portanto, o discurso da ciência vinha para indicar qual seria o papel considerado natural da mulher na sociedade, como se não existisse o livre arbítrio. O fato de ela ter descoberto isso

faziam parte os chineses, os japoneses, os mongóis e os povos de origem semítica; por fim, estava a raça superior, ou branca. TODOROV, Tzvetan. op. cit.

via imagens, reporta aos desenhos de embriões levados por Miranda Azevedo à tribuna da Glória, usados como provas científicas. O médico fez uso das imagens para provar as suas afirmações acerca da embriologia. Foi também com as representações de Le Bon que Ana Rosa confirmou a função de mãe atribuída à mulher.

Assinalo o fato de Ana Rosa ter pego, dentre os vários livros que Raimundo possuía justamente o de Le Bon, uma vez que para este as mulheres eram consideradas inferiores aos homens. Ele efetuou analogia entre a classificação hierárquica das raças humanas e a dos sexos e das classes. Segundo Le Bon, a inferioridade feminina poderia ser atestada por meio da craniometria. O tamanho do crânio dos homens brancos seria maior que o dos homens negros. No entanto, o crânio das mulheres brancas seria menor que o dos homens brancos, aproximando-as dos homens negros e, com isso, tornando-as inferiores.

Nancy Leys Stepan sinaliza a importância da analogia para a construção de tal argumento. Ela afirma que, a dita semelhança entre as mulheres e os negros com relação aos pesos dos cérebros, e aos tamanhos e formatos da mandíbula e do crânio serviram de base empírica para que os cientistas do século XIX formassem teorias nas quais as mulheres fossem classificadas como representantes da “raça inferior de gênero”.⁶⁴

No final do romance, Ana Rosa casou-se com Luiz Dias, que havia se aburguesado e deixou de receber o desprezo da moça. Ela cumpriu o seu papel previamente já determinado – desposou um branco e tornou-se mãe, dando prosseguimento à linhagem branca da família. Interpreto a desilusão amorosa de Raimundo como a vitória do mais

⁶⁴ “Analogamente às raças inferiores, a mulher o desviante sexual, o criminoso, os pobres das cidades e os insanos eram, de um modo ou de outro, considerados ‘raças à parte’, cujas semelhanças entre si e as diferenças como homem branco ‘explicavam’ suas posições inferiores e diferentes na hierarquia social.” STEPAN, Nancy Leys. Raça e gênero: o papel da analogia na ciência. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 75.

forte, uma vez que o negro, protagonista da história, foi morto pelo branco que, inclusive, acabou casando-se com Ana Rosa. Uma aplicação do princípio darwinista no qual o mais forte sobreviveu e, neste caso, o branco foi o mais forte, e isto estava biológica e socialmente pré-determinado. Neste sentido, destaco a análise de Sílvio Romero, que afirmou: “Aplicando as leis de Darwin à literatura e ao povo brasileiro, é fácil perceber que a raça que há de vir a triunfar na luta pela vida, neste país, é a raça *branca*.”⁶⁵

Por meio da análise do romance pude observar que em várias passagens, bem como no enredo como um todo, houve a utilização de preceitos darwinistas que já haviam sido apresentados, discutidos e polemizados nas Conferências Populares da Glória e na imprensa carioca, sendo que o modo como estas idéias darwinistas foram operacionalizadas no romance era o mesmo do ocorrido da década de 1870. O processo de racialização da humanidade, a inferioridade dos negros e mulatos perante os brancos, a origem símia do homem, a analogia entre negros e macaco, a luta pela sobrevivência e a vitória do mais forte; estes foram tópicos que despontaram nas preleções sobre darwinismo na década de 1870 e que também fizeram parte da trama da obra de Aluísio Azevedo.

Portanto, a tribuna da Glória e a imprensa, espaços formadores de opinião pública, prepararam o público leitor, na década de 1870, para a compreensão de *O mulato* como uma obra literária permeada com a teoria de Darwin. As preleções ocorridas e a repercussão que elas tiveram nos jornais mostraram que parte dos envolvidos nos debates apoiava o darwinismo bem como a sua difusão, e a outra parte posicionou-se de forma contrária. Cabe ressaltar que a primeira edição do romance, de 1881, obteve boa acolhida na Corte entre a camada letrada que, por sua vez, era a mesma que havia freqüentado as

⁶⁵ ROMERO, Sílvio. *A literatura e a crítica moderna*. 1880, p. 48. Apud VENTURA, Roberto. op. cit., p. 64.

Conferências Populares da Glória. Portanto, esta camada que recebeu a obra de maneira positiva provavelmente tinha formado uma opinião favorável às idéias darwinistas na década anterior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho analisei a dinâmica de funcionamento das Conferências Populares da Glória entre os anos de 1873 e 1880, bem como a sua constituição como espaço de sociabilidade e de formação de opinião pública. Para tal, centrei minhas atenções nas discussões surgidas na imprensa carioca em consequência das preleções que trataram do darwinismo. Enfoquei este tema, porque foi o que mais repercutiu e polemizou nos jornais do Rio de Janeiro. Também busquei compreender como estes debates proporcionaram à camada letrada ler o romance *O mulato*, de Aluísio Azevedo, em 1881, percebendo os argumentos de caráter darwinista utilizados pelo escritor.

Em 1873, o conselheiro Manoel Francisco Corrêa criou as Conferências Populares da Glória, a fim de estabelecer um novo espaço para a divulgação da ciência, das artes e da literatura na cidade do Rio de Janeiro. Vale sublinhar que a ciência era concebida como o meio veículo que conduziria o Brasil à civilização, dentro dos moldes europeus. Com isso, os assuntos apresentados estavam centrados em temas culturais (literatura, teatro, história das civilizações, educação, geografia, gramática) e nos relacionados à ciência (matemática, biologia, medicina, botânica, ciências físicas).

As Conferências adquiriam um caráter pedagógico, embora não tivessem a pretensão de se constituir como espaço formal de educação. Muitas preleções eram realizadas sob a forma de cursos, ou seja, o mesmo tema era abordado em mais de um dia, como se fossem aulas. Os oradores que se apresentavam, em sua maioria médicos e bacharéis, já eram reconhecidos em outros círculos letrados e institucionais.

Havia um controle do acesso, uma vez que para assistir às preleções era necessária aquisição de um bilhete de entrada. A esse respeito, os periódicos questionaram as Conferências com relação ao público que se pretendia atingir. Pude concluir que o público

freqüentador desse local era composto pela camada letrada do Rio de Janeiro. Observei que as Conferências Populares da Glória tiveram boa aceitação entre esta parcela da sociedade, e firmaram-se como mais um espaço de sociabilidade na Corte. Desta maneira, obtiveram força política, constituindo-se como um espaço público privilegiado para a formação de opinião pública.

As Conferências da Glória eram anunciadas e comentadas nos jornais da grande imprensa, que trazia artigos debatendo as preleções e as idéias que ali eram expostas. A repercussão na imprensa foi importante tanto por dar legitimidade ao espaço das Conferências, quanto por reverberar discussões sucedidas, com isso, colaborando na disseminação e cristalização das idéias apresentadas. A relação entre as Conferências e a imprensa era uma via de mão dupla, visto que esta se definia enquanto uma tribuna pública. Desta forma, visando a formação de uma opinião pública, as Conferências se constituíram como um local propício para a discussão de temas que também eram abordados em outros espaços públicos.

Dentre essas novas idéias, enfatizei o darwinismo, pois as conferências que tiveram essa temática repercutiram na imprensa de maneira polêmica. Em 1875, a teoria de Darwin foi a temática das preleções do médico Augusto Cezar de Miranda Azevedo. O darwinismo ressignificado por Miranda Azevedo estendia as explicações biológicas para a sociedade, e desta forma, ele foi entendido como um instrumento que ajudaria a resolver os problemas sociais. Expor este tema neste espaço foi estratégico, pois as Conferências Populares da Glória haviam se caracterizado como um destacado local de sociabilidade e que reverberava nos jornais. A teoria de Darwin era compreendida como científica, moderna e originária de um local civilizado. Portanto, difundi-la aqui era fundamental.

Percebi que a recepção da teoria de Darwin na sociedade brasileira do século XIX não ocorreu de forma pacífica. Após a sua divulgação na tribuna da Glória, o darwinismo se tornou tema de destaque para a imprensa do Rio de Janeiro. As idéias darwinistas apresentadas nas Conferências Populares geraram nos periódicos cariocas uma polêmica entre favoráveis e contrários à teoria. Na disputa para provar que o darwinismo era ou não importante e válido, alguns periódicos se expuseram de maneira mais estridente e enfática que outros. Estes debates nos jornais foram marcados por discussões que denotavam um processo de racialização da humanidade, no qual os brancos foram classificados como superiores e os negros como inferiores, sendo estes com freqüência comparados e aproximados aos macacos.

Por fim, analisei a obra *O mulato*, de Aluísio Azevedo, publicada em 1881. Percebi que as discussões sobre o darwinismo, ocorridas na tribuna da Glória e que foram repercutidas e polemizadas na imprensa, na década de 1870, prepararam o público leitor da Corte para a compreensão do romance como permeado da teoria de Darwin. Uma vez que, *O mulato*, obteve boa aceitação na Corte entre a camada letrada que, por sua vez, era a mesma que havia freqüentado as Conferências Populares na década anterior. Constatei que o darwinismo foi operacionalizado no romance da mesma maneira que nas Conferências. A introdução do darwinismo em uma obra de literatura mostra que ele já havia adquirido outra categoria de difusão no início da década de 1880, sinalizando que a opinião pública, neste momento, já aceitava tal termo no campo literário.

Ao analisar o romance encontrei em várias passagens, bem como no enredo como um todo, a utilização de preceitos darwinistas. A racialização do homem, a superioridade dos brancos com relação aos negros, a ancestralidade símia da humanidade, a analogia

entre negros e macacos, a luta pela sobrevivência e a vitória do mais forte foram tópicos que despontaram nas preleções sobre darwinismo na década de 1870 e que também fizeram parte da trama da obra de Aluísio Azevedo.

Fontes

1) Periódicos

Arquivo Edgard Leuenroth (Unicamp):

O Apostolo (1873-1880)

Conferencias Populares (1876)

O Correio do Povo (15/03/1890)

Diario do Rio de Janeiro (1873-1878)

Gazeta de Noticias (1875-1880)

Gazeta da Tarde (1881)

O Globo (1874-1878)

Jornal do Commercio (1873-1880)

A Reforma (1873-1879)

2) Impressos

Academia Nacional de Medicina

AZEVEDO, Augusto Cezar de Miranda. *Beribéri*. Tese apresentada em 3 de novembro de 1874. Rio de Janeiro: Typographia Academica, 1875.

Biblioteca Nacional

ARARIPE, Tristão de Alencar. *Como cumpre escrever a História Pátria*. Conferência em 7 de fevereiro de 1876. Rio de Janeiro: Typ. Imp. E. Const. de J. C. de Villeneuve & C., 1876.

_____. *O papado*. Conferência de 12 de julho de 1874. Escola popular. Fortaleza: Typ. Brasileira, 1874.

AZEVEDO, Augusto Cezar de Miranda. *Hidrologia médica brasileira. Das águas minerais em geral e especificamente do Brasil. Conferencias Populares feitas nas escolas da*

Glória e de S. José no Rio de Janeiro em 1875. Campanha, MG: Typ. do “Monitor Mineiro”, 1882.

AZEVEDO, D. M. Moreira de. *Biografia do Conselheiro Manoel Francisco Correia*. Rio de Janeiro: Typ. Guimarães, 1900.

BARROSO, José Liberato. *A instrução pública no Brasil*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1867.

Biografia do Dr. José Thomaz da Porciúncula. Redigida por iniciativa da comissão central encarregada de promover as homenagens a S. Ex. por ocasião da terminação de seu período presidencial. Petrópolis, RJ: Typ. Jeronymmo Silva & C., 1895.

CAMINHOÁ, Joaquim Monteiro. *Elementos de botânica geral e médica*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1877.

CARDOSO, José Antonio dos Santos. *Conferencias e outros trabalhos de Manoel Francisco Corrêa*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1885.

CORRÊA, Manoel Francisco. *Discursos parlamentares e literários. Conferências e trabalhos diplomáticos e administrativos*. II. Rio de Janeiro: [s.n.], 1876.

LEITE, Nicolau Rodrigues dos Santos França. *Conferência sobre o progresso material da província de São Paulo*. Rio de Janeiro: Typ. do *Diario do Rio de Janeiro*, 1874.

SENNA, Ernesto. *Conselheiro Antonio Ferreira Vianna e sua obra* (notas de um repórter). Rio de Janeiro: Typ. do *Jornal do Commercio* de Rodrigues & C., 1902.

Instituto Histórico Geográfico

BITTENCOURT, Feliciano Pinheiro de. *Conferencias efetuadas na escola da Glória*. Rio de Janeiro: Lombaerts & C, 1882.

CORRÊA, Manoel Francisco. Discurso proferido pelo Ilmo. Exmo. Sr. Conselheiro Manoel Francisco Corrêa ao inaugurar a Escola da Praça D. Pedro I construída pela Associação promotora de Instrução. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1882.

CORREIA, Eduardo. *Trabalhos do conselheiro Manoel Francisco Correia*. Tomo II. Rio de Janeiro: Typographia da Papelaria Leandro, 1909.

Galeria nacional. Vultos proeminentes da história brasileira. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do “Jornal do Brasil”, 1932.

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Biblioteca da Faculdade de Letras

AZEVEDO, Aluizio. *O mulato*. São Luiz: Typ. do Paiz, 1881.

Arquivo Digital: Universidade Federal Fluminense

Código criminal do Império do Brasil – 1831. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1876.

Arquivo Digital: Presidência da República Federativa do Brasil

Constituição política do Império do Brasil – 1824.

Arquivo Digital: Center for Research Libraries –University of Chicago

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1874.

Relatório do Ministério dos Negócios do Império. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1874.

3) Manuscritos

Instituto Histórico Geográfico

Cartas de Manoel Francisco Correia a Francisco A. de Menezes Doria. 04/09/1876 (p. 98) e 07/11/1877. Lata 172 – Doc 1.

4) Obras de referência

AULETE, Caldas. *Diccionario contemporaneo da lingua portuguesa*: feito sobre um novo plano inteiramente novo. Imprensa Nacional: Lisboa, 1881.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. 7 v.

- VIEIRA, Dr. Fr. Domingos. *Grande dictionario portuguez* ou Tesouro da língua portugueza. Porto: Typ. de Antonio Jose da Silva Teixeira, 1873.
- SILVEIRA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. 5ª ed. [S.l.:s.n], [18--]. v. 1.
- _____. *Diccionario da lingua portugueza*. 6ª ed. Lisboa: Typ. de Antonio Jose da Rocha, 1858. v. 2.

Bibliografia

- ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro – 1830 e 1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: _____ (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 2.
- ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- AZEVEDO, Célia Maria Marinho. Para além das relações raciais: por uma história do racismo. In: *Anti-racismo e seus paradoxos: reflexões sobre cota racial, raça e racismo*. São Paulo: Annablume, 2004.
- _____. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. São Paulo: Annablume, 2004.
- BALABAN, Marcelo *Poeta do lápis: a trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888*. Campinas, SP, 2005. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas.
- BARATA, Alexandre Mansur. *Luzes e sombras: a ação da maçonaria brasileira (1870-1910)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória – Unicamp, 1999.
- BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. São Paulo: Convívio; Edusp, 1986.

- BLANCKERT, Claude. Lógicas da antropotécnica: mensuração do homem e bio-sociologia. *Revista Brasileira de História*. v. 21, n. 41, 2001.
- BORGES, Dain. Puffy, ugly, slothful and inert: degeneration in brazilian social thought, 1880-1940. *Journal of Latin American Studies*. v. 25, n. 2, 1993.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- _____. *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: Edusp, 1988.
- CANO, Jefferson. *O fardo dos homens de letras: o “orbe literário” e a construção do império brasileiro*. Campinas, SP, 2001. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas.
- CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas: o imaginário da República do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASALI, Alípio Márcio Dias. *Elite intelectual e restauração da Igreja*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. Para que servem os narizes? Paternalismo, darwinismo social e ciência racial em Machado de Assis. In: CHALHOUB, Sidney et alii. *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- CID, Maria Rosa Lopes. *O aperfeiçoamento do homem por meio da seleção: Miranda Azevedo e a divulgação do darwinismo, no Brasil, na década de 1870*. Rio de Janeiro, 2004. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.
- CLAEYS, Gregory. “The ‘Survival of the Fittest’ and the origins of social darwinism”. *Journal of History Ideas*. v. 61, n. 2, 2000.
- COELHO, Edmundo Campos. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- COLLICHIO, Therezinha Alves Pereira. *Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.
- CRUZ COSTA, João. *Contribuição à história das idéias no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

- DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol, SÁ, Magali Romero, GLICK, Thomas (Org.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2003.
- EDLER, Flávio Coelho. *Reformas do ensino médico e profissionalização da medicina na corte do Rio de Janeiro, 1854-1884*. São Paulo, 1992. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2.
- FERREIRA, Lúcio Menezes. *Vestígios de civilização: a arqueologia no Brasil Imperial (1838-1877)*. Campinas, SP, 2002. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas.
- FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.
- FONSECA, Maria Rachel Fróes da. As “Conferências Populares da Glória”: a divulgação do saber científico. *História, ciências, saúde – Manguinhos*. v. 2, n. 3, p. 135-166, nov. 1995/fev. 1996.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. O negro no romance urbano oitocentista. *Estudos Afro-Asiáticos*. n. 29, p. 97-112, dez. 1996.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. As idéias estão no lugar, *Cadernos de Debate 1*. História do Brasil. São Paulo: Brasiliense.
- GOMES, Flávio dos Santos; CÔRTEZ, Giovana. Xavier da Conceição. Entre Cores e hierarquias inventadas: sobre taxonomias raciais e Literatura em São Luís (1865-1915). In: GOMES, Flávio dos Santos et alii. *Meandros da História*. Trabalho e Poder no Grão-Pará e no Maranhão. Belém, PA; Viçosa, MG: Unamaz, 2005.
- GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. *Evolucionismo e ciência no Brasil: museus, pesquisadores e publicações, 1870-1915*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.
- LIMA, Luiz Costa. A crítica literária na cultura brasileira do século XIX. In: *Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- LUCA, Tania Regina De. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.
- MARCHANT, Elizabeth. Naturalism, race, and nationalism in Aluisio Azevedo's *O mulato*. *Hispania*. v. 8, n. 3, p. 445-453, sep. 2000.
- MAYER, Arno J. *A força da tradição: a persistência no Antigo Regime, 1848-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MEIRELLES, Juliana Gesuelli. *Das margens ao centro: sobre a trajetória político-literária de Valentim Magalhães (1883-1885)*. Campinas, SP, 2001. Monografia (Graduação em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas.
- MENCARELLI, Fernando Antonio. *Cena aberta: a absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999.
- MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo, vida e obra (1857-1913): o verdadeiro Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo Banco Sudameris; Brasília: INL, 1988.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se faz a crônica. In: *A crônica*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.
- MOISÉS, Massuad. Alguns aspectos da obra de Aluísio Azevedo. *Revista do livro*. Rio de Janeiro: MEC, INL, n. 16, dez. 1959.
- MONTELLO, Josué. *Aluísio Azevedo e polêmica d'“O mulato”*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1975.

- MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820-1840*. São Paulo: Hucitec, 2005.
- NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *A ressaca da marujada: recrutamento e disciplina na Armada Imperial*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.
- NASCIMENTO, Milton Meira do. *Opinião pública e revolução: aspectos do discurso político na França revolucionária*. São Paulo: Nova Stella: Edusp, 1989.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira Republica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- PAIM, Antônio. *A escola do Recife*. Londrina, PR: Editora da UEL, 1999.
- _____. *História das idéias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1967.
- PENA, Eduardo Spiller. *Pajens da casa imperial: juriconsultos, escravidão e a Lei de 1871*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2001.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- PIMENTA, Tania Salgado. *Artes de curar: um estudo a partir dos documentos da fisicatura-mor no Brasil do começo do século XIX*. . Campinas, SP, 1997. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas – Departamento de História.
- POLIAKOV, Léon. *O mito ariano: ensaios sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva, Edusp, 1974.
- RENAULT, Delso. *O dia-a-dia do Rio de Janeiro segundo os jornais: 1870-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1982.
- RIBEIRO, Glayds Sabina. “*Cabras*” e “*pés-de-chumbo*”: os rolos do tempo. O antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1930). Niterói, RJ, 1987. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, CECULT, IFCH, 2001.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

- _____. *Retrato em branco e negro: jornais escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SCHWARZ, Roberto. As idéias fora do lugar. In: *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVEIRA, Renato. Os selvagens e a massa: papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental. *Afro-Ásia*. n. 23, p. 87-144, 1999.
- SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- _____. *O naturalismo no Brasil*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.
- STEPAN, Nancy Leys. Raça e gênero: o papel da analogia na ciência. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros. A reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, 1v.
- TUBINO, Nina. *Sinopse biográfica de Benjamim Franklin Ramiz Galvão (Barão de Ramiz) 1846-1938*. Brasília, DF: [s.n.], 1994.
- VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. História e crítica em Sílvio Romero. In: *História da literatura: ensaios*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

ANEXO

Conferencistas que ocuparam as tribuna da Glória entre os anos de 1873 e 1880

Conferencista	Total	1873	1874	1875	1876	1877	1878	1879	1880
Affonso Celso de Assis Figueiredo	1	1							
Affonso Celso de Assis Junior	1				1				
Alfredo da Sileira Bastos	1						1		
Antenor Augusto Ribeiro Guimarães	11		7	4					
Antonio Felicio dos Santos	1				1				
Antonio Ferreira Vianna	20		19				1		
Antonio Herculano de Souza Bandeira Filho	3			3					
Antonio José Pereira da Silva Araujo	2			1					1
Antonio Mendes Limoeiro	2				1				1
Antonio Zeferino Candido	1								
Augusto de Carvalho	1				1				
Augusto Cezar de Miranda Azevedo	12		1	7	4				
Benjamim Franklin Ramiz Galvão	1								1
Bento Gonçalves Cruz	1				1				
Carlos Arthur Busch Varella	4		3						1
Charles Frederic Hartt	1		1						
Carlos Victor Boisson	5			2			1		2
Clément Jobert	2				2				
Cypriano de Sousa Freitas	1								1
Domingos José Bernardino de Almeida	1								1
Eliseu de Sousa Martins	1								1
Ennes de Souza	2								2
Feliciano Pinheiro de Bittencourt	27				3		4	15	5
Felix Belly	1		1						
Francisco Antonio de Carvalho Junior	1					1			
Francisco Ignacio de Carvalho Rezende	3			2	1				
Francisco José de Freitas	1		1						
Francisco Marques de Araujo Góes	4						4		
Francisco Praxedes de Andrade Pertence	3								3
Francisco Ribeiro de Mendonça	11				8		2	1	
Galdino Emiliano das Neves	1			1					
Gustave Aimard	1							1	
Gustavo José Alberto	2			2					
Herman Luiz Gade	1				1				
Hilário Soares de Gouvea	1								1
João Baptista Kossuth Vinelli	1								1
João Baptista da Silva Gomes Barata	6			6					
João Barbosa Rodrigues	1								1
João Braz da Silveira Caldeira	12						6	5	1
João da Costa Lima e Castro Filho	1			1					
João Manoel Pereira da Silva	36	2	8	6	9		1	6	4
João Martins Teixeira	1								1
João Paulo de Carvalho	1								1
João Pizarro Gabizo	3				3				

João dos Reis de Souza Dantas Sobrinho	1						1		
Joaquim José de Amorim Carvalho	2		2						
Joaquim José de Menezes Vieira	1		1						
Joaquim José Teixeira	2		2						
Joaquim Monteiro Caminhoá	12		2		9				1
Joaquim Nabuco Barreto de Araujo	3		3						
John Landsman	3						2	1	
José de Almeida Soares	1							1	
José Antonio Fernandes Lima	1		1						
José Cardoso de Moura Brazil	1								1
José da Cunha Ferreira	3				3				
José Hermann de Tautphoeus	5		3				1	1	
José Liberato Barroso	3		3						
José Maria Velho da Silva	9						8	1	
José Martins da Cruz Jobim	8		1	2	5				
José Palmella	1		1						
José de Oliveira Campos	1		1						
José de Saldanha da Gama	4		3						1
José Thomaz da Porciuncula	1				1				
Joseph Auguste Aristide Fort	1								1
Luiz de Albuquerque Araujo Cavalcanti	1		1						
Luiz de Almeida Araujo Cavalcante	1		1						
Luiz Alves Leite de Oliveira Bello	2		2						
Luiz Correia de Azevedo	1		1						
Luiz Joaquim Duque-Estrada Teixeira	11	3	3	1					4
Luiz Maria Vidal	1				1				
Manoel Francisco Correia	41	1	9	6	8		6	6	5
Manoel Francisco Correia Junior	2			1			1		
Manoel Hilário Pires Ferrão	3			3					
Manoel Jesuíno Ferreira	2		2						
Manoel Joaquim Fernandes Eiras	2								2
Miguel Antonio da Silva	3						2		
Misael Ferreira Penna	1		1						
Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite	1		1						
Nuno Ferreira de Andrade	8		1	2	3		1		1
Pedro Rodrigues Soares de Meirelles	1		1						
Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes	1				1				
Rozendo Moniz Barreto	1		1						
Soeiro Guarany	2		2						
Theophilo das Neves Leão	7	2	5						
Thomaz Alves Junior	1		1						
Tristão de Alencar Araripe	4				2		1		1
Total	354	9	96	50	70	1	44	38	46
Número de conferencistas	86	5	35	17	23	1	18	10	27